



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTADO E SOCIEDADE

LAVÍNIA ALVES OLIVEIRA

**DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO EM ARRAIAL D'AJUDA: CONTEXTO,
DEVOÇÃO E TENSÕES**

PORTO SEGURO – BA
2024

LAVÍNIA ALVES OLIVEIRA

**DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO EM ARRAIAL D'AJUDA: CONTEXTO,
DEVOÇÃO E TENSÕES**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da Universidade Federal do Sul da Bahia, como requisito para obtenção do Título de Mestra em Estado e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres Cancela

PORTO SEGURO – BA
2024

Catálogo na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
Sistema de Bibliotecas (SIBI)

O48d Oliveira, Lavínia Alves, 1997 –
Devoção a São benedito em Arraial d’Ajuda: contexto, devoção e
tensões. / Lavínia Alves Oliveira. – Porto Seguro, 2024.
116 f.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres Cancela
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia.
Centro de Formação em Ciência Humanas e Sociais. Programa de Pós-
Graduação em Estado e Sociedade. Campus Sosígenes Costa.

1. Arraial d’Ajuda. 2. Devoção. 3. São Benedito. I. Cancela, Francisco
Eduardo Torres. II. Título.

CDD – 242.37

Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE MESTRADO


Aos quinze dias do mês de março do ano de 2024, às 14h, via webconferência através da sala virtual com link de transmissão <https://mconf.rnp.br/webconf/csc-2>, reuniram-se as/os membras/os da banca examinadora composta pelas/os docentes Dr/a. Francisco Cancela (presidente da banca), Dr/a. Edilece Souza Couto (membro/a externo), Dr/a. Janaína Zito Losada (membro/a interno/a), Dr/a. e Dr/a. Pablo Antunha Barbosa (membro/a interno/a), a fim de arguirm o/a mestrando/a **Lavinia Alves Oliveira** na defesa de sua dissertação, cujo trabalho de pesquisa intitula-se “**DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO NO ARRAIAL D’AJUDA: CONTEXTO, DEVOÇÃO E TENSÃO**”. Aberta a sessão pelo/a presidente da banca, coube ao/à candidato/a, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionado/a pelos/as membros/as da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias.

As/Os membras/os da banca consideraram a dissertação:


- (X) Aprovada () Aprovada com modificações
() Não aprovada, devendo ser realizada nova defesa no prazo de ____ meses.

Recomendações da Banca:

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO EDUARDO TORRES CANCELA
Data: 16/03/2024 19:11:59-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof./a. Dr./a. Francisco Eduardo Torres Cancela
(UFSB / PPGES) *Presidente da banca*

Documento assinado digitalmente
 JANAINA ZITO LOSADA
Data: 18/03/2024 18:14:10-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof./a. Dr./a. Janaína Zito Losada
(UFSB / PPGES) *Membro/a interno/a*

Documento assinado digitalmente
 PABLO ANTUNHA BARBOSA
Data: 14/06/2024 10:13:26-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof./a. Dr./a. Pablo Antunha Barbosa
(UFSB / PPGES) *Membro/a interno/a*

Documento assinado digitalmente
 EDILECE SOUZA COUTO
Data: 12/06/2024 10:08:53-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof./a. Dr./a. Edilece Souza Couto
(UFBA) *Membro/a externo/a*

Documento assinado digitalmente
 LAVINIA ALVES OLIVEIRA
Data: 16/03/2024 19:19:02-0300
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Lavinia Alves Oliveira
Candidata

Webconferência, 15 de março de 2024.

AGRADECIMENTOS

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(**Conceição Evaristo**, In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

Escolhi começar os agradecimentos com esse poema, ele diz dar importância que esse Mestrado tem para muitas mulheres da minha família que não conseguiram alcançar o Ensino Superior e outros espaços. Muitas não estão aqui para ver, mas suas lutas resultaram nessa conquista. Luciene, minha mãe, sua voz ecoou baixinho revolta, mas também ecoou coragem a mim, como sempre me diz *cabeça erguida sempre*, obrigada por ter se doado tanto na minha criação e por sempre ter me mostrado que eu sou capaz, para que eu pudesse ecoar liberdade. Ao meu pai, Gidelson, seu carinho, proteção e a presença paterna foram fundamentais para as minhas conquistas, obrigada por me mostrar que levar a vida com o olhar humanitário e leve, nos proporciona paz de espírito. Vocês dois fazem parte de tudo isso, obrigada!

Agradeço a proteção dos seres superiores, especialmente São Benedito, pela permissão de falar sobre a sua devoção.

Ao meu companheiro Gil, pela paciência, carinho, empatia, encorajamento, durante todo esse percurso, desde a graduação até aqui, você foi o primeiro a acreditar que essa pesquisa seria possível.

As minhas irmãs, Letícia, companheira de vida, que sempre esteve vivendo cada momento comigo, do choro as alegrias. E a Bianca, pelo encorajamento, por sempre me mostrar que é importante correr riscos e mesmo com medo, seguir.

As minhas tias, especialmente, tia Ana Raquel, que desde a graduação me incentivou, me fazendo vivenciar que “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017). Você ocupou espaços antes de muitas da nossa família e nos faz entender que também podemos.

A Dona Dete, uma mulher forte, minha sogra, que fez todo esforço possível para que eu pudesse chegar a cada entrevistado, sem a sua mediação e conhecimento, essa pesquisa não tomaria esse rumo.

Ao meu orientador, Francisco Cancela, que desde 2018 depositou a sua experiência e confiança na pesquisa, nesses anos de orientação se demonstrou paciente, confiou em mim quando nem eu acreditava que era possível, por sempre me encorajar a ocupar os espaços, principalmente esse do PPGES.

Aos professores desse programa, especialmente Ana Carneiro, Álamo Pimentel e Gustavo Gonçalves. A Janaína Losada, que vem acompanhando essa pesquisa desde o período da graduação, com colocações tão importantes e carinhosas, por mais uma vez aceitar participar desse momento de finalização de um ciclo. Ao Pablo Barbosa, pelas contribuições da área da Antropologia desde o estágio até a presença na banca, os seus questionamentos só enaltecem ainda mais essa pesquisa.

Agradeço a Edilece Couto pela disponibilidade de aceitar participar dessa banca, a sua colaboração e especialidade na área desse estudo foi gratificante.

Aos colegas apresentados ao longo do PPGES, Renata, Camila, Vivian, Yane e Luciano.

As colegas e amigas do trabalho, Alana, Selma, Gírlane, Deise, Luciane e Michele, pela disponibilidade de organizar os horários para que eu pudesse ir para as aulas, além de toda a empatia e carinho

E para finalizar, agradeço as pessoas que entrevistei e aquelas que mediarão, sem elas, esse trabalho não seria tão possível, obrigada senhor Hermes, sua companheira dona Luca, sua filha Consé e neta Lari; senhor Fernando, Edu, dona Lia, Antoninha, Santinha, Patrícia, dona Dora e dona Flor.

RESUMO

As devoções religiosas estão presentes em várias localidades do Brasil. Em Porto Seguro, no distrito de Arraial d'Ajuda, não é diferente. Entre as presentes, há o culto a São Benedito, que não é um fenômeno exclusivo desse distrito; ocorre em outros lugares do Brasil. É uma manifestação religiosa e cultural que recebe variações locais, devendo ser analisadas isoladas e comparativamente. A devoção ao santo negro é longínqua, os primeiros registros em Arraial d'Ajuda datam do ano de 1913 e faz parte do cotidiano da população afro-brasileira do local. Desse modo, a pesquisa visa analisar a devoção de São Benedito em Arraial d'Ajuda, a partir da historiografia local e das memórias dos participantes, buscando investigar quais os sentidos que os devotos do santo atribuem à devoção ao longo dos anos. Para isso, as fontes foram baseadas na história oral (ALBERT, 2013), entrevistas com devotos, fotografias, matérias do Jornal Correio de Porto Seguro e bibliografias de memorialistas locais sendo Pinheiro Pucu (1993) e Romeu Fontana (1988). O termo devoção é apresentado durante todo o trabalho, esse conceito será apresentado a partir das discussões de José Pereira (2003) e Marcelo Carmuça (2006); os devotos criam os seus próprios modos de representação em relação ao santo, partindo disso, buscamos o conceito de representação (Chartier, 1990). As transformações da devoção estão atreladas também ao processo de turistificação do distrito, desse modo, partimos do debate da Margarita Barretto (2001). Com base nos levantamentos entendemos que as devoções já ocuparam um local de destaque no distrito, especificamente a de São Benedito que resiste com diversas transformações, assim como as demais; as memórias devocionais estão presentes em objetos, nas famílias e memórias.

Palavras-chave: Arraial d'Ajuda; Devoção; São Benedito

ABSTRACT

Religious devotions are present in several locations in Brazil. In Porto Seguro, in the district of Arraial d'Ajuda, it is no different. Among them is the cult of Saint Benedict, which is not a phenomenon exclusive to this district; it occurs in other places in Brazil. It is a religious and cultural manifestation that undergoes local variations and should be analyzed separately and comparatively. Devotion to the black saint is ancient; the first records in Arraial d'Ajuda date back to 1913 and is part of the daily life of the local Afro-Brazilian population. Thus, the research aims to analyze the devotion to Saint Benedict in Arraial d'Ajuda, based on local historiography and the memories of participants, seeking to investigate the meanings that the saint's devotees attribute to the devotion over the years. To this end, the sources were based on oral history (ALBERT, 2013), interviews with devotees, photographs, articles from the *Correio de Porto Seguro* newspaper and bibliographies of local memorialists, such as Pinheiro Pucu (1993) and Romeu Fontana (1988). The term devotion is presented throughout the work, this concept will be presented based on the discussions of José Pereira (2003) and Marcelo Carmuça (2006); devotees create their own ways of representing the saint, based on this, we sought the concept of representation (Chartier, 1990). The transformations of devotion are also linked to the process of touristification of the district, thus, we started from the debate of Margarita Barretto (2001). Based on the surveys, we understand that devotions have already occupied a prominent place in the district, specifically that of São Benedito, which resists with several transformations, as well as the others; devotional memories are present in objects, in families and memories.

Keywords: Arraial d'Ajuda; Devotion; Saint Benedict

LISTA DE SIGLAS

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: IGREJA NOSSA SENHORA D'AJUDA ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A 1970.

FIGURA2:PARTEINTERNEDAIGREJANOSSASENHORAD'AJUDA EASUAPARTESUPERIOREXTERNA,ENTREASDÉCADAS DE 1930 A 1970

FIGURA 3: FONTE DE ÁGUA MILAGROSA E ANTIGA ERMIDA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA

FIGURA4: FONTE NOSSA SENHORA D'AJUDA, 2022

FIGURA 5: CAMPO DE AVIAÇÃO DO ARRAIAL D'AJUDA

FIGURA6: PRAÇA DA IGREJA, MEADOS DA DÉCADA DE1970

FIGURA 7: RUA SÃO PEDRO, POPULARMENTE CONHECIDO COMO RUA DA BROADWAY, EM MEADOS DA DÉCADA DE1970

FIGURA 8: CONVITE A COMUNIDADE CATÓLICA PARA A FESTA DE SÃO BENEDITO

FIGURA 9: IMAGEM DE SÃO BENEDITO PADRINHO CARREGADOR

FIGURA 10: IMAGEM DE SÃO BENEDITO PADRINHO CARREGADOR

FIGURA 11: SÃO BENEDITO PADRINHO CARREGADOR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA

FIGURA 12: IMAGEM DE SÃO BENEDITO QUE SAIA DURANTE A ESMOLA

FIGURA 13: SÃO BENEDITO

FIGURA 14: FOTO DA PINTURA CONTIDA NO QUADRO EXIBIDO NA PAREDE DO CONVENTO DE SANTA MARIA DE GESÙ EM PALERMO, NA SICÍLIA/ITÁLIA

FIGURA 15: SÃO BENEDITO DAS FLORES

FIGURA16: ÁRVORE GENEALÓGICA DA DEVOÇÃO NA FAMÍLIA DE DONA ATONINHA.

FIGURA17: ÁRVORE GENEALÓGICA DA DEVOÇÃO NA FAMÍLIA DO SENHOR HERMES

FIGURA 18: PROCISSÃO DE SÃO BENEDITO

FIGURA 19: PROCISSÃO DE SÃO BENEDITO NA PARTE LATERAL DA IGREJA

FIGURA 20: O ALMOÇO APÓS A PROCISSÃO

FIGURA 21: O ALMOÇO APÓS A PROCISSÃO

FIGURA 22: INAUGURAÇÃO DO ALTAR DENTRO DO CEMITÉRIO DE SÃO BENEDITO

FIGURA 23 PARTE LATERAL DO CEMITÉRIO, 2024

FIGURA 24: PARTE DA FRENTE DO CEMITÉRIO, POR DENTRO

FIGURA 25: PARTE INTERNA DO CEMITÉRIO

FIGURA 26: A FRENTE DO CEMITÉRIO

FIGURA 27: IMAGEM DO CENTRO DO ARRAIAL D'AJUDA

FIGURA 28: IMAGEM DE SÃO BENEDITO

FIGURA 29: IMAGEM SÃO BENEDITO NO ANDOR

FIGURA 30: IMAGEM SÃO BENEDITO NO ANDOR

FIGURA 31: PROCISSÃO

FIGURA 32: DEVOTOS TOCANDO ATABAQUES NA PORTA DA IGREJA

FIGURA 33: DEVOTOS TOCANDO ATABAQUES A CAMINHO DA CASA DA SANTA

FIGURA 34: DEVOTOS CHEGANDO AO LOCAL DE ONDE ESTÁ OCORRENDO A ALIMENTAÇÃO

Sumário

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: ALGUNS ASPECTOS DO ARRAIAL D'AJUDA: MORADA DEPESCADORESE LUGAR DE ROMARIA	20
1.1. Arraial d'Ajuda: da fonte miraculosa a um destino turístico	20
1.2. A ocupação das devoções no Arraial de pescadores	36
CAPÍTULO 2: AS FORMAS DE DEVOÇÃO	42
2.1. “É, São Benedito se santificou mesmo” - <i>Hagiografia de São Benedito</i>	42
2.2. “Pois tudo com fé primeiramente Deus, segundo ele”: Devoção na família	61
2.3. Rastros de saudade: “ <i>Naquele tempo era assim</i> ”	72
CAPÍTULO 3: A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO EM MEIO A CONFLITOS, MEDIAÇÕES E TENSÕES.....	86
3.1. “ <i>As pessoas não vai acabar uma tradição por causa de você, recém-chegada, forasteiro</i> ”	86
3.2. Os novos sentidos da devoção.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

A rua estava vazia, era um domingo de Natal, cedo e chuvoso. Cheguei à praça da igreja 7h03, imaginando que logo chegaria os primeiros devotos. A chuva aumentou, estava tão forte que o meu guarda-chuva não suportava mais.

Já eram 8h00, até o momento não apareceu ninguém, logo recebi uma mensagem da Lari, neta do senhor Hermes, um dos devotos, que mais a frente será apresentado. Ela me disse que talvez a esmola não fosse sair, pelo fato de a maioria dos devotos serem idosos e a chuva impossibilitava isso, mas que me daria uma resposta, fiquei um pouco frustrada, mas ainda com esperança.

Com o passar o tempo, pensei no Malinowski, na importância de poder observar o objeto pesquisado para além dos dados escritos e ditos “[...] há uma série de fenômenos de grande importância que não podem ser registrados através de perguntas, ou em documentos quantitativos, mas devem ser observados em sua plena realidade” (Malinowski, p.56, 1990). Embora o objetivo da pesquisa seja o passado dessa devoção a partir da memória dos participantes, como se encontra na atualidade, é importante também ver na prática as transformações ao longo dos anos.

A chuva passou, voltei para a praça na expectativa que a esmola saísse a qualquer momento. Fui para trás da igreja de Nossa Senhora d’Ajuda, avistei o mar, estava com uma neblina, logo imaginei: a chuva voltará.

A chuva voltou forte, já não dava para permanecer na praça. Fui tomada por um frio, pela falta de esperança e pela fome. Com traços de tristeza, já se aproximavam das 10h00, fiquei mais algum tempo e voltei para a casa. Por volta das 12h00, a Lari e Consé, esta última, filha do senhor Hermes, me responderam, dizendo que de fato a esmola não sairia, mas que poderia acontecer no dia seguinte, 26 de dezembro, nos bairros.

No dia seguinte, 26 de dezembro de 2022, nas primeiras horas do dia entrei em contato com Consé e Lari. Tive como resposta, com tom de frustração delas, que a esmola não sairia, pois a pessoa eleita a passar o ano inteiro com a imagem de São Benedito em casa e também, responsável pela organização da Tirada da Esmola, falou que não iria sair. Mais uma vez fui tomada por um sentimento de desilusão, mas depois lembrei: para uma pesquisa um “não” é questionamento a ser criado e uma resposta a ser tecida. Afinal, qual era o significado daquele acontecimento? Essa não saída da esmola pode ser um aspecto das alterações da devoção. Ao mesmo tempo, pensando que a maioria dos mantenedores da

devoção são idosos, como exigir sair às ruas depois de uma pandemia? Como salienta Eric Hobsbawm (1997), as tradições são inventadas, elas vão se adaptando ao tempo, espaço e gerações.

O não acontecimento da Tirada Esmola que presenciei gerou alguma competição entre famílias e vizinhos. Ao conversar com membros de uma das famílias que ficava à frente da organização da festa, recebi como resposta: “*no tempo da nossa família, a esmola sempre saía*”

O retrocesso dos festejos a São Benedito é observado pelos seus devotos. As explicações não ficam apenas no campo da disputa de memórias, como se viu acima, muitos entrevistados apresentam razões das mais diversas, incluindo aspectos religiosos e econômicos.

A narração acima da minha experiência com a Tirada da Esmola foi um empréstimo do campo da Antropologia, do método etnográfico, para trazer a primeira experiência de acompanhar essa devoção na atualidade, pós-pandemia de COVID-19. Saliento que essas informações foram fruto do ouvir e do olhar. Durante as entrevistas, ambas, como coloca Roberto Cardoso de Oliveira (2006): não podem tomar como funções independentes no exercício da pesquisa, ainda que, com dificuldades, mostrando “[...] que a caminhada da pesquisa é sempre difícil, sujeita a muitas quedas” (Oliveira, p.18, 2006).

E é diante disso, que tenho a oportunidade de olhar o festejo em devoção ao santo pela primeira vez, para além do que os entrevistados me contavam, chegou o meu momento de vivenciar. Ao voltar com as entrevistas em 2022, momento que já estávamos, em teoria, vacinados contra a COVID-19, as pessoas as quais ouvi os depoimentos sobre a devoção, me alertavam para não perder a Tirada da Esmola no dia 25 de dezembro, às 7h00 pontualmente, na porta da igreja.

O propósito dessa pesquisa é oriundo da experiência como pesquisadora e bolsista em um projeto de pesquisa e extensão financiado pela Pró-Reitoria de Ações Afirmativas – PROAF-UNEB (2018-2020), com o tema: *a Investigação Histórica no Museu de Arte Sacra de Porto Seguro: traçando a presença e participação dos afro-brasileiros na história e cultura da cidade*, iniciado em julho de 2018, orientado pelo professor Francisco Cancela.

O projeto atuou com objetivo de analisar as práticas sociais, devoções religiosas e resistências culturais realizadas pela população afro-brasileira, entre elas a atuação da

Irmandade dentro do festejo de devoção a São Benedito em Porto Seguro, cuja presença pode ser observada nos artefatos depositados no acervo do Museu e da Cidade Histórica.

Nessa pesquisa da Iniciação Científica, compreendemos que a devoção a São Benedito na cidade estava presente desde o século XVIII. Tivemos essas informações a partir de documentos da Irmandade, encontrados no Arquivo Público do Estado da Bahia. O trabalho teve como um dos resultados uma exposição na igreja de São Benedito de Porto Seguro, sobre a presença negra na cidade ao longo da sua criação, não apenas como mão de obra, mas como protagonistas, e isso foi possível compreender através da devoção a um santo negro.

Os questionamentos e reflexões produzidos durante o projeto resultaram no anseio de prosseguir com o estudo relacionado à devoção de São Benedito, expandindo para o distrito de Arraial d'Ajuda, no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação em História e neste atual percurso acadêmico.

Como mulher e negra, nascida na Bahia, criada em uma família que participava de diversas devoções religiosas, pesquisar sobre essa temática faz parte do meu lugar e olhar de vivência. Como aborda Chimamanda Adichie (2007) é impossível se envolver direito com um lugar sem se envolver com todas as histórias daquele lugar.

Deste modo, a escolha deste tema não é somente por ter o contato com a pesquisa quando fui bolsista na graduação, mas também, pelo fato de ter sido catequizada, por carregar a memória afetiva de devoção da minha avó Josefa (*in memoriam*), que me deu anseio para continuar a pesquisar.

O local onde está situado o estudo é o distrito de Arraial d'Ajuda, um espaço que já foi marcado pelas devoções. Antigamente o calendário cristão dava ritmo ao local, mas com o passar dos anos, o processo de “turistificação” (Barreto, 2001) alterou a dinâmica cultural.

Inicialmente, a devoção pairava em torno de Nossa Senhora d'Ajuda. Essa devoção era tão forte que deu nome ao distrito. Com o tempo, no entanto, outras foram surgindo, como a exemplo a de São Benedito, que se manifesta na decorrência de uma ação popular, travando uma luta por espaço, cultuado pela população negra do distrito, firmando seu lugar.

O objetivo da pesquisa é analisar a devoção de São Benedito em Arraial d'Ajuda, a partir das memórias dos participantes.

Até o momento não há na historiografia local a presença da participação da devoção aos “santos de cor” (Oliveira, 2008), especificamente São Benedito, devotado

pela população negra local. Partindo desses elementos, esta pesquisa versa por entender que existem narrativas para além do paradigma dominante e de uma história única, e quando rejeito o pensamento abissal, percebo que não existe uma história única sobre nenhum lugar (Adichie, 2007), todos os saberes sustentam práticas e formam sujeitos.

A escolha metodológica da pesquisa partiu da História Oral (ALBERTI, 2013), no qual oferece meios para uma transformação do sentido social da história. É o momento dos senhores, senhoras e jovens integrantes do festejo de São Benedito, exporem as suas memórias acerca da devoção em seus momentos do passado para entender os motivos que levaram ao que é hoje.

Para isso, a pesquisa iniciou-se fazendo a escolha de quem entrevistar, partindo da ideia de entender quais os pontos da memória da devoção. A partir do passado, escolhi entrevistar os membros mais velhos. Esse contato se deu com base nos mediadores, como dona Dete e Patrícia, que me apresentaram umas das famílias mais tradicionais da devoção, a do senhor Hermes; a sua filha me levou a dona Lia, que, por conseguinte, obtive os contatos com o senhor Caboclo, dona Antoninha e Santinha. A primeira pessoa entrevistada foi o Antônio, o único mais jovem. A partir do seu olhar, pude observar as primeiras tensões que rodeavam essa devoção.

A pesquisa também utilizou como fonte as fotografias do festejo ao santo, bem como documentos textuais, sendo algumas edições do jornal Correio de Porto Seguro, da década de 1913.

Para iniciar a pesquisa sobre a devoção a São Benedito em Arraial d'Ajuda, partir de uma primeira entrevista com o professor Antônio, conhecido como Edu. Ele é uma pessoa que se envolve em todos os eventos culturais do distrito. Quando comecei a levantar as primeiras informações, era comum as pessoas me dizerem: “conversa com o Edu”. Peguei o seu contato, mandei mensagem me apresentando e falando rapidamente da proposta de pesquisa. Em alguns minutos ele me respondeu com uma pronta disposição de conceder entrevista para falar sobre o tema.

O primeiro encontro foi em 2020, início de outubro, período de eleição municipal. Ainda sem tomarmos a primeira dose da vacina contra a Covid-19, marcamos na praça da igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, às 16h30. Cheguei 15 minutos antes, estava um tempo nublado, meio cinza, torcia para que não chovesse. Encontrava-me ansiosa, sentei do outro lado da praça, próximo ao Café da Santa, pois era um local que dava para ver todo o movimento da praça. Abri meu caderno de anotações e revisei as perguntas, chequei se a carta de cessão estava correta e fiquei a sua espera.

Dentro de pouco tempo ele chegou, o avistei de longe, cumprimentando todos a sua volta, como um bom morador popular que é. Durante a conversa, em alguns momentos precisávamos parar porque alguém o cumprimentava. Em outro momento precisávamos nos calar. Era 18h00, momento em que a igreja toca o sino, avisando do horário mariano. A nossa conversa foi carregada de emoção, lembrança da infância, risadas e musicalidades. O segundo encontro ocorreu em 2022, trocamos algumas informações sobre seus antepassados presentes na devoção e a sua perspectiva e convite para a festa do santo em 2023.

Nem todos os encontros foram amistosos à primeira vista. Com o senhor Hermes, foi a partir da mediação de sua filha, já mencionada, Maria da Conceição, conhecida como Consé. Fui a sua residência, conversamos sobre a devoção na sua família. Dona Luca, sua mãe, se mostrou com o mesmo entusiasmo, mas ambas me afirmaram que eu precisava mesmo era falar com o patriarca da família, pois ele carrega a devoção desde o seu avô. Assim, fui convidada a retornar às 18 horas, horário que ele estaria em casa.

Assim o fiz. Quando cheguei à casa do senhor Hermes, a família ainda estava terminando de jantar. Aguardei no sofá, ansiosa pela possibilidade de encontrar um testemunho mais antigo da devoção. No entanto, quando Consé o chamou para a entrevista, fomos surpreendidas com sua recusa: ele disse que não queria falar com ninguém, pois não era nenhum adivinho para estar contando coisas. Um momento de tensão se espalhou no ar, a minha sorte foi que fui com o meu marido, que o conhecia desde a infância, ele precisou adentrar na cozinha da residência e se apresentar, logo o senhor Hermes lembrou-se dele, por ser filho de uma figura conhecida no distrito. A partir do reconhecimento nos convidou a voltarmos no outro dia, à tarde.

No episódio acima cabe destacar um fato importante para o andamento da pesquisa desde o início, os mediadores. Por não ser nascida e não morar a muito tempo no Arraial, o acesso aos devotos ocorreu primeiro através de outras pessoas que têm um laço de confiança entre os devotos.

Iniciei com dona Dete, moradora há 37 anos do local, católica e frequentadora assídua das missas, que entrou em contato com Patrícia, nascida no distrito e presente também na organização das devoções Católica. Foi com ela que fui a campo ser apresentada aos devotos de São Benedito.

As duas pessoas citadas acima tiveram um papel de mediadores, assim como a filha do senhor Hermes, Consé, proporcionaram a aproximação e a confiança entre

pesquisadora e pesquisados. Foi a partir dessas articulações que ocorreu esse processo de confiabilidade para dar o andamento da pesquisa.

Voltando para o acontecimento com o senhor Hermes, no dia seguinte ele estava muito contente e prestativo em compartilhar a sua memória. No sofá da sua sala, contou sua história de vida, falou da devoção na família e elencou elementos de mudanças e permanências na Festa de São Benedito. O senhor Hermes se aproximava dos 90 anos e é o membro mais velho da devoção.

O encontro com a dona Antônio Jorge, conhecida por Antoninha, demorou quase 2 anos para ocorrer. Quando iniciei a pesquisa, no final da graduação, além de ser período mais intenso da pandemia do COVID-19, antes da vacina, ela se encontrava em tratamento de saúde. Os nossos encontros ocorreram entre final de 2022 e janeiro de 2023. O primeiro ocorreu em um sábado à tarde, na varanda da sua casa, que é uma espécie de sítio, arborizado, com pés de manga, à frente, próximo à sua porta, outro de acerola, mais à frente jenipapo. Ela me mostrou o local, no fundo dava para ver a vista do mar. No início da conversa, dona Antoninha se mostrou receosa, mas ao saber todas as informações acerca da pesquisa e que sou professora, por ter filhas e sobrinhas na área, fui ganhando a sua confiança.

O termo “ganhar confiança” é presente em metodologias do campo da etnografia, apesar do objetivo não ser uma pesquisa etnográfica, mas tomo de empréstimo alguns elementos deste método. Segundo Willian Foote Whyte (1980), para iniciar esse laço de confiança é preciso ter um mediador, alguém que assuma um papel de líder ou no caso desta pesquisa, uma pessoa popular, conhecida dentro do círculo que envolve a pesquisa: Patrícia e Dona Dete.

A confiança conquistada em campo veio por meio das pessoas intermediadoras e construída ao longo do tempo. Precisei participar de missas e de outros festejos, para assim adquirir a confiança dos moradores e do seu grupo, os quais passaram a aceitar e deixar serem entrevistados e observados.

No segundo encontro com dona Antoninha, ela estava me esperando na varanda novamente, sentada, bordando uma toalha amarela com flores. Prontamente quis saber o que me traria de volta, expliquei que ainda carecia de mais informações. Foi uma conversa mais longa, com muitas narrativas e memórias da devoção a São Benedito. Ao final da conversa tomamos um café e falamos do calor que estava fazendo.

Com o senhor Fernando, conhecido como Caboclo, apelido dado pelo fato da mãe, dona Romana, ser indígena e o seu pai, negro. Quem me indicou a conversar com ele, foi

outra senhora, dona Dora, que não faz mais parte da devoção, mas que se dispôs a relembrar dos membros. Assim, consegui entrar em contato. No primeiro encontro não apareceu, porque estava no mar. O senhor Fernando é pescador, depende das marés para tirar o seu sustento. Mas dentro de alguns dias ele veio até a residência da Dona Dete, minha sogra, e conversamos. Mostrou-se disposto a compartilhar suas memórias da devoção ao santo negro, sendo mais um devoto que herdou adoração a São Benedito por causa do pai.

Já com a Maria do Rosário, conhecida como Lia, a nossa aproximação foi através da filha do senhor Hermes, Consé. Fui a sua residência no mesmo dia que falei com os familiares do senhor Hermes, ela me disse para voltar no outro dia, à tarde. A nossa conversa foi no período de poucas doses da vacina contra a COVID-19, por isso, para a sua segurança, a entrevistei na porta da sua residência, enquanto ela estava na sala. Apesar disso, foi um depoimento cheio de afetos, lembranças da sua mãe, já falecida, irmã do seu Hermes.

Com a dona Sirlene, conhecida como Santinha, tive o seu contato através do intermédio de dona Antoninha e dona Dete. Ao entrar em contato, ela me convidou para ir até a sua residência, onde conversamos sobre a herança devocional e das tensões passadas.

As narrativas de São Benedito que estão dentro do meu foco são aquelas, fruto da memória das vivências dos arraialdajudenses, devotos, e que tiveram a oportunidade de participar de forma intensa, abrindo suas casas, recebendo a imagem do Santo em seus lares e organizando o festejo.

Os entrevistados foram: senhor Antônio, conhecido como Edu, nascido na década de 1970, primo do integrante mais velho do festejo, que sempre está presente nos ritos culturais e religiosos do local. Para ele, as tradições precisam ser mantidas e passadas para as próximas gerações; Dona Maria do Rosário, conhecida como Lia, nascida em 1959, diferente de Antônio, já pegou outra fase da devoção; o senhor Fernando, conhecido como senhor Caboclo; a dona Sirlene, conhecida como Santinha, ambos com idade próxima da anterior e, por fim, os membros mais velhos, a dona Antônia, conhecida como Antoninha, com 81 anos e o senhor Hermes José, com 90 anos. A técnica de captação usada nas entrevistas foi a gravação em áudio.

Após as entrevistas, ocorreu o processo de transcrição, posteriormente, foi elaborada uma tabela, na ferramenta do Word (EM ANEXO), onde foram separadas as

entrevistas a partir de palavras-chaves. Ao lado, os trechos que correspondiam, para assim, fazer uma análise dos dados.

Todos (as) entrevistados (as) assinaram um termo de autorização de uso de imagem e som da voz para a utilização dos dados para esta pesquisa.

Em relação a estruturas dos capítulos, têm como objetivos específicos:

- Contextualizar o local de estudo, Arraial d’Ajuda, para entender qual foi o papel das devoções neste espaço;
- Compreender como a devoção a São Benedito se inseriu e se mantém no distrito;
- Analisar como resistir às tensões entre agentes externos e internos para a manutenção da devoção ao longo dos anos.

Partindo desses elementos, busco responder alguns questionamentos, iniciando agora acerca do passado da devoção para procurar entender: Como a partir de uma devoção mariana, as demais foram se formando no distrito? O Conceito de devoção surge a partir da esfera do catolicismo e do catolicismo popular, diante disto, como a devoção a São Benedito no Arraial d’Ajuda conseguiu se formar no distrito mariano? Quais foram os meios de resistência para se manter a devoção ao longo do tempo entre as tensões e conflitos?

Esta pesquisa trabalha com as memórias, para isso, utilizamos esse conceito a partir da perspectiva de Michael Pollak (1992) e a devoção, seguindo as análises Marcelo Camurça (2006) e José Pereira (2003).

Ao longo do trabalho, quando apresento sobre a hagiografia de São Benedito, os entrevistados apresentam as suas particularidades em volta de quem foi o santo e as suas representações, assim, fizemos o uso das discussões do Roger Chartier (1990) sobre representação. Para compreender as transformações sobre o espaço da pesquisa, a partir da lógica do turismo, abordamos o conceito de turistificação, dos autores Álvaro Banducci e Margarita Barreto (2001), e do colonialismo interno, com Pablo Casanova (2007).

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram divididos em três capítulos, no qual o primeiro abordou sobre a historiografia do local, a partir de dois memorialistas: Pinheiro Pucu (1993) e Romeu Fontana (1986). Apresentamos por que o Arraial d’Ajuda ganhou esse nome, como o distrito se tornou mariano e suas alterações a partir da década de 1970(século XX). A outra sessão foi colocada a ocupação dos festejos e devoções

populares, tratando de forma resumida cada uma, até chegar as devoções negras do Arraial.

Para o segundo capítulo, foi proposto debater a hagiografia de São Benedito a partir das narrativas dos devotos como o senhor Hermes, dona Antoninha, senhor Fernando, dona Lia e de alguns teóricos como Monique Augras (2005), Geovanni Cirino (2012), Sônia Cristina Vieira (2015) e Alvaci Mendes da Luz (2022). Foi discutido como o uso das imagens de santos negros foram utilizadas como objeto de conversão, abordado por alguns autores, dentre eles, Anderson José Machado de Oliveira (2008) e Antônia Aparecida Quintão (2002). Além desses elementos, apresentamos a memória do passado da devoção e a sua manutenção dentro das famílias.

No terceiro capítulo, elencamos algumas tensões que ocorrem dentro do ato de festejar o santo, entre eles, as questões do sagrado e profano, segundo Mircea Eliade (1992). Discutimos como o processo de turistificação que atingiu o distrito contribuiu para as transformações do festejo. Finalizamos com alguns elementos de como ocorreram os processos de devoção a São Benedito na atualidade.

A PRESENÇA DE SÃO BENEDITO NO ARRAIAL D'AJUDA: CONTEXTO, DEVOÇÃO E TENSÕES

CAPÍTULO 1: ALGUNS ASPECTOS DO ARRAIAL D'AJUDA: MORADA DE PESCADORES E LUGAR DE ROMARIA

1.1. Arraial d'Ajuda: da fonte miraculosa a um destino turístico

No período em que ocorria o processo de colonização europeia por novas terras, as esquadras portuguesas atracavam no que passou a ser a nova Capitania, a de Porto Seguro. A beleza da região encantou os colonizadores pela vasta área de riquezas naturais.

A partir dos relatos coloniais e da carta escrita por Pedro Vaz de Caminha, foi aberta a possibilidade de ser uma região com um atrativo para o comércio colonial, por dispor de uma vasta floresta tropical, onde possuía especiarias, minerais, alimentos e madeiras. (Cancela, 2012, p.26)

Essa colonização se expandiu perante as terras da nova Capitania, entre estas, as vilas, como no que é hoje o Arraial d'Ajuda, erguida por volta de 1549, no qual ficou conhecida pela sua fonte milagrosa, localizada na Capitania de Porto Seguro (Semeão, 2019), onde ganhou fama de o santuário mais antigo do Brasil.

As narrativas acerca do Arraial d'Ajuda estão associadas a uma devoção mariana, como colocam os memorialistas locais Romeu Fontana (1988) e Pinheiro Pucu (1993), destacado também por Lucas Semeão (2019). A igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, mais precisamente a fonte, é o local mais antigo de ocorrências milagrosas no Novo Mundo português:

Por volta de 1549, o padre Francisco Pires, que ministrava o sacramento em Santo Amaro e nas pequenas aldeias vizinhas, precisava para os seus atos religiosos e o conforto dos seus fiéis, de um templo para as suas orações. Começou então com a ajuda dos fiéis a construir uma pequena igreja. Mas o local era muito difícil: principalmente, pela falta d'água tanto para o uso doméstico como para preparação da argamassa. Religiosos e fiéis frequentemente subiam e desciam ladeiras carregando vasilhames cheios de água na cabeça, atravessando as terras de um morador que não gostava nem um pouco destas passagens intimidando e xingando todos, principalmente, OS religiosos. [...] Um dia, estando o padre Pires a rezar no local onde tempos atrás um lenhador havia encontrado uma pequena imagem de uma santa junto à uma palmeira, ouviu junto ao pequeno e tosco altar que ali fora construído, um brando sussurro de água pingando, descrito assim por José de Anchieta: "... brotou aquela corrente em um formoso olho d'água, fora do frontispício da igrejinha, ao pé de uma frondosa árvore, com a qual ficou remediada a necessidade que havia dela para a obra da igreja e serviços dos padres." Quando a água começou a jorrar depois de uma pequena escavação por aquela abertura no meio da montanha, todos os

moradores da região, inclusive o fazendeiro que bramava contra os padres, correram incrédulos, para ver a água jorrando no topo de uma montanha (Fontana, p.52, 1988)

Além de Anchieta, inúmeras versões foram apresentadas e divulgadas sobre O milagre em questão. Baltasar Teles (Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal- Lisboa, 1645-. Gabriel Soares (Tratado Descritivo), Frei Vicente do Salvador (Historia do Brasil), etc. Mas, segundo Rodolfo Garcia (19), é padre Simão de Vasconcelos Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil (Rio de Janeiro, 2ª edição, 1864), que detalha “com mais pormenores”, a questão:

“Um velho lenhador, habitante de um rancho colmoso à aurela da costa, subindo certo dia o ápice da montanha, na suposição de encontrar melhor madeira (..) topa surpreso, em um calhau: era a milagrosa santinha!”

“Tornando-se um ermitão peregrinava em torno, fazendo curas milagrosas, cujos proventos se destinavam ao levantamento de uma igreja, a que deu o nome de Nossa Senhora d’Ajuda” (Pucu, p.10, 1993).

O nome de Nossa Senhora d’Ajuda foi dada à ermida em homenagem à Virgem, e seu fundador, burocraticamente falando, foi Padre Manuel da Nóbrega, que escolheu o espaço e delegou Francisco Pires(?-1586), superior do local e Vicente Rodrigues(??), para administrar em aquele lugar. Os dois inacianos, não possuindo água boa para o consumo na casa, desejando que ali tivesse uma fonte que suprisse suas necessidades, logo foram presenteados por Deus, que deu-lhes água fresca por meio de uma fonte surgida do meio da terra. Nascia, assim, a *Fonte da Senhora* (Semeão, 2019,p.02-03)

É desse modo que vão surgindo as narrativas que dão nome ao distrito, atrelando ao catolicismo em torno da tradição cristã branca e eurocêntrica, ligado a Nossa Senhora d’Ajuda, como um local da fonte milagrosa. Dessa forma, o arraial passa de um local criado pelos jesuítas para aldeamento indígena para o da santa miraculosa.

Outro fator associado à memória do local, no viés mariano, fruto da água da fonte milagrosa de Nossa senhora d’Ajuda, foi a romaria, que trazia lucros para o local com a chegada dos romeiros, vindo de cidades próximas e de outros estados, como veremos alguns relatos abaixo, já a partir do final do século XIX e início do XX:

Das localidades meridionais do Estado vão numerosos devotos a pé, empreendendo assim largas caminhadas para o que se reúnem em grupos. Vi partirem de tal jeito muitas pessoas, de Caravelas, Ponta d’Areia e Barra de Caravelas, em agosto de 1931. A 19 deste mês, achando-me em Alcobaça, chegava a bordo **Itanhaen**, procurando passagem para a margem oposta, rumo de Ponta d’ Areia onde tomariam o caminho de ferro, cerca de vinte indivíduos que regressavam a pé de Porto Seguro, onde haviam assistido a festa de 15, e eram todos eles residentes em sítios diversos do norte de Minas (Martins, 2018, p. 323 apud Campos, 1936, p.216-217).

Como observado, a romaria mais antiga atraíaromeiros de várias localidades próximas ou não, mudando por alguns dias o pacato arraial. Um dos meios de locomoção para chegar até o local era pela estrada de ferro que ligava o extremo Sul da Bahia ao Nordeste de Minas Gerais, ela foi construída nas adjacentes do Rio Mucuri, que ligava Caravelas ao litoral baiano (Souza; Souza; Reis, 2010). Assim, essa era uma das formas que faziam os romeiros de outras regiões chegarem à festa da santa.

Chegando ao distrito, ficavam hospedados nas casas dos moradores, outros nas residências da igreja, conhecida como “as casas da santa”:

[...] Ficavam tudo na casa da Santa, a Casa da santa não era nenhuma alugada, era casas, o barracão era enorme tudo com fogão de lenha para os Romeiros cozinhar; os cavalos ficavam todos no mangueiro da santa, ali ficava não sei quantos cavalos, e os Romeiros não ficavam nem um, nem dois dias não, ficava uma semana para descansar os cavalos. A festa D'Ajuda era uma festa muito bonita, o lugar era pequeno, mas recebia todo mundo, com amor e carinho e principalmente os Romeiros¹.

De acordo com Fontana (1988), na época da festa da santa, o distrito se modificava, algumas residências se transformavam em pensões, pois nem sempre as casas da igreja para os romeiros se hospedarem eram o suficiente. Esse era o momento da população ter um faturamento extra. Dona Antoninha conta que na sua infância, tinha o hábito de, nessa época, juntar fechos de lenhas e baldes de água para vender aos romeiros, isso mudava o ritmo do cotidiano.

Ainda sobre a historiografia do século XX, nesse período surgem algumas informações sobre como vivia a população do Arraial, uns dos elementos abordam como a população vivia, sendo a principal forma baseado na subsistência, com o extrativismo da pesca e do plantio, principalmente da mandioca, que serviam para fazer beiju e farinha, fazendo uma desses alimentos entre eles ou vendiam para Porto Seguro (FONTANA, 1988).

O Pucu (1993) aborda que um dado marcante da característica do distrito era a pesca e culinária do ouriço, um animal marinho com o aspecto redondo e coberto por espinhos pretos. “[...] É impressionante e bonito de se ver, por sobre as pedras descobertas pelo mar, a mãe, a avó, a tia, os filhos, os netinhos, todos agachados ajudando na pesca

¹ Entrevista concedida por dona Antoninha

de ouriços” (Pucu, p.21, 1993). Por ser um local que utilizava a pesca para a subsistência, o ouriço fazia parte da alimentação, ficando hoje, nas lembranças dos mais velhos.

Outro alimento que está vívido na memória dos nascidos no distrito são os pés de mangaba, que era comum fazer parte da vegetação do local. “[...] Planta de tabuleiro, de saborosos frutos, cuja safra ocorre duas vezes ao ano, teve aqui sua importância em tempos de mais de quarenta anos atrás quando fazia parte do roteiro econômico do povoado” (Pucu, p.23, 1993). Devido ao desmatamento e pragas, raramente se encontra atualmente.

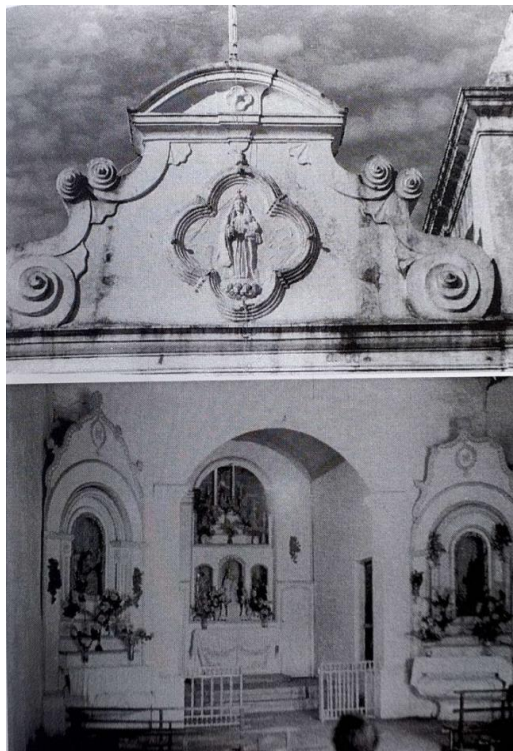
A historiografia do distrito também é marcada pelos monumentos: a igreja de Nossa Senhora d’Ajuda, localizada, no que é hoje, o centro histórico e a fonte, para instaurar o enquadramento da memória. Segundo Michael Pollak (1989) o processo de enquadramento encontra-se na base de formação das memórias de caráter que um evento seja maior que o outro, as quais estão relacionadas aos interesses da sociedade. No caso dessa localidade estudada, está ligada a predominância europeia, voltada a devoção mariana. Vejamos abaixo alguns desses monumentos:

FIGURA 1: IGREJA NOSSA SENHORA D'AJUDA ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 A 1970.



Fonte: Assas para Porto Seguro: Histórias e memórias do antigo campo de aviação do Arraial d'Ajuda, p.18

FIGURA2: PARTE INTERNA DA IGREJA NOSSA SENHORA D'AJUDA E A SUA PARTE SUPERIOR EXTERNA



Fonte: Assas para Porto Seguro: Histórias e memórias do antigo campo de aviação do Arraial d'Ajuda, p.179

Acima estão presentes algumas imagens remotas da Igreja de Nossa Senhorad'Ajuda (FIGUR1), persistindo traços coloniais, como as portas e a arquitetura exterior. No topo, encontra-se a imagem da padroeira, logo acima, uma fissura, demarcando os sinais do tempo e a falta de uma restauração. Na sua parte interna (FIGURA2) ainda resguarda alguns aspectos, como os altares laterais para as irmandades e o do centro, com a imagem da santa e outras duas em cada lado. A direita há uma porta, possivelmente que dá entrada para a sacristia.

A construção definitiva desta igreja ao modelo de pedra e cal, foi por volta de 1772, por determinação do ouvidor de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro, mas que ao longo do século XX passou por processos de restauração, feito pelo Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional - SPHAN, no qual, modelo este, que prevalece até os dias atuais (Grzywacz, 1999, p.27).

FIGURA 3: FONTE DE ÁGUA MILAGROSA E ANTIGA ERMIDA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA



(Fonte: Biblioteca IBGE) Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-%20catalogo?id=432015&view=detalhes> Acesso em 19 de setembro de 2023

FIGURA4:FONTENOSSASENHORAD'AJUDA,2022



Fonte: Fotografado pela autora, 2021

As figuras 3 e 4 são as da fonte de Nossa Senhora d'Ajuda, construída por volta de 1929 a 1930, popularmente conhecida como o banheiro da santa.

A primeira imagem é uma fotografia do final da década de 1950. Essas aberturas, como portas, eram onde se encontrava a água da fonte, de acordo com as narrativas dos moradores, a água saía por uma espécie de cano, a qual não era utilizada apenas para fins milagrosos, mas também para o banho.

A figura 4 é a mais recente. Observa-se que passou por algumas transformações, tais como a construção da escadaria, que liga ao fundo da igreja. A água da fonte atualmente escorre por um cano pelo lado de fora. Em sua recente reforma no ano de 2020 foi posto grades para que fosse preservado, assim não mais usado como banheiro e outros fins, além de personalizar a escadaria com uma espécie de mosaico feito de cerâmica. Apesar das mudanças, ainda recebe todos os anos devotos, para se banharem na fonte milagrosa que jorra aos pés da santa.

As fontes que marcam as narrativas do distrito no século XX, está em volta da devoção, um exemplo é o jornal Correio de Porto Seguro, nas matérias entre 1912 a 1914, quando o assunto era sobre o Arraial d'Ajuda, na maioria das vezes, era para abordar a devoção mariana. Ao longo dos anos, Arraial d'Ajuda passou por transformações, porém mantendo a sua fama de lugar de beleza demasiada e por sua tranquilidade. A respeito disso, uma edição do jornal Correio de Porto Seguro, escreve:

[...] Descortina-se a 3 kilometros ao lado sul em face do mar, a collina fronteira, onde assenta o mimoso panorama do arraial d'Ajuda, cercado de mangabeiras, entre palmeiras, lindos córregos e perenes mananciais; com largo vergedo [...] de subsolo monazítico, onde o tridente piscoso debruça-e em amplo sorriso pelos cachopos de praia repletos de mariscos; no meio do arraial, dominando a penedia ergue-se a garbosa a ermida favorita, onde venera-se, com viva fé, a imagem da virgem

d’Ajuda que se festeja em Agosto, e é centro de assídua peregrinação, vizinho á antiga povoação e freguezia Santo Amaro, hoje extincta, que lhe ficava a oeste na mesma cordilheira (correio de Porto Seguro, 1913, nº48, p.03).

Na reportagem, é destacado a beleza do arraial com um toque de romantização. Mais uma vez, a questão da santa d’Ajuda aparece atrelado na construção da memória local, mas não somente de uma paisagem exacerbada vivia a população do século XX do distrito. Os moradores passavam por algumas dificuldades, como a falta de oferta de emprego. Havia também um desinteresse dos poderes públicos na região, que apesar de o local estar atrelado a ideia de “terramãe”, só foi ganhar destaque a partir da exploração do turismo.

Como foi mencionado, a falta de emprego fazia com que muitos homens e mulheres saíssem do distrito para trabalhar, por exemplo, nos períodos de colheita de cacau e outros produtos produzidos nas redondezas ou se dedicavam em outras atividades como a serraria, atividade secular na região, resquício do período da colonização da América Portuguesa (Silva, 2019).

Mais uma narrativa presente nas memórias dos mais velhos é a construção de um campo de aviação no distrito e como esse fato foi atrelado a Segunda Guerra Mundial, esse fato recentemente marcou em forma de páginas, através da obra “Asas para Porto Seguro: História e memórias do antigo campo de aviação do Arraial d’Ajuda”, organizado pelo historiador Tharles Silva (2019). Destaco que os memorialistas locais Romeu Fontana, em 1988 e Pinheiro Pucu, em 1993, já abordavam em suas obras esses fatos.

O início dessa narrativa se iniciou em 1922, segundo Vinicius Parracho (2019), quando os portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho, que participavam da Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, no Raid Lisboa-Rio, Porto Seguro foi um dos lugares de escala do hidroavião², mais precisamente o que é hoje conhecido popularmente como o campo do Arraial d’Ajuda.

Esse evento fez com que a pequena e até então esquecido local ganhasse destaque naquele momento. O segundo evento que impactaria ainda mais o distrito aconteceu quando por iniciativa do Assis Chateaubriand, dono dos principais jornais de comunicação da época e responsável pela chegada da televisão no país (TV Tupi), teve a

² Aeroplano preparado para descolar e pousar ("amarar" ou "amerissar") sobre a superfície da água. Disponível em: <https://www2.anac.gov.br/anacpedia/por-esp/tr2699.htm> Acesso em 29 de setembro de 2023.

ideia de patrocinar e incentivar a realização de um *raid* aéreo em Porto Seguro, em 1939 para comemorar os 439 da chegada dos portugueses (Parracho, 2019).

Por estarmos inseridos na época pela ditadura do Estado Novo, presidida por Getúlio Vargas, onde estava a todo vapor o discurso nacionalismo de incorporar o país e ressaltar a pátria, assim ocorreu esse grande evento para o local, com o apoio federal. O local de um dia para outro se tornou destaque na mídia e o impacto no arraial de pescadores ganhou grandes transformações, já que foi no distrito que o pouso ocorreu, trazendo mudanças no dia a dia, bem como no cenário: “[...] os engenheiros construíram a Estrada da Balsa³, no Arraial d’Ajuda, ligando a foz do Rio Buranhém ao campo de aviação, com 4km de comprimento. Antes da existência desta estrada, o único acesso ao vilarejo era pela praia” (Parracho, 2019, p.64).

A sede do distrito ganhou ainda mais modificações em sua estrutura, entre eles a chegada da estação de rádio-telegráfica; abertura de estradas no interior e construção de um porto. Foi a partir desse momento que se iniciou os estudos para edificar o Parque Nacional do Monte Pascoal, entre outras reformas urbanas (Parracho, 2019).

Assim, os aviadores cruzaram o céu de Porto Seguro, pousando no Campo de Aviação do Arraial d’Ajuda. “O pequeno Arraial, tornou-se importante e visto com certo desdém aos olhos dos porto segurense. O lugarejo pela primeira vez foi notícia na imprensa nacional” (Pucu, 1993, p.26).

³ Esse na atualidade é o acesso que se tem para chegar ao distrito pela sede (Porto Seguro), atravessasse o rio Buranhém através de uma balsa, em seguida, passa por essa estrada e se chega ao Arraial d’Ajuda.

FIGURA 5: CAMPO DE AVIAÇÃO DO ARRAIAL D'AJUDA



Os primeiros aviões a pousarem no Campo de Aviação do Arraial d'Ajuda durante o Ride a Porto Seguro

Fonte: Acervo de Décio Gurrute Pessoa.

Fonte: Asas para Porto Seguro: História e memórias do antigo campo de aviação do Arraial d'Ajuda, 2019, p.84

Esse momento ficou marcado na memória dos moradores, trazendo um resgate da importância de Porto Seguro, segundo Vinicius Parracho (2019), o primeiro passo para o que a cidade é hoje, um destino turístico conhecido nacionalmente. Para o distrito, Arraial d'Ajuda, foi o primeiro passo para dilaceramento da paz da vila dos pescadores, além de surgir outro aspecto, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Para a memória dos mais velhos, o campo de aviação foi construído devido a segunda grande guerra. Para Tharles Silva (2019) esse elemento está irraizado na memória dos mais velhos (um destes, é o senhor Hermes, presente nesta pesquisa) pelos seguintes fatores

(1) O discurso criado pelo governo na época da guerra ditadura do Estado Novo, de Getálio Vargas difundido pelos Órgãos públicos e meios de comunicações locais; (2) os eventos ligados à presença de submarinos na costa do extremo sul da Bahia - como o ataque ao navio Afonso Pena, em 1943, no largo da costa de Porto Seguro; (3) e a presença de militares na região, [...] de forma especial no município de Porto Seguro (Silva, 2019, p.106).

Naquele período de organização para receber a revoada do *ride*, estávamos vivenciando no país a ditadura do Estado Novo, intensificando a campanha do nacionalismo e amor a pátria exarcebado. Com o evento de aviação, se intensificou na região o nacionalismo. Para enfatizar a memória da guerra na região, quatro anos depois

da revoada, um submarino italiano Barbarigo bombardeou um navio brasileiro, que passava na costa de Porto Seguro, deixando uma média de 120 mortos. Um dos reflexos desse episódio, foi a chamada guerra antissubmarina, o 10º Batalhão de Cavalaria de Minas Gerais foram posicionados na costa do litoral em 1943, incluindo Porto Seguro e o seu distrito, Arraial d’Ajuda (Silva, 2019).

A vida corriqueira do distrito é mais uma vez impactada, agora com a presença dos soldados, que ficaram até o final da guerra, em 1945. Esses elementos marcaram a vida e a memória dos moradores. Neste período o senhor Hermes era adolescente, e para ele, a construção do Campo de Aviação do arraial foi construído durante a Segunda Guerra Mundial, criando assim uma memória da guerra no local. Desse modo, estes aspectos fazem parte da historiografia desse distrito, mostrando aspectos que vão além da devoção e, também, como foi importante para um momento da aviação brasileira.

Anos depois desses fatos listados, o local passa por outra mudança. Entre meados da década de 1960 a 1970, a chegada de novos visitantes, sendo estes os mochileiros, que foram ficando e sendo denominados de *hippies*, já que é neste período que estava vigorando no Brasil o Movimento *Hippie*.

Estes visitantes foram se estabilizando no local investindo, se tornando donos de terrenos ou comprando dos moradores no valor abaixo do mercado. Logo se tornaram donos de pousadas, restaurantes, entre outros. Por isso, a partir de então já começa as transformações do arraial de pescadores. Em tom de desabafo, o memorialista discorre:

Seus moradores mais antigos, descentralizados dos costumeiros encontros coloquiais, retraíram-se uns; outros cruzaram os braços, apreciando a enorme onda de “gente de fora” a se espalhar, fingindo que se dão bem com o impertinente barulho promovido pra Indústria – de canos-de-escapes. Só resmungam, só suportam; a zoadia, a poeira e o lixo. Ninguém reclama em voz alta, porque o Turismo é a base da sobrevivência econômica dos seus moradores e a gula de quase todos os pousadeiros que aqui chegaram (e chegam!) “arcondicionando” e “piscinando” o ambiente edêmico, o paraíso tropical. Olhando a invasão dos “outros”, como sentimento devassado, assistindo as construções nos espaços que outrora foram seus. A derrubada do verde, de cada um que chega, pensando num cômodo a mais. Pensando pousadas, suando na brisa (Pucu, 1993, p.01)

Acima, podemos ver alguns elementos externos que se inseriu no distrito, quando menciona “gente de fora”. Não são apenas os turistas, mas também pessoas que vieram no local uma forma de investir seu dinheiro, como os pousadeiros. A indústria de canos de escape são os veículos que veio como novidade, junto com ele, poeira e mais lixo, já que

apopulação estava crescendo.

O autor destaca que a população não reclamava, porque era do turismo que agora girava a economia, chegando no século XXI no mesmo molde. Como foi abordado, a situação do Arraial d’Ajuda era viver do pescador, faltava emprego e foi transformando-se em um local, agora, para visitação, garantindo mais trabalhos nas pousadas, restaurantes e em outros setores receptivos, mas como consequência, veio o desmatamento para a construção desses estabelecimentos. A vila de pescadores estava se tornando em um dos lugares mais visitados do Brasil e gerou incômodo nos moradores nascidos no distrito:

Aqui no Arraial era muito tranquilo, não tinha esse negócio de roubo, de traficante, nem de nada não, era tranquilo, a gente colocava esteira no chão na porta da rua, com a lua bem clara não tinha energia nem nada, a gente ficava a noite toda dando risada, conversando tranquilo ali na praça, sentada na porta da rua. Quando era São João, a gente fazia aquelas fogueira enormes, fazia aquela folgueirona assava peixe, assava milho, não tinha perigo nenhum. A igreja amanhecia aberta. na festa de agosto não fechava não, agora com Polícia segurança isso e aquilo. Aquela Mucugê ali, não vou naquela rua do Mucugê, porque só tem loja, só tem quem queira ganhar dinheiro, não é? Antigamente ali era uma estrada apertadinha, guaruzeiro de uma lado, guaruzeiro de outro, com murteiro de uma lado, murteiro do outro; e cajueiro, a gente andava por ali tudo para descer pra praia, pra pegar fruta, Caju, agora ninguém pode, não tem um Caju mais, ninguém pode entrar, cortaram tudo, acabaram com tudo, Mangaba e tudo, pegava água no Jabaquara aí proibiram, era uma água boa, a Jabaquara era pra cá do Shopping⁴

O desabafo de dona Antoninha nos dá também uma dimensão de como era o distrito e como as transformações que ocorreram atingiram a vida social dos nativos.

A chegada do poder imobiliário transformou a tranquilidade e a arquitetura, dando o exemplo da rua do Mucugê, hoje, rodeada de lojas, restaurantes e pousadas. O relato de dona Antoninha aborda do porquê o arraial tinha como característica ser um espaço de proximidade com a natureza.

O distrito sofreu um impacto sociocultural e ambiental. Segundo Ewerthon Veloso Pires (2004) “O turismo pode gerar custos sociais em geral difíceis de estimar [...]. Um exemplo é a ameaça aos hábitos tradicionais de cada país e, muitas vezes, de regiões específicas” (Pires, 2004, p.17). É possível ver esses elementos quando dona Antoninha fala que não frequenta determinado espaço porque foi tomado pelo comércio; não se sente

⁴ Entrevista concedida por dona Antoninha

mais livre nas ruas por conta das mudanças na segurança e em ver as tradições sendo alteradas, dando exemplo do São João. Esses elementos compõem as mudanças socioculturais. As ambientais estão presentes na perda da vegetação que deixou de existir para ser um dos espaços receptivos.

Para chegar até a cidade de Porto Seguro, havia certa dificuldade pela precariedade da estrada, e para Arraial d'Ajuda mais ainda, pois além desse fator, existe a travessia da balsa. Porém, com a construção da BR-367 em 1973, que ligava a cidade com a BR-101, facilitou o acesso (Aguiar, 2003). Com o efeito, também viabilizou chegar ao distrito.

O medo do novo e de uma mudança avassaladora perturbava a imaginação de alguns moradores, como visto no relato do Pinheiro Pucu. Há também a letra de um músico local, Ari Sobral (*in memoriam*), que veio para o Arraial d'Ajuda pelos rumores da tranquilidade, mas observando a chegada do turismo predatório, discorre em sua canção:

Quem diria o Arraial d' Ajuda Pescadores muito peixe paz total
 Ia se modificar a ponto de ser point internacional
 Descoberto por aventureiros
 Gente em busca de lugar de paz
 Naturalistas da cidade atrás do verde
 Que por lá não existia mais
 E o pedaço foi mudando aos poucos
 Parte de um processo natural
 Sem querer esses malucos, loucos trouxeram o sistema para o Arraial
 [...] não que eu seja contra o progresso
 Não que eu seja um cara radical
 Mas se a coisa segue nesse pique Ajuda ainda pode se dar muito mal
 (Sobral. Sina dos tempos, 1980)

O músico e Engenheiro que se tornou professor, Ari Sobral, que veio do Rio de Janeiro em busca de seu local exposto na música, aborda o receio da mudança em que começava a passar o Arraial d'Ajuda, recebendo novos visitantes, causando certa repulsa e estranhamento, algo comum entre os moradores, já que estavam sendo inseridos em outras culturas. Ele coloca que as pessoas que vieram trouxeram outro modo de vida para o local, ressaltando que, o próprio faz parte destes, já que também veio de outra capital.

Nota-se que, como exposto por autores e memorialistas, entre os meados das décadas de 1960 e 1970, foram chegando visitantes no Arraial d’Ajuda, fugindo do movimento das capitais. Neste período, o Brasil estava vivenciando a Ditadura Civil Militar, pode ser uma possibilidade que alguns desses novos moradores, tenham vindo para escapar da repressão e do clima conturbado que atingia principalmente os grandes centros do país.

FIGURA 6: PRAÇA DA IGREJA, MEADOS DA DÉCADA DE 1970



Fonte: Memórias de Arraial d’Ajuda Bahia.

FIGURA 7: RUA SÃO PEDRO, POPULARMENTE CONHECIDO COMO RUA DA BROADWAY, EM MEADOS DA DÉCADA DE 1970



Fonte: Memórias de Arraial d’Ajuda Bahia

Nas imagens acima são apresentados alguns aspectos desse Arraial d’Ajuda

narrado pelos entrevistados, devotos e organizadores do festejo de São Benedito. Um arraial de pescadores, onde a maioria sobrevivia da pesca como trabalho e para subsistência, assim como a venda de alimentos nas feiras, tais como farinha, frutas e animais. É neste espaço que os devotos do santo em sua maioria residiam, no que é hoje o centro do Arraial d'Ajuda, já que a criação dos bairros e a expulsão de alguns, ocorrerá em meados da década seguinte.

Assim, como já mencionado, era a partir da pesca que as famílias sobreviviam. Isso não foi diferente entre os devotos de São Benedito. Os aqui entrevistados rememoram esse aspecto da profissão de pescador. Por exemplo, o senhor Hermes José, aposentado, nascido em 1933, filho do senhor Graciliano, o último tesoureiro da Irmandade de São Benedito, adquiriu a devoção ao santo a partir do seu pai. Atualmente é o membro mais velho do festejo. Nascido em Arraial d'Ajuda, ele se insere neste cenário descrito, ser pescador para sobreviver.

Outro entrevistado que também está inserido neste contexto, é o senhor Fernando Antônio, 62 anos, aposentado, ainda exerce a profissão de pescador, filho da senhora Romana, mulher indígena e do senhor Manuel Durval, nascido em Vale Verde, mas que logo se mudou para o Arraial. De acordo com o seu relato, ele acompanha a festa e a devoção a São Benedito por causa do seu pai, que sempre foi devoto do santo. O senhor Fernando precisou sair do Arraial d'Ajuda em certo período para trabalhar, mas todos os anos, na época da esmola e da festa do santo, ele retornava. Atualmente, ainda vive em Arraial d'Ajuda e sobrevive da pesca, e enfrenta a maré toda a semana.

Observa-se que estes dois personagens que contribuem na composição deste trabalho estão inseridos neste ambiente de transformações do Arraial d'Ajuda sofreram com as mudanças da chegada dos turistas e novos moradores, como também se adaptaram, já que os espaços passam por rupturas ao longo do tempo. Durante a entrevista com o senhor Fernando, ele menciona que a festa de São Benedito ocorre interferência por causa do verão. O distrito se dividiu entre baixa e alta temporada, nesta última, é um período de muitos visitantes e como consequência, mais trabalho. A festa do santo está neste cenário e assim como o distrito, experimenta essas mudanças ao longo do tempo.

Um dos efeitos dessa expansão no distrito é a expulsão da população local para os bairros periféricos, já que é no centro que começava a concentrar os restaurantes, lojas, bares e pousadas, ficando com menos espaço para o morador. O que era apenas a igreja e a sua praça em frente, tornou-se o Centro Histórico, sendo inserido o processo denominado lugar de memória:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (Nora,1993,p.13).

Houve essa necessidade de demarcar a igreja como obra jesuítica deixada, assim, como a descoberta da fonte milagrosa de Nossa Senhora d’Ajuda. O distrito se construiu em torno dessa devoção mariana, resquícios do catolicismo presente da colonização do século XVI. Nada diz a respeito do genocídio indígena ou da presença negra, fatos que são esquecidos propositadamente para enfatizar esses lugares de memória construídos.

Com melhores condições de chegar ao distrito junto com a influência da mídia, o Arraial d’Ajuda, passou por esse processo de “redescoberta”, invasão, desmatamento, descentralização, que também gerou mais empregos e piores condições de vida para a classe trabalhadora, já que precisaram migrar para a periferia e construir outros bairros mais distantes do centro.

Ao longo desse tópico foi abordado a presença mariana como marca do distrito. Historiadores e memorialistas relataram os aspectos sociais, econômicos, mas não há menção sobre a presença da população negra. A historiografia da região faz um apagamento dos negros na construção da memória local, para além das políticas feitas pelos gestores locais de reforçar a importância da cultura europeia (Cancela, 2020). Fontana (1988) reforça a hipótese de que os negros não marcaram a sua presença na construção social de Porto Seguro:

Os morenos e caboculados (sic), etnicamente, foram as predominâncias de Porto Seguro já que o negro fora expulso e perseguido desde a sua colonização quando foram obrigados a fugir para Ilhéus, Prado e Caravelas, onde fizeram seus mocambos. Por isso, as famílias negras de Porto Seguro são muito poucas e pouco ou nada contribuíram para a negritude da cidade. Portanto, nós não podemos considerar Porto Seguro como uma extensão da cultura afro-baiana de Salvador, nem de seus sincretismos, posto que, o máximo que nós podemos considerar, se é que podemos, é que a cultura de Porto Seguro é uma cultura mameluca. Os negros existentes hoje vieram de Belmonte, Prado, Ilhéus, Canavieiras, etc, depois do asfalto; junto com os turistas, começaram a aparecer a baiana do acarajé, os pais de santo e os candomblés (FONTANA, 1988, p.94-95)

Esta narrativa não corresponde com a documentação histórica. De acordo com Francimaura Mendes (2016), no censo de 1872, apresentados pela paróquia de Nossa

Senhora da Pena, onde haviam a quantidade de 344 homens pretos livres, 358 mulheres pretas livres, 538 mulheres pardas livres e 605 homens pardos livres, indicando a existência de mais de 50% de pessoas que as suas origens podem estar ligadas a uma vida de escravidão, ou seja, negras e negros vindos do continente africano

Se observarmos no próximo capítulo deste trabalho, há uma árvore genealógica de devoção a São Benedito, da família de uma das devotas, dona Antoninha. De acordo com seus registros e a de uma matéria do jornal Correio de Porto Seguro (1913), há uma menção ao seu avô, Antônio Jorge, como um dos organizadores e mantenedores da Irmandade de São Benedito. Segundo dona Antoninha, ele era um homem negro e pela data do jornal poderia ter nascido no final do século XIX.

De acordo com esses dados, mostram a presença negra latente na região de Porto Seguro, não somente como mão de obra, mas participando da cultura, lutando por direitos e se formando irmandades como laços para resistir. Desse modo, levanto a hipótese, que o Arraial foi um refúgio para uma parte da população negra, seja de Porto Seguro ou de regiões vizinhas, para assim formar a sua própria irmandade de São Benedito.

1.2.A ocupação das devoções no Arraial de pescadores

A inspiração, tom maior da expressão folclórica, permanece viva, latente, batendo nos corações dos moradores que não deixam passar em brancas nuvens e se reúnem e saem às ruas, com sacrifícios, não deixando esse acontecimento desaparecer (PUCU, 1993, p.30)

No processo de colonização que desencadeou na fundação do Arraiald'Ajuda, os festejos firmaram-se como um dos eventos da localidade, sendo em sua maioria religiosos, passeando entre o sagrado e o profano; esse fenômeno já fez parte da construção cultural e da religiosidade local.

Os festejos religiosos passam pelos momentos de devoção, de quebra do ritmo regular do cotidiano, promovem aspectos sociais, políticos e econômicos, além de estimular o sentimento de pertencimento e identidade no grupo na qual está inserido e possibilita um ciclo de sociabilidade.

As festas, desde o período da colônia, permitiam a todas as camadas sociais o lazer, a fantasia e o divertimento, mas não se restringiam a isso, haviam sentimentos e funções que passavam despercebidos, como a mistura entre o sacro e o profano que valia

para menosprezar o dito pagão, inculto, o diferente das normas cultas europeias (Priore, 1994).

Essa combinação de ritos religiosos e danças, fazem parte da maioria dos festejos populares religiosos do Brasil. De acordo com Marina de Melo e Souza (2002), isso se deu a partir da colonização da América Portuguesa deste território, onde os colonos se depararam com indígenas e trouxeram os africanos. Assim, no encontro desses povos, umas variedades de combinações culturais e religiosas ocorreram (Souza, 2002). E é neste segmento que o distrito do Arraial d’Ajuda está inserido, como veremos abaixo, as festas de alguns santos, principalmente aqueles que não estão sendo organizado pela igreja, são permeados de cores, músicas, danças, sabores, vários segmentos culturais.

Segundo Vera Lúcia do Amaral Ferlini (2001), com essas combinações, as festas constituem um importante momento de sociabilidade, com as suas representações, alegorias, elaborações de conflitos, musicalidades, sendo assim uma espécie de válvula de escape, que torna possível a vida comunitária .

A religiosidade popular rompe com a narrativa única da devoção mariana. De acordo com Mirceia Eliade (1992), a religiosidade de um indivíduo é expressada por práticas de expressão sentimental que está no interior, em relação a algo que está “além dele” em volta do sagrado. Se tratando da religiosidade popular tem como uma das características a amplitude do conceito. Se tratando do Arraial, ela acompanhou as mudanças sociais, políticas e culturais da comunidade, mantendo-se de forma autônoma, segundo Pedro Assis Ribeiro de Oliveira (1983):

São, muitas vezes, gestos discrepantes dos gestos da liturgia oficial, mas não gestos divergentes ou antagônicos a ela. [...] Suas diferenças em relação aos gestos e orações da liturgia oficial devem ser atribuídas às diferenças de classe social e de culturas, e não interpretados como formas não-católicas de culto ao santo. Tanto assim que o povo sente-se perfeitamente dentro da Igreja Católica, sem atribuir ao culto aos santos uma conotação de contestação religiosa. Não se trata, pois, de um culto paralelo ao culto oficial, e muito menos, de um culto contestador, antagônico ou substitutivo do culto oficial; trata-se, sim, de um culto onde a liberdade expressiva dos devotos não fica limitada ao código da liturgia oficial, assumindo por isso os traços próprios à cultura de cada grupo ou classe social (Oliveira, 1983, p. 918-919).

Esses cultos presentes nas religiosidades populares se enquadram nas formas que são cultuados alguns santos no distrito, com características únicas, como veremos abaixo a forma de festejar São Sebastião, São Brás, São Benedito, com elementos da Igreja

católica, mas com formas de dovar próprias do grupo.

No distrito, esses festejos se iniciam em 20 de janeiro com a homenagem a São Sebastião, sendo, também cultuado em Porto Seguro, Trancoso e Vale Verde. De acordo com Pucu (1993), em Arraial d’Ajuda ocorriada seguinte forma:

Há a missa solene, seguida da procissão, cujos devotos, aos cantos e orações, percorrem as principais ruas do Arraial. Mas o mais empolgante é a “puxada do mastro” um imenso toro de madeira todo enfeitado, que é conduzido até a igreja e de lá (depois da benção) é levado e infincado num lugar definitivo, donde é levantado e encimado por uma madeira com a imagem do santo (Pucu, 1993,p.35).

Nos dias atuais, esses detalhes permanecem, aparecendo a figura do boi duro e do batuque, composto por atabaques e pandeiros, inclusive a vez mais recente que ocorreu, em 2023, esse som foi feito dentro da igreja, no momento em que o mastro foi posto dentro da instituição para receber a benção do padre.

Outro elemento presente é a bebida alcoólica, conhecida como “o leite de São Sebastião”, sendo uma mistura de suco de cupuaçu e cachaça. Uma mudança é que antigamente, segundo Pucu, os rostos dos que participavam eram pintados com urucum e utilizava paus, incenando um duelo “[...] é o momento mais palpitante da festa, são de cores diferentes [...] festa muito animada, onde rola muita cachaça ao som do refrão [...]” (Pucu, 1993, p.36).

Há também o festejo do culto a SãoBrás, protetor dos motoristas, onde ocorre a puxada do mastro, aqui também aparece a figura do boi, assim como do anterior, acontecendo em 03 de fevereiro, um dia após a festa de Iemanjá.

No dia 02 de fevereiro,também ocorre o culto em homenagem a Iemanjá, começandona porta da igreja de Nossa Senhora d’Ajuda para receber a bençãodopadre, após segue em direção à praia dos pescadores, seguido por uma longa procissão acompanhada por moradores e turistas. Nesse espaço ocorrem rituais em homenagem a orixá.

Existem também os festejos em homenagem aos santos padroeiros dos bairros, tais como o do São Thiago e São Pedro; em ambos ocorre a missa e em seguida a procissão, assim como os que são homenageados pelos moradores nas residências, a exemplo de Nossa Senhora de Guadalupe, que ocorre na Aldeia⁵ Velha⁶. Santo Antônio,

⁵ A Aldeia Velha, é um aldeia urbana,localizada no distrito de Arraial d’Ajuda, do povo Pataxó

⁶ Essas informações são de contribuição da senhora Aldelice, conhecida como Dona Dete(2021)

Santa Barbara e São Cosme e Damião também são cultuados e homenageados em casa, como salienta Pucu: “os que promovem a festa não cobram nenhum valor pelas iguarias e quase sempre até estranhos que se aproximam provam o caruru. [...] Mas as obrigaoes tão rareando, por decorrência do alto custo de vida” (Pucu, 1993, p.37).

Outra devoao é a de Nossa Senhora d’Ajuda, como já mencionado, comemorado entre os dias 06 a 15 de agosto, sendo esta a padroeira do distrito de Arraial d’Ajuda. A festa em homenagem a santa acontece desde meados do século XVI, e ganhou certa notoriedade por ser considerado o santuário mais antigo do Brasil (Pereira, 2017, p.69).

Existe a ocorrência do festejo que não está relacionado às devooes diretamente, como era a do o boi-duro. Segundo Pucu (1993), era um folguedo presente nas cidades próximas, como Prado, Alcobaça, Santa Cruz Cabrália e cultivado pelos moradores mais antigos do Arraial d’Ajuda, ainda de acordo com o autor, ocorria da seguinte forma:

A turma ensaiava, havia toda uma coreografia para a festa, que durava três dias seguidos, por ocasião do dia de reis, na 1a semana de janeiro. Era um boi bem feito, com armaao de varias, cobertura de chitao, caveira e chifre de boi verdadeiro.

Mas a brincadeira do boi-duro amoleceu com o tempo. Os que sabiam do enredo, das cantarias, dos versos, da “distribuiao do boi” etc., não mais vivem ou estão por aqui. Os que tentam dar continuidade à festa, fabricam um boi improvisado, fantasiam o João Guara e vão batucando e cantando um ou dois refrões, que ainda guardam na memória (PUCU, 1993, p.32)

A festa do boi-duro, como visto, já não existe. De acordo com o autor, nos últimos anos que o boi saiu, os preparativos para a apresentaao surgiam dos improvisos, o nome do boi mudava a cada ano, sempre de acordo com o fato social do momento. Em tom satírico, por exemplo, em 1987 foi chamado de “Boi-Funaro”, em alusão ao Ministro da Fazenda Dilson Domingos Funaro, do governo de José Sarney.

Para além do boi, existia também a bicharada, que de acordo com Pucu (1993), foi um resquício dos personagens que cumpunham o elenco do antigo boi-duro. Segundo dona Santinha, ocorria da seguinte forma: alguns moradores faziam fantasias para simbolizar os animais, como o pica-pau, morcego, cabrito, entre outros, e saíam na primeira semana do mês de janeiro, no dia de Santos Reis, pelas ruas do que hoje é o centro do distrito, dançando, caindo na folia, tanto as crianças quanto os adultos.

O boi-duro volta em cena nos festejos de São Sebastião, dia 20 de janeiro e no dia de São Braz, em 03 de fevereiro. O boi ainda existe, porém com algumas alteraoes. No festejo mais recente no qual acompanhei do primeiro santo citado, o boi vira protagonista

junto ao santo, ficando mais tempo sendo acompanhado pelas ruas do que o próprio São Sebastião. Um grupo de pessoas, liderados pela dona Santinha, tem tentando voltar com a tradição da bicharada sair no dia 06 de janeiro.

Esses elementos foram/são uma tradição familiar e um momento de diversão daquela população, um exemplo são os dois nomes citados: “[...] O velho Graciliano, um dos filhos do nêgo Gervásio, [...] um autêntico ajudense, era quem ensaiava e dirigia essa “distribuição do boi” (Pucu, 1993, p.32). O senhor Graciliano é o pai do senhor Hermes, um dos devotos de São Benedito, que compõe esse trabalho. Essas pessoas carregam na sua identidade a participação ainda hoje dos festejos locais do distrito.

Logo, nestes espaços algumas coisas se tornavam possíveis, alguns saíam do anonimato diário e ganhavam o protagonismo por algumas horas, seja sendo na figura do boi ou de algum dos animais e na organização.

No Arraial d’Ajuda também há os festejos de devoção negra, como a de São Benedito, ocorrendo primeiro a esmola em 15 de dezembro, e o segundo momento acontece após o Domingo de Páscoa, sempre na quinta-feira, com o tríduo e finaliza no domingo com a missa festiva. Ao longo deste trabalho, será abordado com mais precisão este festejo.

A festa em devoção a São Benedito percorre outros espaços desta região. Segundo o Pucu (1993), há festejos nos distritos de Vale Verde e Trancoso. De acordo com o senhor Fernando, há também no distrito de Caraíva, porém não foram encontradas pesquisas acerca destes locais.

Neste mesmo viés racial, havia no distrito o festejo que homenageava Nossa Senhora do Rosário e, segundo Pucu (1993), ocorria em Trancoso, mas acabou chegando ao Arraial d’Ajuda. Acontecia a retirada da esmola, o autor menciona que era uma festividade que recebia visitantes de outros lugares, por serem uma época dos festejos natalinos.

Nestes breves relatos sobre algumas devoções presente na localidade estudada, observa-se que as festas religiosas fazem parte da memória coletiva da população. Algumas dessas permanecem com suas mudanças e rupturas, outras desapareceram. Apesar dos festejos ocorrerem anualmente, não transcorre em uma estrutura imóvel, fixa ou rígida. Assim de acordo com Edilece Souza Couto (2008):

[...]As festividades têm “formas obstinadas”, ou seja, estruturas formais, mas também a flutuação dos elementos, que podem

desaparecer, outros novos podem ser incorporados e há até mesmo a possibilidade de ressurgimento daqueles que foram abandonados ou esquecidos (Couto, 2008,p.03).

Alguns dos festejos religiosos citados permanecem, no entanto, existem modificações. Mesmo ocorrendo em um tempo mítico e sagrado, estão dentro de um tempo histórico, permeados de mutações, rupturas e descontinuidades. Estes aspectos foram observados nos festejos religiosos ou não, no distrito de Arraial d'Ajuda.

Pode-se observar que o Arraial d'Ajuda é construído através de uma devoção mariana, que ao longo dos anos abre precedentes para a inserção de outras. O distrito passou por mudanças ao longo dos anos de 1970, anterior a isto, como é destacado nas obras aqui consultadas. Até meados do século XX, a população passava por algumas dificuldades, mas ao mesmo tempo, ainda era uma vila de pescadores, até então, mais distante.

O distrito passou de um local pacato e de descanso para o de lucro, e neste meio estavam os moradores, sentindo essa mudança abrupta. A festa de São Benedito, como observado, já estava presente e foi sentindo as modificações, mas que ao longo dos anos foi construindo novas formas e espaços de devoção, com rupturas e desgastes, mas que não deixou de ser celebrado.

CAPÍTULO 2: AS FORMAS DE DEVOÇÃO

Este capítulo tem como propósito apresentar onde são inseridas as formas de devoção a São Benedito no distrito de Arraial d'Ajuda. Para isso, serão abordados elementos da hagiografia do santo e de como as imagens foram se espalhando ao longo de alguns países, especificamente o Brasil. Será tratado sobre o conceito de devoção, para assim chegar à devoção do local estudado, discutindo a devoção particular, nos lares e como herança nas famílias dos devotos, bem como, o passado da devoção ao santo no distrito, a fim de responder ao questionamento, como se inseriu uma devoção negra e as formas que a manteve.

2.1. “É, São Benedito se santificou mesmo” - *Hagiografia de São Benedito*

Ao longo dos séculos, os santos assumiram importância para a Igreja Católica desde a sua fundação. Sensível aos desejos e iniciativas do povo fiel, eleva a honra dos santos (processo de canonização), de acordo com Monique Augras (2005), essas pessoas deixam de ser comuns, para se transformar em heróis sobre-humanos, pelas suas virtudes e principalmente a caridade, ou então, pelo ato de amor elevado a Cristo sofrem voluntariamente o martírio.

Uma das características do Cristianismo foi a preocupação com as obras e relatos, com o intuito de divulgar informações a respeito da vida dos seus santos. Este ato próprio de narrativas deu-se o nome grego de hagiografia (Augras, 2005).

Em relação à conversão, as imagens dos santos tiveram o seu papel para o Clero Católico como recurso. A esse respeito, “[...] O uso da imagem como instrumento para conversão dos negros no Brasil colonial apoiou-se nesta tradição cristã ocidental, já utilizada para atingir inúmeros outros povos “pagãos” e atraí-los a fé católica” (Santana, 2003, p.02). A utilização dos santos serviu como uma das formas de converter e catequizar, estabelecendo assim uma aproximação e um sentimento de pertencimento em relação a instituição religiosa na qual estavam sendo inseridos.

Segundo Janine da Guia Costa (2011) um dos primeiros modos de inserir o negro no catolicismo foi através do batismo, que se tornaria obrigatória no final do século XI para todos os escravizados traficados da África, uma imposição instituída pelo Papa Nicolau V. Ainda de acordo com a autora, foi no século XVI, período que ocorreu um

aumento expressivo do envio de africanos escravizados para as Américas, que o batismo passou a ser considerado uma prioridade pela pastoral da Igreja:

Essa obrigatoriedade foi ratificada em 1514 pela Coroa portuguesa, através de uma lei que obrigava os senhores a batizarem seus escravizados africanos no prazo de três meses após seu desembarque, sob pena de perderem os direitos sobre eles, e benefício da Coroa. Essa lei foi incorporada às Ordenações Manuelinas (1521) e confirmada pelas Ordenações Filipinas (1603), mais longamente aplicadas no Brasil (Costa, 2011, p.40)

Como observado, uma das formas de impor a fé nos negros traficados do continente africano, foi através do batismo, onde ganhou mais força a partir do século XVI, segundo Anderson Machado de Oliveira (2016), no mesmo período que as primeiras imagens dos santos foram trazidas para o Brasil, no período da colonização portuguesa. Entre esses, há um que está espalhado em cozinhas do país, tendo como sua narrativa um santo protetor dos negros e cozinheiros, o São Benedito.

De acordo com Sônia Vieira (2015) Benedetto Manasseri, nascido em 17 de Setembro de 1524⁷ na cidade de San Fratello, na Sicília, uma região da Itália, filho de um africano escravizado trazido por negreiros ibéricos, Benedetto teria pertencido a uma ordem de frades menores, capuchino de regras franciscanas, localizado no convento de Santa Maria-di-Gesú, próxima a cidade de Palermo. A sua morte ocorreu em 1589, já com fama de santidade (Vieira, 2015).

Em outras narrativas, a autora acima destaca que ele era um escravizado capturado no norte da África, o que era comum no sul da Itália, naquele período em que Benedito viveu. Em quase todas essas hagiografias ressaltadas por Vieira (2015), há um dado recorrente, na maioria das versões, que ele tinha o apelido de “mouro”, pela cor da sua pele.

O dicionário define mouro como “o indivíduo dos mouros, povos que habitavam a Mauritânia (Africa); mauritano, mauro, sarraceno. Aquele que não batizado, que não

⁷ Esta data de nascimento é de acordo com os estudos da tese da autora Sônia Vieira (2015) intitulado: *São Benedito: dos montes de Palermo para os Altares do mundo: a saga de um santo negro*. É um importante trabalho para saber com mais detalhes acerca da hagiografia do santo. A autora fez uma pesquisa de campo na Itália, em San Fratello, onde se encontram em exposição os restos mortais de Benedito. O objetivo do seu trabalho foi entender a significação da devoção ao santo, a partir de uma Irmandade, atualmente extinta, dedicada a este santo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construída por escravos no século XIX, no bairro da Campina, em Belém.

tem a fé cristã; infiel” (Ferreira, 2004, p. 1.366). Ainda segundo Alvaci Mendes da Luz (2022):

O termo se tornou usual na Península Ibérica nas terras dominadas por Portugal e Espanha para definir todo homem ou toda mulher de pele escura próprio, proveniente da África e/ou de religião muçulmana. O próprio São Benedito recebe, em algumas línguas, como no italiano, p.ex., a alcunha de o mouro, mesmo não tendo sido muçulmano, nem ter nascido na África (Luz, 2022, p.65)

Em relação a cor do santo, esta narrativa na qual o declara como um negro vem sendo disseminada desde o século XVIII, pelo franciscano Frei Apolinário da Conceição, que em 1744 dedicou uma obra a São Benedito:

São Benedito. Meu lindo Amor, dá-me uma sorte da Vossa cor, se houve repetidas vezes dizer assim, nas que se tiram para públicas obras pias, tanto nesta Corte, como em outras partes, que até para as terem boas vos invocam com o seu sobredito mote; e isto que todos os interessados desejam nas tais sorte, vejo conseguiu na vossa Beatificação pelo Vigário de Cristo a Família Ultramanada mais Estreita e Regular Observância de N. Seráfico P.S. Francisco, composta de trinta e três províncias, três custódias e seis Prefeituras, pois havendo de toda ela já no ano de mil setecentos e dez, as causas de cinqüenta servos de Deus na Sagrada Rota, em ordem a Sua Beatificação e Canonização, foste, e foi vós primeiro, que como pretinho nos acidentes lhe saiu, como por primeira sorte levando a tantos ilustres brancos a Primazia em a Beatificação, e colocação de Vossas Imagens nos altares da Militante Igreja (Apolinário, 1744, p. 1).

Como visto nessa citação do Frei Apolinário, sobre a hagiografia do santo, a cor é apresentada como um acidente, que poderia ser superado pelas suas virtudes e submissão aos dogmas religiosos. Embora preto, ter sido beatificado antes de outros virtuosos franciscanos, é colocado como uma forma de ter superado a cor.

Um aspecto sobre a cor do santo, segundo Anderson José Machado de Oliveira (2007), seria uma necessidade de se reforçar a cor dos santos, para que não houvesse dúvidas, porque os alvos dessa mensagem eram pessoas negras. Assim como era importante convencer que a cor preta demarcava um castigo, mas que poderia ser apaziguado se ocorresse a aceitação de uma vida conduzida a partir dos parâmetros da fé:

A existência de “santos de cor”, por conseguinte, expressava nos altares uma hierarquia cromática que tinha lugar na própria vivência dos fiéis. Hierarquia esta que delimitava fronteiras não só entre os brancos e “homens de cor”, mas também no interior deste último grupo. Deste

modo, o discurso hagiográfico sobre a cor construiu também uma série de nuances que visavam dar conta de um quadro social mais complexo, onde não só se pretendia inserir os negros de forma subordinada no interior da Cristandade, mas também expressar um imbricado jogo de hierarquias sociais afeitas às clivagens construídas entre os próprios africanos e seus descendentes (Oliveira, 2016, p.78)

A afirmação de Oliveira ressalta que a narrativa das vidas dos “santos de cor”, enfatizada pelas ordens religiosas em hagiografias, desempenhou um papel significativo na expansão da Cristandade⁸ na América portuguesa. O objetivo desses discursos, e até mesmo na busca deliberada por encontrar e canonizar santos negros em suas ordens, ia além da mera transmissão de símbolos religiosos, pois contribuiu para a criação e legitimação das posições sociais existentes na colônia. Na medida em que a sociedade escravista se intensificava, o discurso hagiográfico procurava se alinhar a esse modelo social estratificado (Oliveira, 2016).

Outro dado sobre a hagiografia de São Benedito é que, aos 18 anos teria se consagrado e aos 21 anos se tornou um monge dos irmãos eremitas de São Francisco de Assis, cumprindo seu voto de obediência. Logo, após 17 anos, por suas virtudes, é eleito como Frei Superior dos Noviços e mais tarde, guardião do convento (Vieira, 2015).

São Benedito morreu aos 65 anos, no dia 4 de abril de 1589, em Palermo, na Itália. Mas a sua beatificação ocorreu em 1743, e apenas em 25 de maio de 1807 foi canonizado pela Igreja Católica, mais de 200 anos após a sua morte, no apostolado do Papa Pio VI. Os momentos de beatificação e canonização ocorrem no momento que vigorava a escravidão negra africana. Porém, seu culto já se fazia presente antes de ser reconhecido pela Igreja, presente na Espanha, Angola, Itália, Portugal e no Brasil (Vieira, 2015).

Nesse mesmo período colonial, a religião oficial era o Catolicismo Romano, que se encontrava em processo expansão, que incluía as Américas conquistadas. Para isso, como mecanismo de expansão da religião e exploração, a devoção ao então Frei Benedetto de Palermo aparece enquanto um produto simbólico para a missão do cristianismo. Ressaltando que “antes mesmo de ser oficializada pela Igreja Católica, já teve a grande ‘missão religiosa’ de circular pelos reinos de Portugal e Espanha, chegando até as colônias, entre elas o Brasil” (Vieira, 2015, p.38). Assim, antes mesmo de se tornar santo, a sua devoção cruzou o atlântico, chegando às Américas.

⁸ Segundo Mary Del Priore, o termo Cristandade consiste em: “Unidade dos povos e países cristãos em torno em torno de interesses religiosos e políticos comuns, sob hegemonia da Igreja católica” (DEL PRIORE, 1994, p.07)

Já no Brasil, conforme Vieira (2015), a imagem de São Benedito foi escolhida para ser o padroeiro dos escravizados, fazendo uma ligação com a história do santo. Segundo a autora, na maioria das hagiografias, São Benedito nasceu em uma família pobre, a sua descendência era de escravizados oriundos da Etiópia. Entre as suas virtudes são destacadas a obediência, humildade e a questão da cor.

A autora acima ao afirmar que São Benedito tinha a sua descendência na Etiópia, traz um olhar europeizado acerca desse local. De acordo com Anderson José Machado de Oliveira (2002), era comum na historiografia europeia do século XIV encontrar escritos de intelectuais medievais da Etiópia para denominar toda a África sub-saariana: “De origem grega, a palavra Etiópia iria designar as populações de “face queimada”, passando a região a ser definida a partir de sua população (Snowden, 1971; Medeiros, 1985; In Oliveira, 2007, p.365).

Desse modo, é comum encontrar na hagiografia de São Benedito a sua descendência possuir relação com a Etiópia, já que o termo “etíope” era utilizado para uma caracterização geral de todo o continente Africano.

Em relação a irmandade de São Benedito, de acordo com Julita Scarano (1978) teria sido criada em Lisboa em 1619, destaca-se como o santo de cor mais reconhecido, e o culto a ele associado, originado na Europa, ganhou ampla acessibilidade no Brasil, sendo adotado não apenas por escravizados, libertos, mulatos, mas também por brancos. Reverenciado como defensor dos negros, São Benedito é o centro de uma festividade, ainda hoje, presente em algumas cidades.

Segundo Giovanni Cirino (2012), as suas esculturas começaram a surgir no século XVIII na Itália, sua fama percorreu sem demora na Espanha e Portugal, em uma época onde a circulação das primeiras hagiografias italianas de Benedito foi beneficiada pela dimensão do domínio da Dinastia Filipina (1580-1640). Diante desse processo de circulação surgiram três modelos iconográficos. O primeiro modelo foi o Italiano, o chamado São Benedito Padrinho Carregador, onde ele carrega em seus braços o menino Jesus. Este é o modelo que aparece com mais frequência em Arraial d’Ajuda e o mais conhecido entre os devotos do local.

A hagiografia oficial destaca a presença dessa criança a partir de um milagre:

Várias senhoras, num carro puxado por cavalos, sofreram grave acidente, no qual Dona Eleonora caiu sobre uma criança de cinco meses de idade, tendo a criança morrido asfixiada. Diante do desespero de todos, Benedito tomou a criança nos braços, põe a mão na testa gelada

e recita algumas orações. Entregando a criança, disse: ‘A senhora já pode amamentar a criança.’ A criança morta em contato com o seio da mãe adquire vida novamente e suavemente suga o leite da mãe (Frei Di Piazza, In Vieira, 2015, p.105-106).

De acordo com a autora, esse pode ter sido o primeiro milagre do santo reconhecido pela Igreja no processo de canonização. Essa representação segurando a criança é uma das mais vistas no Brasil, mas entre os devotos do Arraial d’Ajuda, Senhor Hermes, dona Atoninha e dona Lia, a narrativa acima é desconhecida, afirmando ser o Cristo nos braços do santo negro: “é o menino Jesus, é o menino Jesus que ele carrega nos braços⁹”.

Segundo Fábio Zarattini (2022), no período da Idade Média europeia, os franciscanos eram responsáveis por difundir o culto do menino Jesus, por este motivo, existem imagens de São Benedito segurando a representação de Jesus, já que o santo pertencia a Ordem de São Francisco de Assis.

Quando se trata da vida do santo, é recorrente o atributo da cor relacionada à escravidão. Para dona Antoninha, a capela intitulada de São Benedito¹⁰, situada na Cidade Histórica de Porto Seguro (ao lado há escombros do antigo colégio dos jesuítas), para a devota a narrativa é a seguinte: “aquele colégio era para os escravos *estudar*, estudavam *tudo* ali, porque era o colégio de São Benedito, *ensinava* os pretos”¹¹.

É notório ver como no imaginário da devota o santo negro tem uma relação intrínseca com a escravidão. No período colonial, da escravidão negra africana, houve um incentivo ao culto dos santos negros. De acordo com Tania Santana (2007), foram São Benedito e Santo Antônio de Categeró, ambos com trajetória de vida marcada pelo exercício da obediência, escravidão e caridade cristã. As suas imagens foram apresentadas para os escravizados como modelos ideais da conformação, humildade, renúncia e respeito pelos seus senhores e pela Igreja, logo, brancos.

Desse modo, é justificado o porquê dona Antoninha tem essa percepção já arraigada no imaginário dos devotos a associação da cor do santo com a escravidão, e por causa desse elemento imposto, se tornou um protetor, que entende as dores do negro, por ser semelhante.

⁹ Entrevista concedida por senhor Hermes

¹⁰ Antiga capela de São Salvador, pertencente aos jesuítas

¹¹ Entrevista concedida por dona Antônia Jorge, conhecida e citada ao longo do trabalho como dona Antoninha.

Outra devota, dona Santinha, fala algo similar. Para ela, São Benedito jogava capoeira para defender os seus:

Tem uma biografia dele, que ele era um bom capoeirista, defendeu muito o povo dele, defendeu na luta porque realmente ele era filho de escravo e tinha no sangue, mas quando ele veio para a santidade defendeu o povo dele praticamente de outra forma, mas se precisasse da um golpezinho, acredito que ele se virava¹².

A capoeira é herdeira de diferentes tradições africanas, que no Brasil elementos foram articulados, ocorrendo seu surgimento, sendo utilizada também como defesa. Foi criminalizada durante o século XIX pelo Código Penal da República, sofrendo fortes perseguições pelo Estado e durante o período Imperial brasileiro não foi oficialmente crime, mas foi alvo de intensas repressões (Fonseca, 2009).

As duas devotas associam e imbuem características do povo negro a um atributo do santo, isso ocorre pelo fato da sua cor se sobressair como elemento marcante e de ajuda mútua: um colégio para escravizados no século XVIII e um defensor dos seus através da capoeira. Ambos com algo em comum, ajudar os seus irmãos de cor, como sinaliza dona Santinha “[...] São Benedito ficou como protetor dos negros”¹³. É notório ver como os próprios devotos criam as suas próprias representações do santo para si.

Para Roger Chartier (1990), o conceito de representação estar atrelado como os homens constroem seus mundos e realidade a sua volta, é o resultado de posições sociais e funciona a partir de interesses:

[...] o conceito de representação é a de variabilidade e da pluralidade de compreensões (ou incompreensões) do mundo social e natural. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe [...] a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p.21).

Assim, representação é algo singular, pelo fato de remeter a um segmento específico e também por estar no campo da disputa, ele examina como as representações culturais são produzidas, disseminadas e interpretadas pelos grupos ao longo do tempo. Desse modo, as devotas citadas criaram os seus próprios conceitos de representação

¹² Entrevista concedida por dona Sirlene, conhecida e citada ao longo do trabalho como dona Santinha

¹³ Entrevista concedida por Santinha

acerca da hagiografia de São Benedito, sendo um capoeirista e criador de uma escola para os escravizados e um defensor da população negra.

Em relação ao colégio dos Jesuítas citado por dona Antoninha, era ministrado o ensino aos filhos dos colonos e de onde partiam os padres jesuítas para ações missionárias, construído em 1621. Segundo Francisco Cancela (2020), o que ocorreu com o que hoje é a Capela de São Benedito foi: no século XVIII, em Porto Seguro, os integrantes da Irmandade de São Benedito, em conjunto com as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora do Amparo, solicitaram a rainha de Portugal a antiga capela de São Salvador que pertencia aos jesuítas para a realização dos seus cultos. Com a expulsão deles em 1760, a capela de São Salvador passou para a tutela da freguesia de Nossa Senhora da Pena. Como não estavam sendo utilizadas, algumas irmandades almejavam para melhor dirigir as obrigações devocionais. A primeira Irmandade a ocupar foi a da Nossa Senhora do Amparo, que tinha vinculação devocional aos mestiços. Posterior a isso, com a autorização, a capela passou a ser ocupada pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, dedicando aos irmãos negros (CANCELA, 2020).

Para as devotas, a construção da memória de São Benedito está atrelada a questão da cor, é um santo protetor dos negros. Como destaca Pierre Nora (1993), a memória emerge de um grupo a que ela une, sendo por natureza coletiva, individualizada, plural, se enraíza no concreto, no gesto, na imagem e no objeto. Assim, se a igreja é de São Benedito, para dona Antoninha, fica evidente que um colégio ao lado é dedicado a população negra de Porto Seguro; se a capoeira tem na sua história de ser uma arte de defesa e diversão ligada a população negra, estaria presente igualmente na vida do santo.

É evidente ver como a narrativa da vida do santo, associado ao que os fiéis aprendem e experimentam no exercício da fé, está em acordo com a defesa da população negra, incluindo a sua hagiografia, como destaca dona Lia “São Benedito ele [...] trabalhava *num* convento, ele era cozinheiro, como ele era negro, os brancos tinham os seus cargos melhores e ele, um pretinho, tinha um cargo de cozinheiro”¹⁴. Todos os entrevistados apresentam a versão do santo negro, cozinheiro e humilde que roubava para dar aos pobres, reforçando o uso da sua imagem como ferramenta de conversão ao catolicismo, além disso, essa ligação com a escravidão é vista como algo positivo,

¹⁴Entrevista concedida por dona Maria do Rosário, conhecida e citada ao longo do trabalho como dona Lia. Concedida em janeiro de 2021

alinhada à condição de vida do santo: negro, humilde, subalterno e analfabeto, um exemplo a ser seguido pelos seus irmãos de cor.

[...] Não se poderia ter qualquer dúvida que os santos eram “pretos”, até porque os alvos principais daquela mensagem eram os homens que possuíam aquela cor. Era importante ademais incutir a consciência de que a cor preta demarcava um castigo, mas que este poderia ser atenuado diante da aceitação de uma vida virtuosa conduzida dentro dos parâmetros da fé (Oliveira, 2008, p.22)

Podemos observar que São Benedito passou por esse processo e foi usado como objeto de conversão. Outro exemplo está presente em um antigo folheto para a festa de São Benedito no Arraial d’Ajuda, onde os devotos fazem um convite à comunidade, enaltecendo a vida compassiva do santo:

FIGURA 8: CONVITE A COMUNIDADE CATÓLICA PARA A FESTA DE SÃO BENEDITO

SANTUÁRIO NOSSA SENHORA D’AJUDA

FESTA DE SÃO BENEDITO O PRETO OU O MOURO
(1526 – 1589)

**SÃO BENEDITO: UMA LÂMPADA ACESA
NÃO PODE FICAR ESCONDIDA**

TRÍDUO PREPARATÓRIO À FESTA:

1.º Dia: 04/04 (Quinta – Feira) / 19:30h.
Tema: **BENEDITO JOVEM POBRE E SIMPLES, “O SANTO MOURO”**
Noiteiros: **Os Encarregados da Festa de São Benedito**
Leituras: *At 3,11-26; Lc 24,35-48*

2.º Dia: 05/04 (Sexta – Feira) / 19:30h.
Tema: **BENEDITO EREMITA E FILHO ESPIRITUAL DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS**
Noiteiros: **Irmandade de N. Senhora do Perpétuo Socorro**
Leituras: *At 4,1-12; Jo 21,1-14*

3.º Dia: 06/04 (Sábado) / 19:30h.
Tema: **BENEDITO SUPERIOR DA COMUNIDADE RELIGIOSA; EXEMPLO DE HUMILDADE E SERVIÇO**
Noiteiros: **Pastoral da Juventude**
Leituras: *At 4,13-21; Mc 16,9-15*

Fonte: Livro do tombo do Santuário de Nossa Senhora d’Ajuda, 2005

Este folheto estava presente no livro do tombo, na secretária do santuário de Nossa Senhora d’Ajuda. Observo que, para o primeiro dia do tríduo é enfatizado como característica um jovem simples, pobre e mouro. Esses elementos fazem ligação com as narrativas de como as imagens de São Benedito foram difundidas no Brasil, que de acordo com Monique Augras (2005), ele foi utilizado para ser o padroeiro dos escravizados e

cozinheiros, fazendo uma ligação com a história do santo, obediente e humilde, o colocando como um instrumento de conversão e controle da escravaria.

Logo, nos cultos das igrejas, os padres falavam em seus sermões que a conversão a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, lhe traria a carta de alforria e a liberdade eterna além da vida. Dessa forma, os catequistas se aproveitavam das tradições africanas transformando-as para persuadir nos negros aos padrões católicos e portugueses de comportamento, já que ambos os santos eram cultuados pela população negra (AUGRAS, 2006).

Esse fato de utilizar os santos negros como objetos de conversão se intensificou no final do século XVII e início do XVIII, algumas obras confirmam esse processo, destacam-se os trabalhos dos “jesuítas Jorge Benci (Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos), André João Antonil (Cultura e Opulência do Brasil), e do padre Manoel Ribeiro da Rocha (Etiópe Resgatado: empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado)” (Oliveira, 2007).

Inclusive na Bahia, as primeiras Constituições do Arcebispado, elaborado em 1707, evidenciaram o interesse na conversão dos negros, incluindo um catecismo exclusivo destinado à catequese dos escravizados. Este catecismo, intitulado Breve Instrução nos Ministério da Fé, foi adaptado para refletir ao modo das expressões dos escravizados no Brasil, facilitando a catequização (Oliveira, 2007)

Os elementos presentes no folheto reafirmam essa percepção. É colocado também como um jovem mouro e da Etiópia, que está relacionada com a origem pejorativa do santo, colocando o negro como subalterno, como é posto no terceiro dia do tríduo: exemplo de humildade e serviço. Isso traz uma narrativa de aceitação, docilidade, de o negro saber o seu lugar, aptidão natural pela obediência e compassividade. Esse tipo de versão foi utilizado para justificar a escravidão, como se os negros tivessem propensão natural para o trabalho forçado.

Ainda segundo Anderson José de Oliveira, a Igreja, consciente de sua contribuição para a preservação de uma estrutura social, ampliou suas iniciativas ao longo do século XVIII com o objetivo de integrar os chamados “homens de cor” na comunidade cristã. Oliveira (2007) reitera que essas iniciativas de promover os santos negros foram concebidas como modelos exemplares de virtudes cristãs destinadas a influenciar africanos e seus descendentes.

Em relação a esse processo de expansão ibérica e do cristianismo, nem sempre os padres gostavam de participar das missões de evangelização, principalmente quando se

tratava do continente africano. Segundo Charles Ralph Boxer (2007) o Clero europeu, demonstrava uma resistência particular em atuar na África, especialmente após passada a euforia inicial da conversão do Reino do Congo, no século XVI, apesar da negativa vontade, de tempos em tempos, ressurgiram a sugestão de obrigá-los a irem às missões ao continente, independente da sua vontade.

Ainda segundo Boxer (2007), a Igreja tolerando ou defendendo, reforçava a discriminação fundamentada na cor da pele e não levantava objeção à escravidão considerada legítima de africanos. Portanto, usar a vida dos santos como objeto de conversão era estratégia de dominação.

Outros atributos de conversão foram e são as imagens dos santos. Em Arraial d'Ajuda esse elemento não foge da regra. Na Igreja central, há duas imagens que fazem a representação de São Benedito, como se destaca abaixo:

FIGURA 9: IMAGEM DE SÃO BENEDITO PADRINHO CARREGADOR



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

É esta imagem que saía no dia da procissão de culto a São Benedito em Arraial d'Ajuda. Atualmente, segundo os devotos, fica apenas exposta na igreja de Nossa Senhora d'Ajuda. De acordo com o inventário Nacional de Bens Móveis Integrados,

levantado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é uma imagem do século XIX.

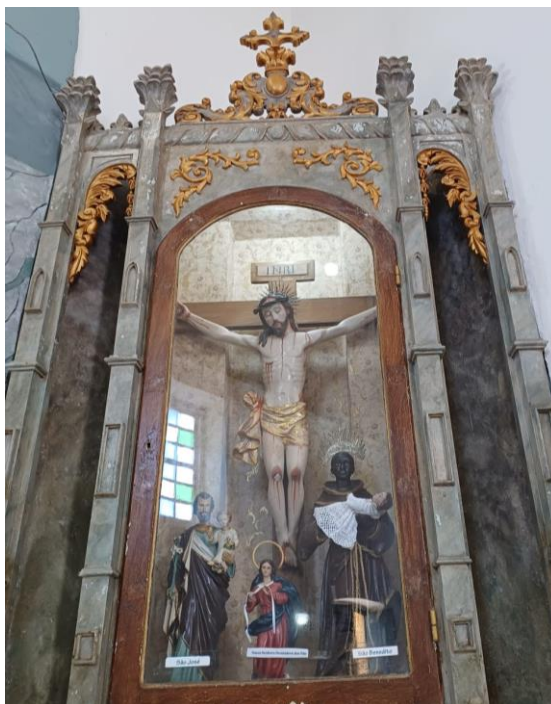
Esta é a representação do modelo italiano, sendo uma escultura em madeira sob um retábulo; se apresenta em posição frontal, cabeça direcionada para frente e olhar na mesma direção. Seu cabelo é curto e crespo, com um resplendor de prata na sua cabeça, apresenta em seu rosto traços negroides, como o nariz e boca; seus olhos são de vidro, é possível notar que um dos seus olhos foi pintado. Os detalhes da sua roupa chamam a atenção por apresentar o estilo barroco, o movimento do hábito na cor marrom, com uma das pernas inclinada para frente como se estivesse andando e detalhado com pinturas douradas ao redor do pescoço, das mãos e próximo aos pés.

Traz em sua cintura o cordão com três nós duplos, que representam a pobreza, castidade e obediência, as três pedras angulares da Ordem Franciscana. Seus braços estão flexionados e dobrados à frente, segurando uma criança com a vestimenta amarela, ela é caracterizada por ser a escultura do padrinho carregador.

Os seus pés estão calçados com uma sandália franciscana, diferente de outras imagens nas quais ele aparece descalço. Esse simbolismo dos pés sem calçado foi uma das formas de conversão dos negros escravizados ao cristianismo. O santo foi tido como padroeiro dos escravizados, então quanto mais há semelhanças com esses, uma maior aceitação ocorria.

Olhando essa imagem por um ângulo mais distante, em momentos não festivos, no seu altar, é possível observar outros elementos:

FIGURA 10: IMAGEM DE SÃO BENEDITO PADRINHO CARREGADOR



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A imagem encontra-se na lateral da igreja, o seu altar é dividido com as imagens da Nossa Senhora Desatadora dos Nós, São José e ao fundo a representação de Jesus crucificado. A respeito desse elemento de ocupação dentro das igrejas, segundo Julita Scarano (1978), as imagens de santos negros nesses espaços algumas vezes estavam associadas à irmandades e para seu santo cultuado. Os brancos, por exemplo, criaram as associações de altar-mor, obtendo condições e espaço para construir igrejas mais ricas. Já os pardos e negros ocupavam os altares laterais nas igrejas localizadas em lugares de menor destaque. Essa observação da autora explica uma parte da existência da imagem do santo está no altar lateral, e por se tratar do altar do santuário da santa padroeira, certamente foi permeado de disputas.

Voltando o olhar para a iconografia¹⁵, abaixo segue uma imagem que está sempre presente na memória dos devotos mais velhos, porque era essa escultura que acompanhava a retirada da esmola no passado da devoção. Ela se encontra na sala dos milagres, localizada na parte lateral da igreja, onde há relatos de milagres de diversos santos, a maioria atribuída a Nossa Senhora d'Ajuda, padroeira local.

¹⁵A iconografia é um tipo de análise de interpretação de imagens, conceito utilizado por Erwin Panofsky (1989), em *Iconografia e Iconologia: Uma tradução ao estudo da arte da Renascença*

FIGURA 11: SÃO BENEDITO PADRINHO CARREGADOR DA IGREJA DE NOSSA SENHORA D'A AJUDA



Fonte: Sala de Milagres da Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, fotografado pela autora, 2022

A figura acima é a representação do padrinho carregador, mas é uma escultura menor, de madeira e de oratório. Aparece com a cabeça reclinada, com o olhar para a criança em seus braços, que está com uma vestimenta branca, assim como a anterior, toca o menino Jesus; aparece com os pés descalços para passar essa visão, mais uma vez, de humilde e se aproximar dos escravizados.

A sua vestimenta traz a cor marrom, como se estivesse andando, com uma das pernas reclinada. Os seus traços do rosto são parecidos com a anterior, porém já podemos ver expressões mais europeizadas, como o nariz e o cabelo. Também carrega o cordão duplo, símbolo do voto franciscano. Em sua mão direita já aparece as marcas do tempo, encontra-se amarrada com uma espécie de fita amarela que a prende a cabeça da criança que carrega em seus braços.

Contudo, não foram encontrados dados catalogados dessa imagem, nem indícios que foram esculpidas pelo mesmo artista da anterior, mas a diferença que chama a atenção é essa tentativa de branqueamento. A imagem do santo Benedito aparece com as fisionomias de um homem branco, apenas com a tonalidade da pele negra. Isso pode se dar pelo fato de ganhar mais aceitação e aproximar das demais imagens dos santos católicos, já que em sua maioria são brancos.

FIGURA 12: IMAGEM DE SÃO BENEDITO QUE SAIA DURANTE A ESMOLA



Fonte: Casa do senhor Hermes, fotografado pela autora, 2021

A escultura acima, traz em sua narrativa um tom de resistência. O senhor Hermes¹⁶ relata que foi a cidade de Bom Jesus da Lapa comprá-la e lá mesmo recebeu a benção de um padre para que houvesse uma imagem durante a esmola, já que a antiga, vista anteriormente, passou pelo processo de tombamento pelo IPHAN, sendo assim proibida de sair com os devotos, havendo uma exceção em 2023, onde o reitor do santuário permitiu.

Esse aspecto de não poder utilizar a antiga imagem na procissão não foi bem recebido pelos devotos do santo. Para eles, a imagem verdadeira é a menor, que fica na sala de milagres (FIGURA 11).

Diante desse aspecto, essa ideia de tombamento das imagens exclui o objeto cultural da convivência desse grupo de devotos, já que eles atribuíram ao longo das gerações um sentido, visto que, preservaram a imagem do tempo mais remoto ao atual. Assim, para eles, a proibição de sair com a representação de São Benedito geram sentimentos de ruptura, de um momento que já carregavam nas gerações do festejo.

Outra imagem presente na residência dos devotos é a da dona Santinha. Ela possui em sua sala um altar com diversos santos, entre eles, duas representações de São Benedito,

¹⁶Entrevista concedida pelo senhor Hermes. Concedida em janeiro de 2021

uma delas, em gesso, com a representação da criança nos braços, a outra, chamam atenção, por ser um modelo distinto e por ser de madeira, a imagem chegou a sua responsabilidade através de outra devota, cuja mãe faleceu, e acabou se desfazendo de algumas esculturas. Por ser de madeira, certamente foi feita por algum artista popular local.

FIGURA 13: SÃO BENEDITO



Imagem de São Benedito presente na casa de dona Santinha, 2023

É uma escultura intrigante, carrega uma criança nos braços, mas não é a representação do menino Jesus, como a mais conhecida, mas uma espécie de anjo, tocando um instrumento musical, em cima da bíblia, o que pode representar a afirmação de um elo forte do santo com a Igreja.

No seu rosto, é notório ver os traços europeizados, como o nariz e a boca, comum entre algumas imagens aqui apresentadas. A sua vestimenta é corriqueira dentre as imagens anteriores: cordão em sua cintura com nós duplos, representando a sua ordem religiosa, é perceptível o detalhe da forma manual de talhar a madeira da sua roupa, tanto na frente como atrás. As mãos e os pés apresentam acabamentos mais campesinos, sem detalhes de dedos, assim como o rosto e o retábulo.

Para dona Antoninha, essa imagem carrega outras narrativas: “ele tá segurando a caixinha e meninozinho Jesus em pé na caixinha, é uma caixinha ou é a bíblia, ele tá pisando em cima da bíblia. Tá com o cordão, porque ele foi escravo, né, São Benedito”¹⁷.

Como nas demais narrativas, sempre existe a presença do menino Jesus, e o que difere é a existência da bíblia. Quando a perguntei por que o menino em cima da bíblia, foi dito que isso ocorre porque Benedito é um homem da Igreja. O cordão em sua cintura é afirmado que tem a ver com a sua história de vida, de ter sido escravizado.

Esta escultura traz um simbolismo, carrega a história do passado dessa devoção no Arraial d’Ajuda, aponta aspectos da idade, como alguns remendos, assim como a devoção, longínqua, adaptada e resistente ao tempo.

Na pesquisa da Sônia Vieira (2015), como já dito, a autora foi para Palermo, na Itália, para saber mais sobre a vida de São Benedito, incluindo uma visita ao convento onde se encontra seus restos mortais. Neste mesmo local há um quadro, que é notável, por ser uma imagem diferente de todas as outras observadas no Brasil.

FIGURA 14: FOTO DA PINTURA CONTIDA NO QUADRO EXIBIDO NA PAREDE DO CONVENTO DE SANTA MARIA DE GESÙ EM PALERMO, NA SICÍLIA/ITÁLIA



Fonte: Sônia Vieira, 2012

¹⁷Entrevista concedida por dona Antoninha

Segundo a autora, não há o ano em que a pintura foi feita. A obra é de autoria dos freis Franciscanos do convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo; tal quadro encontra-se na antiga cela em que o santo viveu nos aposentos do convento, juntamente com seu hábito de frade franciscano. De acordo com o frade, guardião do corpo de São Benedito, esta imagem representa a face do santo, porém não há indícios dessa semelhança.

É possível observar que ao redor da sua cabeça há um círculo de luz, vestido com o hábito marrom dos franciscanos, com uma espécie de capuz. Nos seus traços, pode-se perceber essa aproximação com um homem negro, como é narrado na sua hagiografia, tais como boca e o nariz. Há possibilidades de ser uma imagem próxima das características de Benedito, já que, diferem de algumas características das demais, fugindo assim, da tentativa de branqueamento.

Além das imagens presentes na Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda citados acima, há outros, tais como o modelo Espanhol, denominado o Milagre do Sangue, onde ele aparece com o coração jorrando sangue, mas há variações deste modelo. Às vezes, o santo negro carrega no lugar do coração uma pequena trouxa de tecido manchada de sangue, também pode aparecer com o coração na mão direita e um crucifixo na esquerda.

E por fim, o modelo Português denominado São Benedito das Flores, onde carrega em sua mão esquerda um tecido com flores, direcionando para a narrativa do milagre da transformação de pão em flores. Esse modelo foi o que mais circulou em Portugal e foi o primeiro a chegar às colônias do continente africano e no Brasil (Oliveira, 2016). No acervo do Museu de Arte Sacra de Porto Seguro há duas imagens deste modelo, como apresentados abaixo:

FIGURA 15: SÃO BENEDITO DAS FLORES



Fonte: Fotografadas por Francisco Cancela, 2018

A narrativa do milagre da transformação de pães em flores é a mais comum no Brasil. Se dá da seguinte forma, segundo o senhor Hermes:

E uma que ele era cozinheiro, ele era cozinheiro, então ele levava pra pobreza aquela comida que sobrava, resto não, aquela comida que sobrava, ele levava pra os presos, pra aqueles necessitados, quando chegou um dia o chefe dele, parece que o chefe soube, aí ele chegou: *São Benedito, o que você leva aí dentro dessa cesta?* ele botava dentro da cesta, não sabe, *o que leva nessa cesta?* ele disse: *Flores*, [o superior] *então deixa eu ver*, na hora que abriu só flores, *tava* dentro da cesta, era comida, aí o chefe disse é São Benedito, se santificou mesmo¹⁸.

A hagiografia do santo enfatiza, a partir desse milagre, como um santo padroeiro dos cozinheiros, aquele que ajudava o outro semelhante. Dona Antoninha diz que ele levava comida para os escravos nas senzalas, fazendo mais uma vez essa alusão de um santo que ajuda os seus, dessa vez, através do alimento.

Sobre a iconografia da devoção aos santos negros, segundo Oliveira (2016), desempenhou maior atenção no século XVIII. Isso ocorreu devido ao aumento do tráfico negreiro em Portugal, especialmente para o Brasil. A autora evidencia que nesse período surgiram publicações que circulavam por todo o período com orientações na

¹⁸Entrevista concedida pelo senhor Hermes

administração da evangelização dos negros, citando: “Cultura e Opulência do Brasil” de André João Antonil (1711) e “Etiópe resgatado: empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado” (1758) de Manoel Ribeiro da Rocha.

Esses elementos justificam o uso da imagem do santo como objeto de conversão dos escravizados ao catolicismo. Como São Benedito era negro, a sua semelhança foi utilizada como ferramenta de obediência. Esses detalhes foram empregados a irmandade de santos negros, que para os membros dessa instituição, era uma forma de ajuda mútua entre os seus a fim de enfrentar as adversidades diárias.

2.2. “*Pois tudo com fé primeiramente Deus, segundo ele*”: Devoção na família

O culto de São Benedito em Arraial d’Ajuda é um momento de continuidade da herança da devoção, que de acordo com as memórias, os devotos seguem na organização da festividade porque herdaram de algum membro da família. Sendo assim, é uma rede de memórias coletivas, formadas através de resistências.

As narrativas sobre a devoção a São Benedito neste trabalho têm como marco temporal as memórias dos devotos, mas para fins de dados cronológicos, abordaremos a devoção no século XX, a partir de 1913, período que os entrevistados começam a nascer e da primeira fonte escrita acerca da presença de São Benedito no distrito, através do jornal Correio de Porto Seguro.

Ao utilizar o conceito de devoção, de acordo com Marcelo Camurça (2006):

A devoção no primeiro contexto se passa em ambiente leigo e social, onde o papel do clérigo é complementar. Ela implica uma relação de aliança e de pacto/barganha do devoto com o santo, uma relação que envolve lealdade em troca de proteção, expressa no exercício das promessas [...]. A devoção toma forma de total fidelidade à estrutura da Igreja, ao papa e ao clero. Enfatiza a responsabilidade pessoal do indivíduo católico na salvação de sua alma, mediante a rejeição do pecado (CAMURÇA, 2006, p.258).

Segundo a Enciclopédia católica popular, o significado da palavra devoção tem a seguinte informação:

(Do lat. = entrega ou consagração). 1. Como acto da virtude de *religião, é a entrega ao amor de Deus (e, por extensão, ao das pessoas divinas e aos santos). Na experiência espiritual, pode ser acompanhada de *consolações (como em geral acontece nos principiantes generosos),

mas também se pode purificar e aprofundar na aridez espiritual (sobretudo nos mais adiantados). 2. Chamam-se **devoções** as práticas piedosas exercidas, privada ou publicamente, como regra aprovadas pela Igreja. Em geral estão ligadas a formas de *espiritualidade, p.ex., a Deus (consagração do dia), a J. C. (visita ao SS. Sacramento, “via-sacra”), ao Espírito Santo (invocação), a N.ª Senhora (terço, Angelus), ao Anjo da Guarda e aos Santos (FALCÃO, 2014).

Para José Carlos Pereira (2003), a devoção surge:

[...] geralmente, da crença em determinados poderes sobrenaturais que o santo de devoção possa ter, frequentemente um acontecimento extraordinário, milagre ou algo do gênero que ocorreu ou que ouviu-se dizer que tenha ocorrido (PEREIRA, 2003, p.68).

É abordado por Camurça (2006), que o conceito de devoção está atrelado à relação que o devoto tem com o ser devotado, mas que também está pertencida a estrutura da Igreja, ou seja. Mas é importante frisar que as devoções possuem as suas independências, não necessariamente estão ligadas a Igreja, vejamos como o exemplo a devoção ao padre Cicero, surgindo da decorrência popular.

Para a Enciclopédia católica popular, a devoção são as práticas individuais de penitencia, sendo da esfera privada ou pública. Já Pereira (2003), conclui que, para haver uma devoção, precisa estar atrelado a um milagre, para assim o santo, ganhar devotos.

De acordo com Edilece Couto (2008), o ato da devoção possui o caráter individual e íntimo, e está para além das características de fé, está presente nos espaços públicos, nos festejos, como ocorre em Arraial d’Ajuda. É um processo que dá vida à devoção, assim como nos templos, oratórios de casa e rituais.

Assim devoção não está atrelada apenas a tutela clerical, mas também a autonomia dos devotos. Existem aqueles santos cultuados sem que exista a beatificação e canonização, como exemplo no Brasil, o padre Cícero, o qual antes de ser beatificado já havia o fervor devocional sobre ele.

O catolicismo popular brasileiro é marcado por situar-se à margem dos limites institucionais, condicionando-se historicamente a costumes e modos de vida locais. Crescendo sob mãos leigas, como as do rezador e as do festeiro, acreditam-se que este catolicismo foi exposto a múltiplas concepções de fé, direcionando-se, pois, a reinterpretar a mensagem provinda de Roma (Queiroz, 1968)

Nesta percepção, o catolicismo popular ultrapassa o campo da crença e surge como resposta aos impasses sociais e políticos de um período específico da História do

Brasil. Ele emerge, pois, como instrumento de luta, como concepção de mundo e como apelo moral das camadas ditas populares lançadas aos flagelos de uma vivência primitiva, que nada lhes oferecia além do misticismo e do fanatismo exacerbado (Facó, 1976).

Em relação a devoção ao São Benedito, ganhou maior relevância em Porto Seguro no século XVIII, quando integrantes da Irmandade de São Benedito, em conjunto com as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora do Amparo, solicitaram a rainha de Portugal a antiga capela de São Salvador que pertencia aos jesuítas¹⁹ para a realização dos seus cultos²⁰ (Cancela, 2020).

O culto das irmandades aos santos negros possibilita pensar que a população negra esteve presente na formação da sociedade local de Porto Seguro, não apenas como mão de obra, mas também nas redes de solidariedades que os tornaram como protagonistas de experiências das associações das Irmandades de mulheres e homens pretos.

Acerca dos entrevistados, vale ressaltar que a maioria está interligada por perspectivas comuns, de costumes relacionados aos aspectos familiares, por exemplo, a família d'Ajuda, cujos integrantes sempre foram citados como personagens dessa devoção ou como mantenedores do festejo.

Observamos que o senhor Hermes, membro mais velho da festa, é o patriarca da família d'Ajuda; a senhora Lia, é sobrinha do senhor Hermes; o senhor Antônio é sobrinho do senhor Hermes e primo da senhora Lia; o senhor Fernando não é dessa família, mas cita o pai do senhor Hermes e a mãe da senhora Lia como personagem da festa de São Benedito de Arraial d'Ajuda. Nos depoimentos há sempre uma ligação entre a festa e a família d'Ajuda.

Há outras famílias que entram em cena ao buscar mais informações sobre o passado dessa devoção, sendo o intuito deste capítulo. A fonte escrita mais remota encontrada foi a do jornal Correio de Porto Seguro, do ano de 1913, no qual, apresenta uma matéria acerca da reorganização da Irmandade de São Benedito, do Arraial d'Ajuda, vão aparecer alguns personagens que têm alguma ligação com os devotos da atualidade:

Tenho a honra de comunicar-vos que realizou-se ontem com grande assistência de fieis uma missa festiva a S. Benedito, no Arraial

¹⁹ Representação do Ouvidor da Comarca de Porto Seguro José Ignácio Moreira, dirigida à rainha, na qual pede, em nome dos irmãos da N. S. do Amparo e dos Irmãos de N. S. do Rosário e S. Benedito, que lhes fosse concedida a antiga Capela dos Jesuítas, para nela as duas irmandades celebrarem as festividades das suas devoções. Porto Seguro, 05 de abril de 1791. AHU_ACL_CU_005-01, Cx. 74, D. 14321 (Arquivo Público do Estado da Bahia In Francisco Cancela, 2020)

²⁰ Arquivo público do Estado da Bahia – APEB. Seção Provincial. Livro de Irmandade. Maço 5264. Porto Seguro (1861).

d'Ajuda, e que após esse acto, devido aos insistentes esforços do irmão Antonio Jorge de Figueredo foi solemmentereorganizada a irmandade do mesmo santo, n' aquella povoação, e eleita a respectiva mesa cujo resultado foi o seguinte:

Juiz – Fabriciano Joaquim da Silva; Thesoureiro – José Caboclo Alexandrino ; Procurador – Antonio Olympio dos Santos.

Eleita a meza, procedeu-se a eleição dos juizes que terão de fazer a festa do anno de 1914, apurando-se o seguinte resultado:

Juizes – José Henrique da Costa e D. Maria de Souza Franco Tatú.

Para conhecimento de todos os irmãos e fieis torno publico que a referida festividade terá lugar no dia immediatamente seguinte ao da festa dos Pescadores, a qual se celebra na 1ª segunda feira seguinte ao domingo da Ressurreição.

Agradecendo a publicação do presente, apresentando os meus protestos, de elevada consideração. Pela meza – o encarregado – Antonio Jorge. (Correio de Porto Seguro, 1913, nº 75, p.05).

É mencionado no jornal, que a irmandade estava se reorganizando, passou por um momento de rompimento, os motivos não foram encontrados nesta edição do jornal, mas de acordo com Pucu (1993), esse momento de ruptura se deu pelo fato de uma proibição por parte da Igreja:

A Igreja, que sempre usufruiu desse sincretismo, foi até onde lhe pôde convir, pois tinha o controle de todo o apurado e dos óbulos doados pelos fiéis, pagadores de promessas. O que o arcebispo de Salvador fez com a tradicional Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, em Cachoeira [...], aqui na Ajuda a “Irmandade de São Benedito” sofreu a mesma proibição há mais ou menos cinquenta anos. Sargento Barcelar – já falecido foi quem decidiu resolver o primeiro impacto entre a Igreja e a Irmandade, quando declarou: “Solta o santo! Faz outro! e tira a esmola!” (Pucu, 1993, p.16)

Segundo Antônia Aparecida Quintão (2002), as Irmandades, principalmente as negras, tinham certa independência. Organizavam a Mesa, os fundos, mas nas primeiras décadas do século XX, a Igreja romanizada destituiu do leigo o poder de decisão e administração, as Irmandades sofreram esvaziamentos das suas atribuições, muitas foram substituídas e ficaram subordinadas ao Vigário. Como sinaliza Elcio Sant’Anna (2018), a partir da Romanização, ocorrida entre os anos 1880 e 1920, os bispos da Reforma Católica empenharam-se em restabelecer uma conexão mais estreita com a Santa Sé, visando implementar um movimento guiado pelas influências das orientações delineadas no Concílio de Trento e fortalecidas pelo Concílio Vaticano I:

A irmandade na escaparia da sintonia fina que o clero. Com isto os romanistas começaram agir veementemente. A agência eclesíastica passou a caracterizar-se pela recusa das “manifestações que

caracterizavam o catolicismo negro” (Sant’anna, 2014, p. 67). A romanização passou a recusar terminantemente o “valor religioso de rituais como dança e cortejos de negros”. Um modelo mais europeizante foi exigido cada vez mais (Sant’anna, 2018, p.44)

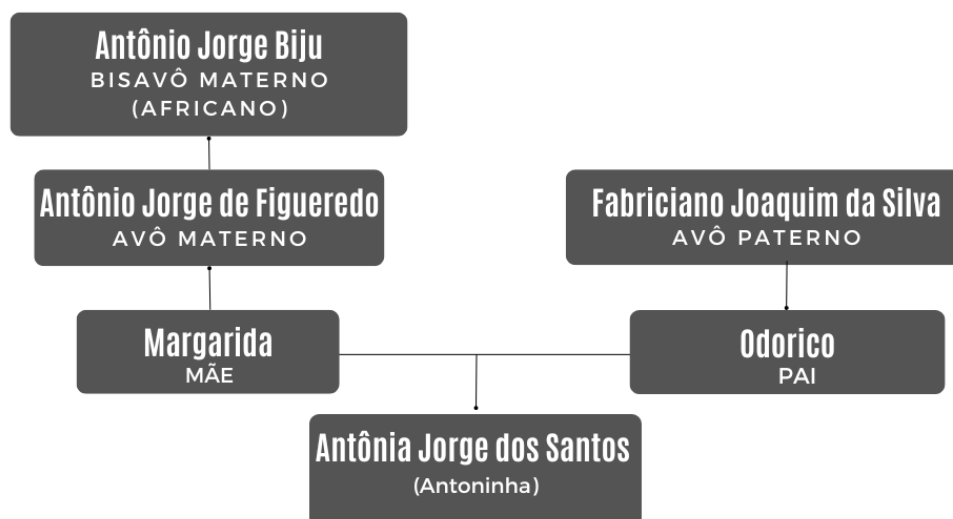
No depoimento do Pucu, aborda que essa proibição da autonomia das Irmandades atingiu a de São Benedito, do Arraial d’Ajuda, incluindo um episódio em que a imagem de São Benedito ficou “presa” em dado momento em que saíria na Tirada da Esmola. Já é possível observar os atritos com a Instituição religiosa, essa restrição das irmandades citada por Quintão (2002), não impediu que as confrarias continuassem, agora, agindo de outras formas, como ocorre atualmente no distrito, veremos mais abaixo esses detalhes.

Voltando a matéria do jornal Correio de Porto Seguro, outro ponto destacado é sobre a data da festa, sendo iniciada na segunda-feira, após o domingo de Páscoa, atualmente começa também após a Páscoa, porém na quinta-feira.

Na matéria é abordada a volta dessa irmandade em 1913, é reiterado que foi preciso uma reorganização, citando um irmão que assumiu esforços e insistência para a volta do festejo. Este irmão é o Antônio Jorge, avô materno da dona Antoninha (Antônia Jorge), devota de São Benedito

Abaixo segue uma árvore genealógica devocional da família de dona Antoninha e do senhor Hermes, para entendermos melhor alguns nomes citados na matéria acima.

FIGURA16: ÁRVORE GENEALÓGICA DA DEVOÇÃO NA FAMÍLIA DE DONA ANTONINHA.



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Observa-se como existe uma linhagem na família da dona Antoninha a qual segue a devoção, conta que começou com seu bisavô, dando destaque a sua origem, sendo de

algum local da África. Ela enfatiza a cor da pele dos seus descendentes maternos como uma característica marcante. Esses dados confirmam como a devoção a São Benedito criou laços de irmandade no distrito, entre os irmãos de cor. Outro aspecto nessa família é o sobrenome que acompanham as três gerações, podendo ser um sobrenome imposto por algum senhor de escravo.

A sua família paterna, do mesmo modo ocupou um lugar de destaque dentro da irmandade. Fabriciano Joaquim da Silva, no cargo de juiz, de acordo com João José Reis (1996), este cargo era de muito prestígio e respeito:

Os dirigentes máximos das irmandades eram chamados juízes, provedores ou outros termos que variavam regionalmente. Os escrivãos e tesoureiros também detinham grande poder. Eram esses os principais cargos da *mesa*, como se chamava o corpo dirigente das irmandades. Outros membros se encarregavam da organização de festas e funerais, coleta de esmolas, assistência aos doentes, administração da capela e do culto divino (REIS, 1996, p.04)

Observo como algumas famílias, que ainda hoje ocupam esse lugar de destaque, estiveram presentes desde o início do século XX, como o mencionado Fabriciano Joaquim da Silva e Antoninha, sua herdeira na atualidade. Essas irmandades formam um espaço de autonomia, onde os ritos, as eleições, as missas e o preparo dos festejos eram formas de organização de identidade sociais coletivas, no interior de um distrito de pescadores, o qual o futuro era incerto, dependia da maré e dá boa colheita.

De acordo com Julita Scarano (1978), as irmandades no seu estilo conceitual eram criadas a partir de um Compromisso, uma lei que estabelece os estatutos da organização, esta deve ser seguida por todos aqueles que desejam entrar, dispondo de um corpo dirigente denominado de Mesa. É observado que a irmandade de São Benedito de Arraial d'Ajuda em 1913 tinha esse caráter conceitual composta por uma Mesa, Juiz, Tesoureiro e Procurador.

As irmandades, desde o seu surgimento no Brasil, tiveram um papel importante para a população negra, era uma entidade que possibilitava uma luta por espaços não apenas nas igrejas, mas uma forma de ganhar um lugar de respeito na sociedade (Scarano, 1978). Um ambiente onde poderiam encontrar ajuda mútua entre os seus, ter um enterro digno, com todos os detalhes que o período pedia (Priore, 2016). Era um espaço onde o leigo²¹ tinha autonomia.

²¹ Uso o termo leigo para definir aquelas pessoas que não faziam parte do corpo clerical, mas que podiam ganhar seu protagonismo nas confrarias

Podemos dizer que nessas organizações é que se manifestava realmente o espírito religioso da população, que congregava os elementos das mais variadas categorias sociais. É interessante notar que tais elementos eram homens e mulheres que levavam vida comum, mas que patrocinavam o culto, construía[m] igrejas, paramentavam-nas, organizando assim a vida católica local. Realmente, o leigo da irmandade mineira se considerava a própria igreja, julgando poder intervir em quase todas as questões eclesiais. Via no padre apenas aquele que tem capacidade de dizer missa e distribuir os sacramentos e somente nessas oportunidades se sobrepunha aos membros das irmandades. Estes sempre manifestaram atitude insubmissa em relação à autoridade eclesial, fato sentido mesmo pelos bispos (Scarano, 1978, p.28).

Essas Irmandades abrigavam várias camadas da população, eram subdivididas entre si. Em Arraial d'Ajuda, entre algumas, havia a de São Benedito, que se encaixa nesse modelo dito por Scarano, tinha a sua autonomia, hierarquias e regras, o padre era a pessoa que celebrava as missas, mas quem organizava o andamento e mantimento da irmandade eram os irmãos.

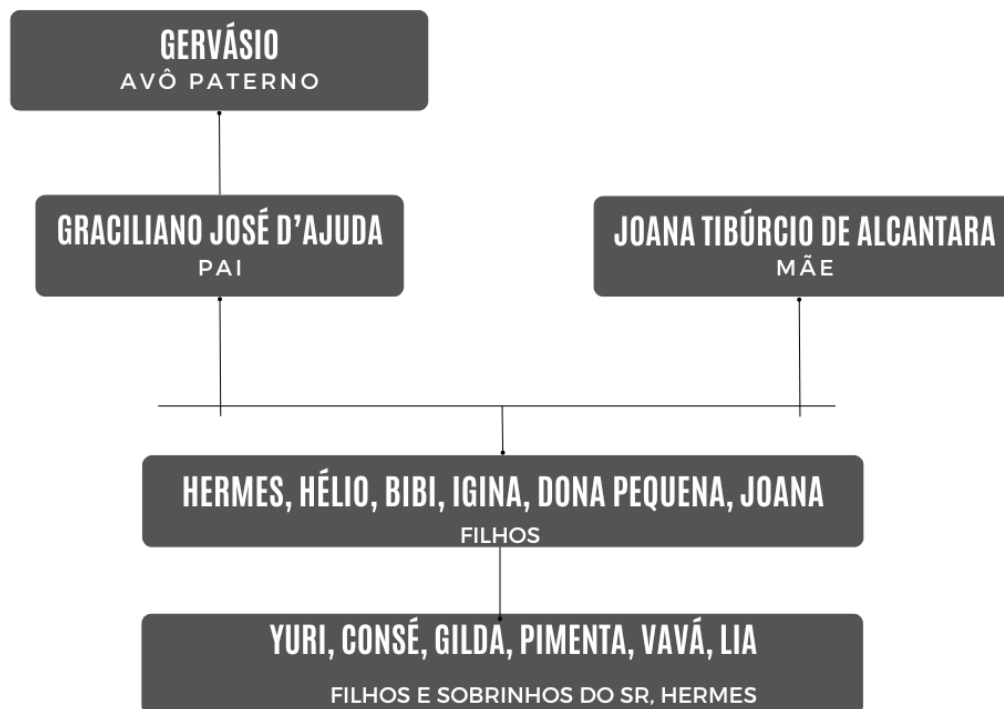
Essa Irmandade de São Benedito passou por alguns rompimentos ao longo dos anos: “Mas, de fato e de direito, a Irmandade acabou quando Zé Fernandes entregou a chave ao padre Emiliano [...]. E como dizem os mais velhos: ‘Hoje não tem mais Irmandade, só os festeiros’.” (Pucu, 1993, p.17). No início da entrevista com Antoninha, ela me fala que não é da irmandade, seu pai que era.

Desse modo, a irmandade de São Benedito no seu caráter estatutário não existe mais, porém, para os devotos, afirmar que ela existe faz parte da cultura religiosa, é assegurar que tem uma irmandade é uma forma de ganhar respeito na sociedade. Como será visto algumas imagens da festa de 2023, no capítulo seguinte, alguns elementos como o uso da opa, são detalhes das irmandades que permanecem.

A questão do ser festeiro era um cargo, pessoas escolhidas dentro das devoções, para arcar financeiramente com a festa; também foi proibida pelo bispado, porque a arrecadação do dinheiro para esses festejos não passava pela Instituição, dando autonomia aos fiéis, fugia das regras de vigilância eclesial (Benfica, 2014).

Outro nome citado na matéria do jornal acima tem parentesco com outros devotos, como o professor Antônio. O seu avô, senhor Antonio Olympio dos Santos, e avô da dona Lia, ocuparam o cargo de procurador da antiga irmandade, vejamos abaixo a formação da devoção nessa família:

FIGURA17: ÁRVORE GENEALÓGICA DA DEVOÇÃO NA FAMÍLIA DO SENHOR HERMES



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Na família do senhor Hermes, os d'Ajuda, consegui mapear a devoção a partir do avô do senhor Hermes, o senhor Gervásio, outro nome é o senhor Graciliano, também citado na obra do Pinheiro Pucu (1993), como um dos mantedores da devoção. Vejamos que os filhos de dona Joana e Gracilino mantiveram-se seguindo a devoção, assim como alguns dos seus filhos e netos.

Essa informação advinda do jornal, corresponde ao que os devotos da atualidade abordam sobre a tradição ser hereditária, dona Lia sobrinha do senhor Hermes, também destaca essa herança devocional familiar:

[...] sim eu faço parte da Irmandade, porque já vem da família, que é tradicional da Irmandade de São Benedito, que era o meu avô, o meu pai que também era da Irmandade, fazia festas também de São Benedito e a minha mãe né [...] ²²

Além disso, o senhor Fernando reafirma essa herança: “[...] meu pai que era devoto, aí ficou tudo junto aí eu peguei a vontade dele e fiquei e tô até hoje e vou ficar e

²² Entrevista concedida por Dona Lia

só vou largar quando morrer”²³. Nesses relatos pode-se observar esse sentimento de pertencimento à festa, bem como um momento de nostalgia, lembrar os entes queridos que não estão mais entre eles.

Surgiu aqui há mais de um século e dizem alguns remanescentes, que o “espírito” de sua formação veio procedente de Caraíva. Seus fundadores, eram todos daqui: João Henrique (comerciante), Fabriciano (pescador), João Prefeito (pescador), Graciliano (pescador/roceiro), Argemiro e Dorico, que foi o último procurador oficial da Irmandade (Pucu, p.15, 1993).

Neste trecho, aparecem e repetem outros nomes, como o avô paterno de dona Antoninha, outro personagem é o Graciliano, avô do senhor Hermes. Sobre o surgimento da irmandade advinda de Caraíva, outro distrito de Porto Seguro, é um elemento mencionado também pelo senhor Hermes, que o surgimento da devoção veio de Caraíva, mas como já mencionado, em Porto Seguro (sede), desde o século XVIII a Irmandade de São Benedito estava ativa, em Arraial, pode vir a ser remanescentes da sede.

O senhor Fernando continua sobre a devoção no seu seio familiar, a partir de um milagre íntimo:

Eu tenho um milagre dele da minha vida, que aconteceu com a esposa minha, vou contar agora, que isso aí até o médico admirou. A minha esposa *tava* com barriga no dia de ganhar neném, já no dia e a hora, aí a parteira aqui lutou, lutou e não teve a criança, e ela [a esposa] sem eu ver pegou a minha imagem de São Benedito, que é a imagem de São Benedito é deste *tamanhozinho* [sinalizando que é pequena] assim, um São Benedito que eu tenho, aonde eu vou, eu carrego, aí ela pegou, e ela não tinha fé. O pior dela era isso, ela não tinha fé, ela nunca me empatou de ir pra esmola, mas ela não tinha fé na festa de São Benedito, nem no Milagre de São Benedito, eu digo *lá um dia você recebe o milagre dele*.

Aí nesse dia, nós vamos levando ela pra Porto Seguro, pra ganhar neném, o menino já no jeito dela *botar* o menino *pra* fora, quando chegou no hospital, na hora que ela chegou na maca pra sentar o menino atravessou, ela botou a boca no mundo a gritar, *o menino atravessou, agora tem uma coisa a única solução é operar ela* [o médico], virou pro médico e disse *doutor eu tive esses filhos todo, nunca careceu operar, será que esse vai operar*, aí eu falei assim: *olha, com Deus na frente, você tem que fazer de qualquer jeito, tenho fé em São Benedito que você é de ganhar, é de ter seu parto em paz*. Eu falei *né*, aí eu vi quando ela meteu a mão na bolsa, mas eu não vi nada, daqui ela tirou e segurou aqui, ela pegou com fé e disse: *meu São Benedito se vós fazer não carecer operar, eu vou correr sete casa com meu menino no colo, de pé no chão*.

Na hora que o médico vai virando, mandou as enfermeiras ajeitar a máquina toda pra operar, o médico vai virando o corredor, a enfermeira

²³ Entrevista concedida pelo senhor Fernando.

gritou: *Doutor , volta, volta porque o menino coroou e já tá descendo, já tá nascendo.* Essa palavra eu vi o médico falar, *Dona Lucimar o que foi que houve?* Ela disse: *milagre.* E as lágrimas dela desceu lá no hospital, aí quando eu olhei para ela, ela disse: *nego, agora eu acredito que o seu protetor é São Benedito, e ele é meu protetor também, aqui eu me peguei com ele,* aí o médico falou assim *é moça, é dona Lucimar a senhora teve muita fé, porque do jeito que eu vi sua criança atravessado e ter ele agora foi um milagre.*

O meninozinho nasceu saudável, veio faltava 14 dias pra esmola, quando foi de manhã cedo ela me chamou, *nego bora para igreja, botou o meninozinho enrolado no pano e foi ela de pé no chão, ela fez a promessa para correr sete casa com menino, e São Benedito e acompanhando o meninozinho também, foi tanto que quando chegou na sete casas, me lembro como se fosse agora, o rapaz da opa veio pegou meu menino, enrolou na Opa e começou a sambar com o menino na opa, então é o cujo menino que eu falo que frequenta a opa de São Benedito, é Fernando [o nome do filho também é Fernando] esse que deu trabalho para nascer e foi rapidinho, aí foi quando ela acreditou, ela disse *Fernanda a partir de hoje eu acredito em São Benedito.* Pois tudo com fé primeiramente Deus, segundo ele, a gente tem a salvação isso aí aconteceu comigo mais essa mulher, que nós somos separados²⁴*

O senhor Fernando destaca que para onde vai, leva uma imagem pequena de São Benedito, juntamente com a narrativa de milagre ocorrido com a sua companheira, através da interferência do santo. Além desses, aparece outros elementos tais como o santo ser o protetor, a promessa como uma forma de agradecimento e a devoção serem passada para outros membros da família.

Desse modo, São Benedito é o ser superior, segundo o senhor Fernando, o santo só fica abaixo de Deus. Nesses momentos de dificuldade, ele o protege e em troca vem as promessas, como gratidão. Essas informações da promessa remontam as histórias de vida e motivações pessoais para a devoção.

O senhor Hermes, ressalta que acompanha a devoção a São Benedito desde a época do seu avô, Gervásio, que passou para o seu pai, Graciliano, sujeito que é sempre citado como mantenedor da festa no distrito e dito pelo senhor Hermes, que já foi o tesoureiro da irmandade. Segundo ele:

[...] Tem mais de 100 anos, muito mais de 100 anos essa festa, eu acho que é do meu avô para cá, que pegou esse movimento, então a gente começou de novo né, aí pra não acabar, porque em Porto Seguro mesmo acabou, Porto Seguro não tem mais festa de São Benedito, então acabou, mas porque acabou? Falta de união né, então é a mesma coisa se não tiver união, se não juntar a turma, senão a festa acaba, né não²⁵.

²⁴Entrevista concedida pelo senhor Fernando

²⁵ Entrevista concedida pelo senhor Hermes José

Como destacado, sua família se faz presente na festa há algum tempo, pelas suas memórias, ocorria desde o tempo de seu avô, como visto na matéria do jornal, evidenciando essa presença da festividade ao santo no Arraial d’Ajuda por mais de 110 anos.

O senhor Hermes menciona a festa de Porto Seguro, na qual ocorreram algumas rupturas. Pela sua posição no momento da entrevista, transpareceu que há um tipo de confronto entre memórias em disputas sobre as festas. Ele aponta que a festa da outra localidade *não tinha uma irmandade forte*, ao contrário do Arraial d’Ajuda, reitera que foi mais combativa para que não houvesse o enfraquecimento.

Vale ressaltar que, a festa em homenagem a São Benedito não acabou em Porto Seguro, pois passou por ressignificações. Por exemplo, o festejo durava nove dias, chamado de novena²⁶, ao contrário do festejo de Arraial d’Ajuda, que desde o início do século passado ocorre em três dias, o chamado tríduo.

Em Porto Seguro ocorria uma roda de dança intitulado o cucumbi²⁷ dos escravos, onde os membros da irmandade se vestiam de branco com colares de conta e turbante; as mulheres com longos vestidos rodados ocorria na Cidade Alta, a qual após o tombamento²⁸ tornou-se Cidade Histórica.

Havia igualmente a esmola, saía desse espaço da Cidade Alta e seguia até, no que hoje, o centro da cidade. Atualmente essa devoção permanece, porém acontece o tríduo,

²⁶ A novena é um conjunto de orações, que pode ocorrer em particular ou em grupo, realizada durante o período de nove dias; tem sua origem na tradição católica mas pode ser encontrada em outras religiões ou crenças.

²⁷ Congada com ocorrência em localidades do nordeste e sul do Brasil. O enredo apresenta variações, mas em geral alude aos reis Congo e Bamba e homenageia N. Sra. do Rosário e S. Benedito, sendo composto de cantos de chegada, louvores religiosos, cantos soltos e uma parte de guerra entre os dois reis. Os cantos são denominados marchas e marchas-fogo e são acompanhados por música de pandeiro e batuque de tambores em várias toadas. Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002062.htm> Acesso em 25 de junho de 2023.

²⁸ De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o conjunto arquitetônico da Cidade Alta foi tombado em 1968. Todo o município de Porto Seguro foi erguido a Monumento Nacional, pelo Decreto nº 72.107, de 18 de abril de 1973. Houve uma adequação da área tombada para adequar ao termo do decreto. Assim, o IPHAN, optou por corrigir os limites de sua atuação, ocasionando um novo tombamento no ano de 2000, abrangendo aproximadamente 800 imóveis. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/117> Acesso em 25 de junho de 2023

e no final desse período ocorre uma procissão no espaço onde existe a capela de São Benedito²⁹, na Cidade Histórica³⁰.

Assim, seja através de uma promessa ou a influência dos pais, as pessoas se engajam de maneira significativa para a realização da continuidade da devoção. Como o exemplo do filho do senhor Fernando, que tem o mesmo nome do pai, foi criado de forma para que dê continuidade a fé ao santo, temos também a família de dona Antoninha e a do senhor Hermes, que influenciou na fé do senhor Antônio e da dona Lia.

2.3. Rastros de saudade: “*Naquele tempo era assim*”

Como observado, a devoção a São Benedito foi sendo passado de geração em geração, como salienta Pereira (2003). A devoção tem como característica a lealdade, o pacto de dedicação entre o santo e o devoto. E esse atributo é visto nos passos do festejar ao santo devotado, como o fato de irem a outro distrito a pé, entre cânticos e rezas, longe de casa entre três a quatro dias. São particularidades que fizeram parte do passado de fervor ao santo.

Essa devoção para estar escrita aqui, foi feita de várias memórias, segundo Maria Clementina Cunha (2001). Ao escutarmos as memórias dos participantes de festejos religiosos, fazemos um trabalho de subversão do silêncio, capaz de gerar algumas reflexões e contribuições no processo de investigação sobre o destino da devoção a São Benedito em Arraial d’Ajuda e o modo como as memórias são reafirmadas atualmente por àqueles que participaram e participam. Assim, estudar um festejo é preciso:

²⁹ Quando integrantes da Irmandade de São Benedito, em conjunto com as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora do Amparo, solicitaram a rainha de Portugal a antiga capela de São Salvador que pertencia aos jesuítas para a realização dos seus cultos. Com a expulsão dos Jesuítas em 1760, a capela de São Salvador passou para a tutela da freguesia de Nossa Senhora da Pena. Como estava sendo utilizadas, algumas irmandades almejavam para melhor dirigir as obrigações devocionais. A primeira Irmandade a ocupar foi a da Nossa Senhora do Amparo, que tinha vinculação devocional vinculada aos mestiços. Posterior, com a autorização regia, a capela passou a ser ocupada pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, dedicando aos irmãos negros. (CANCELA, 2020, p.65)

³⁰Essas informações são a partir de um projeto de pesquisa financiado pela PROAF iniciada em 2018/2019, intitulada **Investigação Histórica no Museu de Arte Sacra de Porto Seguro**: traçando a presença e participação dos afro-brasileiros na história e cultura da cidade, sob orientação do professor Francisco Cancela, no qual pesquisamos a presença negra na cidade, através da devoção a São Benedito. Pesquisa esta que continuou entre 2019/2020, denominada **a devoção a São Benedito**: História, memória e esquecimento, na qual procuramos identificar as formas de devoção a São Benedito, bem como analisar os processos de enfraquecimento da devoção ao santo na cidade, ocorrido a parti da década de 1970, momento este que ocorre o processo de patrimonialização e do desenvolvimento da atividade turística.

Decidir se queremos fazer da festa a reiteração do sabido – rituais de inversão e válvulas de escape – ou arriscar uma interpretação capaz de lidar com a indeterminação e mais preocupada em estabelecer nexos entre as diversas práticas carnavalescas e seus significados para os vários protagonistas, presentes em embates que tinham dia, hora e lugar. (Cunha, 2001, p.312)

Dessa forma, como destacado, é preciso fazer escolhas, lidar com os embates e indeterminações da devoção de São Benedito, pois a partir deles, podem-se entender as rupturas, desfazer os nós, observando questões, procedimentos e ferramentas para análise dos festejos, já que as festas são móveis, assim como as tradições são inventadas (Hobsbawm, 1997).

Durante as conversas com os entrevistados é possível observar a comoção e confiança ao dizer que eram devotos e que a crença ao santo sempre esteve presente nas suas famílias. Um exemplo é a Tirada da Esmola, que foi e é a ocasião onde ganhavam destaque no distrito, o quanto são conscientes de que no dia 25 de dezembro na frente da igreja de Nossa Senhora d’Ajuda o “sambão” é realizado e em seguida a esmola, fazendo parte da construção da cultura local.

A festa de devoção de culto a São Benedito no distrito começava no dia 25 de dezembro na porta da igreja, com fogos e uma roda de cânticos, com entoadas de instrumentos musicais, como tambor, cavaquinho, atabaque, violão, sanfona, berrante, anunciando que darão início a esmola³¹.

Esse primeiro momento é comum a utilização do corpo através da dança e da musicalidade. O *sambão* de São Benedito, algo ancestral, são formas de saberes que se expressavam como arte, pensamento, herança, comunicação e resistência contra o discurso e a política das marcas advindas do ocidente.

A respeito deste *sambão*, nome dito pelos entrevistados, é descrito como uma roda de dança, imbuído de várias entoadas, junto com instrumentos musicais e palmas. Desse modo, essas características fazem alusão a aspectos étnico-raciais, características advindas do período da escravidão, onde procuravam uma forma de manter vivos os seus costumes.

De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e

³¹ A esmola é uma prática do cristianismo, nesta devoção é o ato de alguns devotos fazerem para fazer a festa de culto ao santo, eram doados desde dinheiro até animais

como agente emancipador da escravidão. Seja pela religiosidade, pela dança, pela luta, pela expressão, a via corporal foi o percurso adotado para combate, resistência e construção da identidade (Munanga; Gomes, 2006, p. 116,apud Azevedo, 2018, p.47).

Assim como é relatado pelos devotos, o *sambão* de São Benedito é herdeiro desse uso do corpo através da dança e música para resistir e enfrentar as adversidades através da religiosidade, mesmo resistindo ao extermínio físico, cultural, racismo e segregações. Dessa forma, os devotos que cultuam São Benedito pertencem a uma memória coletiva de grupos ligados por configurações comuns de costumes relacionados aos aspectos étnicos e familiares.

Após esse momento das primeiras horas da manhã na porta da igreja, eles saem em cortejo para passar primeiro na casa do festeiro³², onde a imagem do santo estava durante todo o ano anterior. O grupo entrava na casa, e começava a cantar e dançar, enquanto a carregadeira, que é a dona da casa, dançava com São Benedito nas mãos:

Ê vumbora
 Ê vumbora
 Ê vumbora
 Ê vumbora
 Carregadeira vumbora
 Carregadeira vumbora

A carregadeira é a pessoa da casa que assume temporariamente a responsabilidade de carregar o santo. Como representante do lar, ela carrega São Benedito para dentro do imóvel,segundo explica Antônio:

Quando eu chego na sua casa para entregar o santo, você recebe o santo, você que é o responsável naquele momento, aí você sai, você é a carregadeira, sai com o santo e vai entregar na próxima residência, aí a residência próxima [...] assim que funciona³³

Após percorrer as pequenas ruas do distrito, no qual se resumia ao que é hoje a praça da Igreja, no outro dia, percorriam o caminho rural até Vale Verde. Pela estrada já

³²O termo festeiro foi utilizado pelas festas populares da Igreja católica, mas que sofreu coibição por parte da instituição, porque utilizava os recursos oferecidos aos santos para fins considerados profanos. Portanto, o padre deveria instruir os leigos sobre a legislação eclesiástica e a importância do predomínio do espírito religioso nas festas (Benfica, 2014, p.31 apud Marin, 2004, p. 05). Nesse sentido, houve por parte da Igreja essa tentativa de diminuir alguns aspectos das festas populares religiosas, com o intuito de limitar os poderes e independências dos festejos que giram em torno do sagrado e do profano.

³³Entrevista concedida pelo senhor Antônio

havia residências à espera da comitiva, para deixar a sua contribuição, seja em dinheiro ou alimentos, como de acordo com dona Lia era comum doar porcos, frangos e frutas da estação.

Vale Verde é outro distrito que faz parte da memória dessa devoção, é uma vila rural localizada entre Arraial d’Ajuda e Trancoso, situada na margem do rio Buranhém, com aproximadamente 33,8 km do Arraial d’Ajuda.

A sua história também está atrelada ao processo colonizador da América Portuguesa e a história indígena. De acordo com Ivaneide Silva (2013), foi um local de aldeamento para as missões jesuíticas, intitulada Aldeia do Espírito Santo dos Índios ou Aldeia Patatiba. Após a expulsão dos Jesuítas no século XVIII, passou a ser chamada de Aldeia Vila Verde, se tornou ainda Paróquia de Vila Verde, e apenas no século XX, passou a ser chamada de Vale Verde, distrito de Porto Seguro.

O caminho no qual os devotos de São Benedito percorriam entre Arraial e Vale Verde não é o mesmo que existe atualmente, segundo o senhor Hélio, que participou da construção desse trecho da BR-367 que ligam os distritos, “tinha uma estrada de chão que cortava ali por dentro, do parque central e ia sair lá em Vera Cruz, aí tinha uma estrada de chão que cortava por dentro [e chegava a Vale Verde]”. Esse era o caminho em que os devotos percorriam. Desse modo, entendemos porque eles diziam que havia na estrada outras pessoas que doavam alimentos para a esmola e alguns não acompanhavam esse percurso da Tirada da Esmola, por ser um caminho distante.

Em Vale Verde, havia uma organização para receber a comitiva com São Benedito, vindos do Arraial d’Ajuda, como coloca dona Antoninha:

No dia 26 pegava São Benedito, era dois jegues que ia com cangalha, caçoar, colocava as roupas da gente, as coisas tudo panela, porque às vezes tinha que parar no caminho para cozinhar, nós ia tudo de pé para Vale Verde, quando chegava lá de noite em Vale Verde, era só no quadrado também, já recebia a gente com palmas, com fogos, em Vale Verde era bonito demais, a gente saía daqui de pé minha filha (risos), chegava lá 5 ou 6 horas da tarde em Vale Verde, quando chegava lá descansava, colocava o São Benedito na igreja, pessoal de Vale Verde era muito devoto de São Benedito, e ia rezar o Ofício, e nós ia descansar para tirar esmola em Vale Verde a mesma coisa, tirando a esmola e ao redor da igreja³⁴

³⁴ Entrevista concedida por dona Antoninha

Podemos observar que havia todo um preparativo, a começar pela saída, onde os membros da entidade desde as primeiras horas da manhã já estavam presentes na porta da igreja para saírem junto até o distrito vizinho, movidos com os mantimentos para dar continuidade da Tirada da Esmola. Ao chegarem ao local, eram recebidos com toda pompa, criando um sentimento de amparo, com laços em comum, a devoção a São Benedito.

Neste distrito vizinho, mais localizado na zona rural, existia uma imagem de São Benedito do século XVIII, de acordo com o inventário Nacional de Bens Móveis Integrados, levantado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), mas que na atualidade não se encontra mais na igreja. Por conseguinte, eram comuns neste período as manifestações religiosas se ampliarem pelas zonas rurais.

Não eram todos os membros que saíam pedindo a esmola, precisava estar vestidos com a opa³⁵ e somente quem era da irmandade poderia usá-la, sendo distribuída dentre quatro integrantes e somente eles podiam receber as doações. Não tinha critério de escolha, era conforme quem se colocava primeiro, como destaca dona Lia: “só tira [a esmola] quando veste, até as pessoas já sabem não dá a outra pessoa, então às vezes tira quatro pessoas, não é mais do que isso”³⁶. Segundo o senhor Hermes, não havia distinção de sexo ou idade para usá-la.

Havia um objeto de destaque durante a Tirada da Esmola: o pé de carrapateiro³⁷. Os entrevistados os mencionaram como sendo o local de encontro para quem não ia para Vale Verde, ficava neste ponto à espera dos devotos, que após três dias no outro distrito, retornavam. Apesar de quem viveu essa experiência foram os senhores Hermes e Fernando, a senhora Lia e o senhor Antônio também rememoram esse local. Essa árvore tem uma projeção forte com o passado da devoção.

Todos os alimentos e dinheiro arrecadado eram revestidos para prosseguir com as homenagens ao santo em um segundo momento do festejo. Após o Domingo de Páscoa, na quinta-feira, se inicia o tríduo, que são três dias de missas, e no domingo, uma

³⁵ Opa é uma espécie de capa sem mangas. Na festa de São Benedito de Porto Seguro e Arraial d’Ajuda, as cores são vermelho ou vinho, ela se caracteriza com uma aberturas nas cavas, por onde passam os braços e na frente, sendo presa no colarinho e o seu comprimento chega até o quadril.

³⁶ Entrevista concedida por dona Lia

³⁷ É um arbusto, seu nome varia de acordo com a região, há quem o conheça como mamona, mamoneira, carrapateira, carrapato e rícino.

procissão, acompanhada pelo padre, onde davam a volta no quadrado ao redor da Igreja, que é onde se localizava as residências na época.

FIGURA 18: PROCISSÃO DE SÃO BENEDITO



Fonte: Livro do tomo do Santuário de Nossa Senhora d'Ajuda, 2001

FIGURA 19: PROCISSÃO DE SÃO BENEDITO NA PARTE LATERAL DA IGREJA



Fonte: Livro do tomo do Santuário de Nossa Senhora d'Ajuda, 2001

As imagens são do início do século XXI, fazem parte da memória do antigamente dos devotos, são as únicas, até então, presente nos arquivos dos festejos do distrito e para imaginarmos como era esse momento do tríduo mais remoto.

Na fotografia podemos ver a presença das opas utilizada pelos homens para carregar o andor de São Benedito. Na figura 9, o último homem de opa ao lado esquerdo, é o senhor Antônio, e na segunda imagem, dona Antoninha de vestido azul com detalhes de bolas da mesma cor. Ressalta, assim, como essas pessoas acompanham há anos os ritos devocionais ao santo.

Após esse momento mais ligado à Igreja, as homenagens voltam para o momento da mistura do sagrado com o profano. Chega assim, o momento do almoço, organizado pelos devotos e dado a todos que se aproximam do local, uma das residências que pertence ao Santuário de Nossa Senhora d'Ajuda, a atual casa de apoio aos romeiros.

FIGURA 20: O ALMOÇO APÓS A PROCISSÃO



Fonte: Livro do tomo do Santuário de Nossa Senhora d'Ajuda (2001)

FIGURA 21: O ALMOÇO APÓS A PROCISSÃO



Fonte: Livro do tomo do Santuário de Nossa Senhora d’Ajuda, 2001.

Como observado nessas imagens, é um espaço reservado, longe dos olhos da Igreja, com bebidas alcoólicas, poucas vestimentas, um espaço sem vigilâncias, um espaço de divisão:

A separação entre profano e o religioso implicava dar uma única função às práticas públicas, integrando a estas todos os segmentos da sociedade em comportamentos ritualizados e vazios de qualquer expressão espontânea ou decorrentes de tradições populares (Del Priore, 2000, p. 97).

A fotografia simboliza o lugar das expressões espontâneas, da ocupação com outros rituais, das conversas entre os pares das labutas diárias, mas também da diversão, das músicas, danças, risos, do respiro, afinal foram dias de arrecadações e preparações para o acontecimento de todo o festejo.

O cemitério é outro espaço que faz parte da memória da devoção, é localizado na praça do centro do distrito, conhecido como o cemitério de São Benedito. De acordo com senhor Hermes, dona Antoninha e Pinheiro Pucu (1993), foi construído com o dinheiro arrecadado pela Irmandade para enterrar a população. “[...] Há uns setenta anos, não era murado, e, sim, cercado de palhas de coqueiro. Fixado, como que, no “coração” do Arraia, com seu pequeno tamanho” (Pucu, p.29, 1993).

Atualmente, não ocorrem mais sepultamentos, mas ele está presente na memória dos devotos com ligação a São Benedito.

Abaixo segue um ritual no qual é colocado um altar para o santo dentro do cemitério:

FIGURA 22: INAUGURAÇÃO DO ALTAR DENTRO DO CEMITÉRIO DE SÃO BENEDITO



Fonte: Livro do tomo do Santuário de Nossa Senhora d’Ajuda, 2000.

Na imagem, observa-se um grupo de pessoas com um estandarte de São Benedito, indicando que houve uma procissão. É possível ver um grupo de homens vestidos com a opa, junto ao padre, inaugurando um altar dentro do cemitério, com uma pequena imagem de São Benedito. Esses elementos indicam como o cemitério, segundo os relatos, sendo o primeiro do distrito e está relacionado não somente com a devoção, mas também com a história local.

Existe um relato de um episódio feito por Pucu (1993) sobre um enterro no cemitério de São Benedito, com um membro da antiga Irmandade do santo: “Quando faleceu dona Mariá – saudosa criatura que com as mãos iluminadas tantas crianças salvou e benzeu com a sua reza, representantes-remanescentes da Irmandade, prestaram-lhe significativas homenagens, vestidos com a ÓPA” (Pucu, p.16, 1993). Observa-se que nessa narração, o autor já utiliza a para “remanescentes” para falar da irmandade, reafirmando a sua ruptura. Faz nos entender que a irmandade havia em certo período um ritual para os enterros, algo presente desde o período colonial (Scarano, 1978; Reis, 1991; Del Priore, 2016).

As cerimônias de acompanhar o falecido, de acordo com João José Reis (1991) era uma obrigação nas antigas irmandades:

Todos os irmãos vivos eram obrigados a comparecer às cerimônias fúnebres, aparatados com as vestes, velas, tochas e os vários emblemas da irmandade. Esse ritual de solidariedade para com o morto se associava à noção de que a boa morte nunca seria uma morte solitária e desprovida de cerimônia. As confrarias levavam muito a sério o seu dever (Reis, 1991, p144)

No depoimento acima, no enterro da dona Mariá, podemos entender que, em dado momento a Irmandade fazia o ritual de enterrar os seus membros com determinada vestimenta, representando a entidade, como apontado por Reis – faziam a sua obrigação enquanto irmandade.

Ainda a esse respeito, Mary Del Priore (2016), sinaliza:

Uma das funções principais das irmandades consistia precisamente em fazer o acompanhamento fúnebre dos irmãos e em dizer missas pelas suas almas. Esses dois aspectos aparecem em todos os compromissos destas associações religiosas (Del Priore, 2016, p.309).

É importante destacar o significado que um cemitério com o nome de uma antiga irmandade de pretos tinha para os irmãos, segundo Reis (1991), para um bem morrer as confrarias tinham um papel de ajuda mútua, que promover funerais elaborados para seus mortos que já fazia parte das tradições ancestrais, assim como o auxílio espiritual e no material.

Se pensarmos longinquamente, especificamente no período colonial, em que as irmandades começaram a ganhar força no que é hoje o Brasil, de acordo com Del Priore (2016) não se tinha medo da morte, mas de não se preparar para tal. Havia inclusive manuais para se preparar para o momento final da vida, como: *Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer o cristão com a recopilação de testamentos e penitenciais, várias orações devotas tiradas da Escritura Sagrada* (Del Priore, 2016).

De acordo com a autora, existiam medos de morrer sem a extrema-unção, ser enterrado vivo ou não ter um local apropriado para isso; se preocupavam com as vestimentas que estariam usando, a quantidade de missas rezadas pela sua alma, entre outros. Uma das formas de assegurar uma morte digna eram as irmandades, as de negros e pardos davam uma garantia de um enterro nobre:

A possibilidade de reunir-se oficialmente em confrarias congregadas por etnia permitiu aos negros a vivência do culto africano: dentro das igrejas, veneravam os santos católicos e, fora delas, seus orixás. Nas festas dos santos e santas das irmandades dos homens pretos e pardos, as tradições africanas se manifestavam. Tornaram-se uma expressão do sincretismo religioso do Brasil Colonial. [...] as irmandades de negros reservavam parte de seus recursos para a compra de alforria de seus membros. (Del Priore, 2016, p.309).

As irmandades dos negros eram uma segurança para seus membros, eram momentos de diversão, organização e uma garantia de uma morte bem assistida, visto que, nesse período colocado pela autora, em meados do século XVIII, o ritual fúnebre tinha uma importância para o catolicismo barroco. Desse modo, um cemitério com o nome de um santo preto, pode estar relacionado aos laços de empatia e do bem morrer dos irmãos negros do Arraial d'Ajuda, como observado no depoimento da autora.

Segundo alguns moradores mais antigos, o cemitério de São Benedito foi construído em uma época em que o arraial estava crescendo, precisavam de um local para enterrar a população, assim, os moradores tomaram a iniciativa de construir entre eles os integrantes da Irmandade de São Benedito. Dessa forma, ele ficou marcado como o cemitério de São Benedito, por ser construído também pelos irmãos. Outro fator para reforçar o nome, é o fato de que uma Irmandade para ganhar mais legitimidade precisava de um cemitério, para dar um enterro digno aos seus. Vale ressaltar que o cemitério foi criado não apenas para enterrar os membros da confraria, mas toda a população local.

Dona Santinha confessou que tem um sonho de transformar o cemitério em patrimônio cultural do distrito, para ela o que vem ocorrendo hoje é um desrespeito, o cemitério encontra-se desprezado, com barracas de bebida ao redor e uso de drogas.

FIGURA 23: PARTE LATERAL DO CEMITÉRIO, 2024



Fonte: Fotografado pela autora, 2024

FIGURA 24: PARTE DA FRENTE DO CEMITÉRIO, POR DENTRO



Fonte: Fotografado pela autora, 2024.

FIGURA 25: PARTE INTERNA DO CEMITÉRIO



Fonte: Fotografado pela autora, 2024.

FIGURA 26: A FRENTE DO CEMITÉRIO



Fonte: Fotografado pela autora, 2024.

Segundo o Plano Diretor Municipal de Porto Seguro³⁸ do ano de 2018, é colocado que segue os parâmetros definidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no qual destaca a praça do cemitério como um bem tombado:

Art. 29. São Áreas Especiais (AE) de Arraial D'Ajuda:
 III - O Centro Histórico (CH), definida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), compreendendo as praças São Brás, do Cemitério, São Pedro, Santa Rita e, além dos imóveis

³⁸ Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/PDMP_05122018_lei38_2018_Combinado.pdf
 Acesso em 14 de julho de 2023

construídos, os lotes, edificações e espaços abertos da Praça Brigadeiro Eduardo Gomes e da Rua Bela Vista

§2º Aplica-se as normas e recomendações do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ao conjunto urbano, arquitetônico e paisagístico de Arraial D'Ajuda, de modo a impedir o seu perecimento ou perda de sua integridade e alteração de feição (Plano Diretor Municipal Participativo, 2018, p.38)

No mesmo documento ainda sublinha que por ser um bem tombado precisa haver meios para a manutenção e medidas que impeçam o seu desaparecimento. Porém, até o ano corrente, não há uma política de manutenção, porque pintar uma vez por ano não é o suficiente, o que ocorre é a presença com barracas de bebidas ao redor dessa praça, tornando-se local de estacionamento a noite, como observado na imagem, um espaço na qual as pessoas jogam lixos. Dentro do cemitério é tomado por mais lixo, isso é efeito da sua frente ser tomada por barracas de bebidas. Isso é uma desvalorização e falta de responsabilidade e fiscalização do poder público.

No documento mencionado, em nenhum momento é colocado como Cemitério de São Benedito, ressaltando o apagamento proposital da presença do santo na localidade. Como é possível ver, a frente do cemitério não há nenhuma menção do nome, nem que é um local tombado, passando despercebido pelos visitantes e moradores.

É observado que a devoção a este santo está para além dos laços festivos entre os irmãos, é presente dentro dos lares, faz parte da história pessoal de cada família, desde os milagres até os hábitos de acender velas e colocar arroz aos pés da imagem. São elementos de proximidade e intimidade entre devoto e o santo. Assim, é percebido que a devoção chegou e se manteve no distrito a partir das gerações, como é visto na família de dona Antoninha, na fala do senhor Hermes ao dizer que tem mais de 100 anos que adquiriu o hábito de ser devoto a partir do seu avô. E é a junção dessas famílias que deu vida o culto ao santo Benedito.

CAPÍTULO 3: A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO EM MEIO A CONFLITOS, MEDIAÇÕES E TENSÕES

Este capítulo tem como proposta apresentar os novos arranjos da devoção, trazendo elementos dos conflitos, bem como as interferências que alteraram alguns rumos do festejo, os novos olhares sob a devoção e como se encontra na atualidade (fruto dos processos passados no distrito do Arraial d'Ajuda).

3.1. “As pessoas não vai acabar uma tradição por causa de você, recém-chegada, forasteiro”

Os conflitos estiveram presentes nas relações entre Igreja e as festas populares há algum tempo, principalmente no que diz respeito aos negros. Mulheres e homens foram retirados obrigatoriamente com o uso da força dos seus países do continente africano, arrancando-lhes a sua liberdade, bem como a cultura, crenças e religião. O que foge do controle da Igreja é reprimido, com a devoção a São Benedito no Arraial d'Ajuda também não foi diferente. Veremos que essa devoção passeia entre os conflitos com a Igreja, os novos moradores e as transformações do distrito.

É possível notar que, por ser uma festa negra, cunhada de músicas, bebidas e comidas, no momento no qual o negro ocupa os espaços no distrito, o olhar de alguns membros da Igreja é de que o festejo não pertence ao âmbito sagrado, não tendo acordo com os preceitos religiosos. Essa minha visão é a partir da observação que presenciei do festejo em 2023.

Houve um episódio no qual os membros da Irmandade de São Benedito, às 06 horas começavam a soar os instrumentos para dizer que a Tirada da Esmola iria começar e pedir a benção do padre. De acordo com o senhor Hermes, o frei que presidia as missas fechou a igreja e os impediu de entrar para pegar as opas e a imagem do santo que saía na esmola, foi preciso muita conversa e explicações para que os deixassem pegar a imagem.

A respeito disso, Reis (2005) coloca que no período Imperial na Bahia, as festas negras eram vistas como um pretexto para as organizações de possíveis revoltas e ajudava a manter os costumes africanos. Para cessar essas posturas, foram elaboradas leis municipais e editais policiais para controlar, disciplinar e reprimir, sempre que possível, a circulação dos negros nos espaços públicos. A partir dessas leis, qualquer batuque africano feito pelos escravizados era visto como um atentado a ordem.

A senhora Lia reafirma que todas as vezes que ocorria a Tirada da Esmola, o frei Miguel não gostava e, inclusive, escondeu a imagem menor do santo que saía na esmola e as opas, que só foram encontradas anos depois com a chegada de outro padre.

Quando foi perguntado ao senhor Antônio se havia algum atrito com a Igreja, ele diz:

Sempre, sempre, porque assim [abaixa o tom da voz], a igreja ela é, embora, a gente não pode fugir da festa de São Benedito com as regras da igreja, porque ela é uma festa, ela tem um lado espiritual e tem um lado profano, o lado profano que eu falo é você ir pra cá dançar, beber, você está se divertindo e a igreja teve uma época que eles queriam acabar, mas nós temos a irmandade forte³⁹

Neste ponto, é destacado que a Igreja não tinha uma boa relação com o festejo. Pelo que conta acima, havia um conflito a respeito do lado que foge dos preceitos do clero, sendo estes, as danças e bebidas. Não é a primeira vez que há essa tentativa de cessar com a festa, como já abordado aqui. No início do século XX, a irmandade de São Benedito no distrito passou por um momento de reestruturação e recomeço. O senhor Antônio observa que a festa é dividida entre o lado espiritual e o profano e por este fato, sofre duras repressivas, mas eles não desistem, procurando formas de adequação ao longo do tempo para manter a festividade.

O tempo sagrado e profano (Eliade, 1992) está presente neste festejo e sempre citado pelos devotos. Segundo os entrevistados, o tempo sagrado são os rituais que ocorrem dentro e organizado pela da igreja, como coloca Antônio, são as regras do clero. Já o tempo profano, são aqueles privados, como ressalta Antônio, narrando o momento da Tirada da Esmola, como ocorre em sua residência: “Lá em casa [...] o tambor come, lá no meu quintal, tô nem aí, eu amo, samba duas vezes, morteiro come, fogos, a gente prepara a casa [...]”⁴⁰.

Dessa forma: “[...] o Tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso” (Eliade, 1992, p.38). Há uma demarcação e uma preparação, define-se o tempo, marcado pelos ritos do tríduo, ocorrendo dentro da instituição clerical e a preparação para o profano, o arrumar a casa, o preparo do alimento e a bebida que irá servir

³⁹ Entrevista concedida pelo senhor Antônio

⁴⁰ Entrevista concedida pelo senhor Antônio

Para além desses embates com a Igreja, existem outros, por exemplo, de uma senhora que me procurou, quando soube que eu estava fazendo entrevistas, com a justificativa de que tinha muito a contribuir com a minha pesquisa, já que seu pai foi um membro da Irmandade de São Benedito, no passado. Ela será citada como dona Flor, embora tenha concedido o uso da sua entrevista, preferimos guardar a sua identidade.

Quando finalizei essa entrevista, saí com um sentimento que não usaria os seus relatos, porque as suas palavras foram de diminuir as formas que os devotos cultuam São Benedito. Compartilhei do mesmo sentimento da Janaína Amado, em *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. A engavetei por um tempo, até entender que o seu olhar gera algumas discussões de como é visto essa devoção na memória de alguns moradores:

Parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade (Amado, 1995, p.131)

Dona Flor é uma mulher que nasceu na região, mas em dado momento da sua vida vai morar em uma instituição religiosa em um determinado país da Europa, portanto o seu olhar sobre a devoção é eurocêntrico, permeado de críticas. Outro elemento são as suas memórias de como ocorria a devoção. Foi a partir do que ouvia em casa e da sua memória de infância/juventude, como coloca a autora acima. Vivência e memória, são categorias distintas: o vivido é a ação, seu olhar de infância, já a sua memória seleciona e reelabora a partir das suas vivências e visão de mundo que possui. A participação do seu pai na antiga Irmandade de São Benedito foi uma coisa, outra foi a memória que ela construiu a partir da sua experiência.

Sobre o festejo, dona Flor me conta que é uma festa folclórica, mas que por trás tinha um lado espiritual: “Eu participava das festas da comunidade de uma forma diferente, [...] meu pai participava da irmandade folclórica de São Benedito, é uma coisa folclórica, mas atrás tinha uma espiritualidade”⁴¹.

É observado que dona Flor utiliza de forma enfática o termo folclore para falar da festa de São Benedito, de um modo pejorativo, afirmando que ela participava de outro jeito, essa forma seria seguindo um catolicismo tradicional, nos moldes europeu, pelo fato

⁴¹ Entrevista concedida por Dona Flor

de ter passado por uma instituição europeia. Destaca que seu pai participava da irmandade folclórica, segundo Luís da Câmara Cascudo, folclore é:

É a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional. [...] Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógico, é folclore. [...] O folclore deve estudar todas as manifestações tradicionais na vida coletiva (Cascudo, 1998, p.400-401).

Para o autor, o folclore é uma expressão da cultura popular, incluindo as manifestações culturais transmitidas entre as gerações, um reflexo da cultura brasileira, uma representação da variedade cultural existente no Brasil, em suas várias expressões. Contrariando a forma que a dona Flor expressa a palavra, para ela, é uma festa folclórica, no sentido do senso comum, onde os devotos não enxergam o sentido só espiritual. Segundo o seu pensamento, eles brincam, e quando veem a imagem do santo choravam. “Era muito aquela coisa sentimental, muito sentimental mesmo [...] sentimental no sentido do sofrimento das pessoas, quando o santo chegava, [na casa do devoto] chorava, aquela coisa”. Em sua fala é recorrente esse aspecto de que os devotos não estavam cientes do que representava uma devoção nos moldes clerical.

Como sinaliza Chartier (1990) a representação é como cada comunidade enxerga o mundo em sua volta, o olhar da entrevistada representa de certo modo, como alguns setores da Instituição religiosa observam essa devoção, quando a ela fala que é preciso respeitar a forma que eles cultuam o santo, ou seja, é preciso permitir algumas coisas para mantê-los na fé da religião, estão presentes os momentos das mediações, onde algumas coisas são e foram permitidas.

Seguindo o viés de conflitos, nesta devoção, eles estão para além dos olhares dos moradores e da Instituição religiosa. O distrito cresceu, e com isso, os novos moradores vieram, trouxeram novos embates, entre alguns, a filha do Senhor Hermes, Consé, relata o seguinte:

No dia 25 [de dezembro de 2020) o pessoal, os meninos, já que não podia ter a festa, foram soltar fogos na porta da igreja, para não ficar parado e não ter nada, [...] nós compramos umas caixas de fogos e fomos para lá [...] falamos primeiro com o padre, disse tudo bem, para ser pouca pessoa, por causa da aglomeração, todo ano faz o sambão na porta da igreja, daqui a pouco tá um cara lá reclamando, xingando porque o cachorro dele não sei o quê, porque era 7 horas da manhã

aquela baderna. Aí eu fui lá e falei assim: meu amigo bom dia e ele disse: “não tem bom dia, uma hora uma hora dessa soltando fogos”, eu falei assim: mas é tradição, e ele disse: “tradição uma m****”, olha meu amigo isso daqui é tradição há mais de 300 anos, desde quando eu me entendo por gente, desde quando existiu o Arraial é tradição [...] tenho 52 anos [...] o meu avô, o pai do meu pai já era da Irmandade, então é de muitos e muitos anos, era a tradição do meu meu bisavô [...], então as pessoas não vai acabar uma tradição por causa de você, recém-chegada, forasteiro, eu falei você mora aqui há quantos anos? [o homem respondeu]: “eu estou aqui há cinco anos e nunca vi isso”. Eu falei assim: pois é, você está a 5 eu estou a 52,[...] então você tem que respeitar, vocês são forasteiros, vem parar aqui, se aventurar ganhar dinheiro⁴²

As informações deste conflito, é a marca do processo de turistificação (Baducci Jr.; Barretto, 2001) que o distrito passou e passa. O morador nascido no local passa a se tornar um estranho em espaço, e como consequência, gera conflitos, que podem ocorrer situações de violência na disputa pelo poder, como a fala do novo morador mencionado, quando profere xingamentos a Consé, gerando condições desacolhedoras para o morador local. Mas apesar das palavras proferidas pelo novo morador, Consé luta pelo seu espaço, enquanto pertencida ao distrito.

No processo de turistificação no qual o distrito passou, como citado na fala da Consé, a chegada do forasteiro, atrás apenas do capital, consiste em reordenar e readequar o espaço em função do interesse turístico, ou seja, modificam as diferentes esferas da organização socioespacial, como o território, paisagens, capital financeiro, pessoas, padrões e valores culturais, gerando como consequência a gentrificação⁴³, a descaracterização cultural e a manipulação do meio ambiente (BADUCCI JR.; BARRETTO, 2001).

A devoção a São Benedito passa por alguns ciclos para chegar ao que é hoje, as lutas para se manter diante dos embates com o corpo clerical, as mediações com os novos moradores; as mudanças do distrito que passa a ser um destino turístico. Em meios tantas adaptações a devoção foi se ajustando, em meio a lutas de ganho e perda de espaço.

3.2. Os novos sentidos da devoção

⁴² Entrevista concedida por Maria da Conceição, conhecida como Consé

⁴³ O processo de gentrificação consiste na transformação das áreas urbanas, levando o aumento do valor imobiliário. Esse evento tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida local, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/gentrificacao>

Ao longo dos anos, houve a inserção de agentes externos no Arraial d'Ajuda. A partir da década de 1960, a chegada dos hippies e a transformação da cidade de Porto Seguro em um polo do turismo, alteraram a dinâmica do distrito. O impacto mais imediato foi a alteração da organização do tempo. Antes, era o ciclo de devoções religiosas que marcava o tempo do lugar.

O distrito passou pelo processo de turistificação, o tempo do local ficou dividido em alta temporada: no momento da chegada dos visitantes, o verão; e em baixa temporada, alguns meses do ano onde há mais a presença apenas dos moradores locais.

No antigo calendário tradicional, a Tirada da Esmola ocorria no ciclo natalino, período de muita alegria entre os cristãos. Com o aumento da atividade turística, coincidiu que a Tirada da Esmola acontece no período de maior visitação do distrito, influenciando nos desdobramentos dessa devoção ao longo do tempo. Essas mudanças no decorrer dos anos nos fazem refletir que, “[...] as tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe” (HALL, 2003, p.260).

As modificações fazem parte do decorrer da história. A atual devoção a São Benedito em Arraial d'Ajuda não é da mesma forma que as das memórias da juventude do senhor Hermes e dona Antoninha. O tempo e o espaço se alteraram, modificaram também a percepção dos entrevistados. Cada ser é fruto do seu tempo e isso ocorre também com as suas memórias. A devoção vem sendo, ao longo dos anos, ressignificada.

Com isso, dentro da construção da devoção, além da produção social, há os elementos que constituem a memória. Como coloca Michael Pollak (1992), a memória é um elemento que estabelece o sentimento de identidade, tanto coletivo, como individual. Desse modo, a construção da identidade se produz com referências de outros.

No caso específico do grupo que entrevistei, essa identidade é constituída por serem devotos do santo. Sendo assim, os organizadores do festejo de devoção a São Benedito no Arraial d'Ajuda constroem esse sentimento também a partir de elementos externos, tais como, questão do turismo, por meio da “[...] aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que faz por meio da negociação direta com outros” (Pollak, 1992, p.05). A devoção perpassa pelos momentos de negociações, restrições, conflitos internos e externos, mudanças, negociações, até chegar ao enfraquecimento, ficando na memória dos descendentes o apogeu da devoção.

O não acontecimento da Tirada da Esmola que presenciei citado na introdução deste trabalho gerou algumas divergências internas. Ao conversar com membros de uma

das famílias que ficavam à frente da organização da festa, recebi como resposta: “no tempo da nossa família, a esmola sempre saía”. O fato destas pessoas terem me dito essa frase, está atrelado ao campo da disputa de memória, querendo assim, mostrar para a pesquisadora que o tempo auge do festejo era quando a sua família estava à frente da organização.

O refluxo dos festejos a São Benedito é observado pelos seus devotos. As explicações não ficam apenas no campo da disputa de memórias, como se viu. Muitos entrevistados apresentam razões das mais diversas, incluindo aspectos religiosos e econômicos. Dona Antoninha, por exemplo, foi enfática ao dizer um desses motivos:

[...] aí acabou, acabou tudo, chegou esse povo de fora aqui, esse povo de fora tá acabando com tudo, não quer zoadá, não quer barulho, é o tipo de gente... Não é daqui e fica reclamando, fica nas suas terras se não é daqui, porque esse povo não sabe de nada, nem da festa d'Ajuda, festa nenhuma. [...] esse turismo não presta não, eu não gosto muito, pousada, muita gente, muita bagunça, aí vem a droga, as porcarias todas, aqui não tinha esse negócio de droga não minha filha, nada disso tinha, que era só devoção de Nossa Senhora d'Ajuda e São Benedito, São Sebastião e São Braz, São João [...] a festa de São Benedito é muito bonita mas tem o pessoal de fora que veio, não quer nada com o lugar, só quer praia e para eles só querem ganhar não querem nada⁴⁴.

Acima Antoninha aborda dois elementos que contribuem para o andamento da devoção. O primeiro é a mudança dos moradores do distrito, o chamado “povo de fora”, que mudou a vida cultural do Arraial. O fato dessas pessoas não possuírem raízes no lugar, acabam por não perceberem a importância das devoções para o distrito, como consequência, causando desprezo às festividades que marcavam o tempo da comunidade.

O segundo elemento é a lógica do turismo, partindo da ideia de que, o que move o lugar são as praias, locais de festas, entre outros atrativos, e que o distrito deve estar a serviço da hospitalidade dos turistas.

Diante desse contexto sinalizado por uma das devotas, cabe pensar no fenômeno do colonialismo interno. De acordo com Pablo Casanova (2007), esse conceito se refere ao fenômeno da conquista, na qual um grupo étnico, cultural ou social domina dentro de um país ou região, exerce o controle sobre outros grupos dentro do mesmo território, explorando ou marginalizando o grupo nascido no local. Nessa dinâmica, o grupo dominante possui maior poder econômico, baseado no capital financeiro, mas ele também pode ser um morador nascido do lugar, que se utiliza disso para aumentar o domínio sobre

⁴⁴ Entrevista concedida por Dona Antoninha

os grupos minoritários, tendo como consequência a desigualdade, opressão e discriminação.

Desse modo, as classes ou grupos dominantes locais, que são representados pelos estratos burgueses, mantêm um controle que se assemelha ao colonialismo tradicional sobre os demais grupos sociais que existiram antes da formação histórica, criando uma estrutura social que se assimila a uma situação colonial. No cenário, os grupos hegemônicos exercem controle cultural e exploram economicamente as populações marginalizadas, perpetuando internamente dinâmicas coloniais globais que estão ligadas a formas específicas de acumulação de capital, baseando-se no sistema de dominação, acumulação, exploração, exclusão, opressão e mediação: internacional, intranacional e transnacional (CASANOVA, 2007).

Esse acontecimento é nítido no Arraial d’Ajuda. No período colonial, ocorreram os primeiros processos de invasão, com o derramamento de sangue indígena por meio das guerras de conquista. E os ataques não pararam. Desde meados da década de 1970, sofre com o massacre do capital financeiro, com o discurso da “chegada do progresso”, acompanhando o processo de turistificação, amparado pela mediação intranacional, ou seja, ocupado pelo capital nacional.

Para o Arraial que antes vivia uma vida comunitária, pautada na pesca e na pequena agricultura, tudo se alterou: pousadas, hotéis, restaurantes, condomínios, novos espaços foram criados no distrito, destinados a um determinado público. E para onde foi a população local, incluindo os devotos de São Benedito, que antes dominavam o lugar?

Partindo deste viés turístico, cabe salientar que a presença de observadores turistas é inevitável. A Tirada da Esmola acontece no que é hoje o centro do distrito: na Praça da Igreja, na Rua da Broadway e na Rua do Mucugê. Uma vez que o Arraial d’Ajuda é um dos locais mais visitados do Brasil, o roteiro tradicional do festejo sempre estaria ocupado da presença desse estranho visitante, especialmente na chamada Alta Temporada. Desta forma, o turismo desenvolvido no distrito passou a influenciar marcadamente a construção social do evento.

Atualmente, esses ambientes não fazem mais parte do percurso da Tirada da Esmola. O mercado do turismo causou um processo de gentrificação. Concretamente, onde eram as casas dos moradores devotos se transformaram em restaurantes, pousadas, bares, hotéis, entre outros pontos comerciais. Aconteceu, então, um movimento comum na atuação do turismo predatório:

[...] Elimina boa parte dos médios e pequenos empresários e se enfurece com os artesãos e com as comunidades. Cria uma “consciência colonizadora” entre as distintas classes com perda de identidade dos nativos (Casanova, 2007, p.446-447).

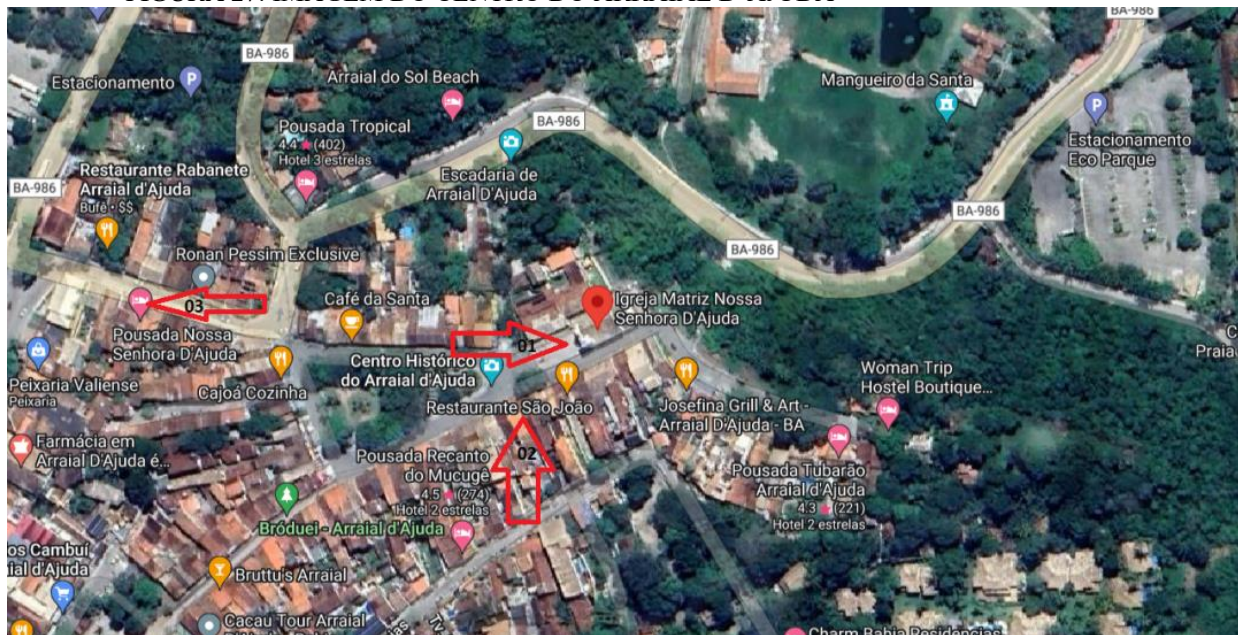
Essa é uma realidade que chegou o Arraial d’Ajuda. Um local onde os donos dos pequenos restaurantes familiares da Rua do Mucugê se viram obrigados a saírem para dar lugar aos mais renomados do mercado. Criou-se uma consciência de que os novos espaços de recepção trariam empregos, mas estes empregos contratam com baixa remuneração, com longas jornadas de trabalho e poucos direitos e muitos lucros. Criaram novas formas de dominação com a roupagem das velhas, prevalecendo o trabalho assalariado frente ao trabalho servil (Casanova, 2007).

O senhor Fernando menciona também a questão da alta temporada: “*antigamente não tinha*”. Ele destaca como nesse período há também mais oferta de trabalho para a população local. Com a chegada de mais visitantes, os lugares receptivos passam a contratar temporariamente trabalhadores. Então, exatamente quando acontece o momento inicial da festividade de São Benedito, alguns devotos acabam sofrendo uma espécie de cooptação do mercado de trabalho, esvaziando a quantidade deles no momento festivo.

Neste sentido de inclusões, a circulação e o roteiro da esmola alteraram devido às transformações sociais e espaciais do distrito. Como visto no capítulo anterior, havia a ida a outro distrito, Vale Verde, hoje não mais acontece, como verá no mapa abaixo a Tirada da Esmola circula no que é hoje o centro do Arraial d’Ajuda, em alguns bairros onde famílias antigas moram.

No mapa abaixo, pode-se observar como está a configuração da saída da esmola atualmente:

FIGURA 27: IMAGEM DO CENTRO DO ARRAIAL D'AJUDA



Fonte: Google maps, edição elaborada pela autora, 2023

Na imagem acima é possível relatar os momentos da devoção na atualidade. Na seta indicando o número 01, na porta da igreja Matriz de Nossa Senhora d'Ajuda, é onde sai a esmola, por volta das 7h00min da manhã, com uma entoada de instrumentos musicais, que são: tambores, pandeiros e pode ocorrer também o uso do berrante. Eles saem desse primeiro ponto para ir ao encontro da imagem do santo, que durante um ano fica na casa de um dos devotos (no ano de 2022 para 2023, como indicado na seta 02, ficou na propriedade dos donos do restaurante São João, que são moradores e tem o imóvel há alguns anos).

A terceira seta sinalizada com o número 03 é uma das ruas do centro, onde moram dois devotos, o mais velho, senhor Hermes, que acompanha todos os anos a esmola. Há também a senhora Lia, que não acompanha a esmola, mas recebia os esmoleiros em casa, com um farto café da manhã.

Além dos aspectos das mudanças no distrito devido ao turismo, há outro aspecto que impactou no andamento da devoção: a questão do crescimento do protestantismo na localidade, que tinha como objetivo evangelizar, como coloca dona Antoninha: “[...] aqui não tinha um evangélico no Arraial d'Ajuda, *tudo era católico*”⁴⁵.

⁴⁵Entrevista concedida por dona Antoninha, 2022

Neste tempo ocorre outro rompimento no trajeto da devoção, que foi o de não conseguirem mais ir para o distrito de Vale Verde Tirar a Esmola, como coloca o senhor Fernando:

Rapaz nós paremos de ir pra Vale Verde porque a seguinte maneira, [...] antigamente tinha mais influência, [...] hoje em dia é tudo mais pesado, de primeiro o pessoal ia com um jegue daqui pra lá, hoje em dia pra sair pra lá tem que ter um carro [...] e hoje você chega lá em Vale Verde a maioria lá mais é *crente*, então não dá renda, pra chegar e tirar, pela estrada também é poucas casas, então nós deixemos, paremos de ir⁴⁶.

O senhor Hermes também justifica:

Por que a maioria do pessoal agora é evangélico, então não dá, se é evangélico *nós* não vai lá, então é prejuízo, pra ir para lá e tirar 500 conto, não dá, é prejuízo, então fica por aqui, faz no bairro Novo por aqui⁴⁷.

Como ressaltado entre os dois entrevistados acima, a crescente adesão dos moradores a religião protestante, além de diminuir o fluxo da devoção, também os impediram de ir retirar a esmola em Vale Verde, outro distrito, próximo ao Arraial d’Ajuda.

Pensando neste viés do aumento do protestantismo, de acordo com o IBGE, em 1980, este segmento religioso atingia a marca no país de 1.6% da população – em 2000, chegou a de 7.3% da população. Já no último levantamento realizado em 2010 (o feito entre 2022 e 2023 ainda não disponibilizou os dados até o presente) o número de evangélicos subiu para 22,2%⁴⁸. Esse aumento gradual respingou na Tirada da Esmola, com a inserção de outra religião cristã ocupando os espaços, não puderam mais se inserir em alguns locais.

Logo, com o aumento da população local, foram abertas outras instituições religiosas ligadas ao protestantismo, fazendo com o que o número de adeptos ao catolicismo se restringisse. Isso ocorreu dentro das famílias de devotos também, os filhos dos mais antigos foram seguindo outros segmentos religiosos, sendo uma das causas da diminuição da devoção a São Benedito no Arraial d’Ajuda.

⁴⁶ Entrevista concedida por senhor Fernando, 2021

⁴⁷ Entrevista concedida por senhor Hermes, 2022

⁴⁸ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques> Acesso em novembro de 2023

Esses fatores pesaram para que a esmola diminuísse a circulação. Atualmente, de acordo com os entrevistados, ocorrem 04 dias esmola, porém, como observei, há possibilidades de diminuição, já que em dezembro de 2022 não ocorreu em nenhum dia. Esse primeiro momento acontece no dia 25 de dezembro e nos outros dias percorre os bairros Novos, denominação que os mais velhos usam para falar dos bairros que foram crescendo pelo distrito.

[...] a gente prepara a casa, *é que* sempre depois do Natal, lá em casa a gente faz dia 26, isso eles fazem, isso em muita casa, são quatro dias de esmola e nem todo mundo aceita, porque só quem aceita o santo, a esmola, é quem nasceu ou conviveu o convívio com essa cultura, com essa tradição, as pessoas de fora não dão muito a mínima, porque não é deles essa tradição né ⁴⁹.

Como visto na fala de Antônio, ele descreve esse primeiro momento da devoção, reiterando esse aspecto de haver residências selecionadas para receber a esmola, ou seja, somente daqueles moradores que moram há alguns anos e suas famílias têm o hábito de receber ou que tenha alguma ligação de devoção com São Benedito. Esse aspecto está relacionado a ideia de pertencimento do local, segundo Milton Santos “o sentimento de pertencimento a um determinado lugar constrói uma introspecção de valores que condiciona o modo de vida dos indivíduos” (Santos, 1999, p.65). Essa ideia de se sentir pertencido ao local reflete o apego e a identidade do ser devoto, quando Antônio reitera somente quem valoriza e aceita a Tirada da Esmola são os moradores antigos do Arraial d’Ajuda, aponta essa relação da devoção se sentir vinculado ao distrito.

Para aqueles que não nasceram no Arraial d’Ajuda, é um ato desconhecido, como discorre “*não dão a mínima*”, não há o sentimento de pertencimento, os que vêm de fora, reforçando o aspecto de como a inserção de agentes externos influencia o prosseguimento da devoção.

As percepções das mudanças não veem apenas dos antigos., uma nova geração de devotos também se manifesta sua leitura das transformações culturais do distrito por meio de diferentes linguagens e espaços:

A cada ano que passa nossas tradições vão ficando pra trás, e o "novo" vem tomando conta, me perdoem, mas esse "novo" não queremos pro nosso Arraial, é de pai pra filho e assim se sucederá, assim como nós nativos de Arraial, faço o convite a todos os jovens que tomem ciência de nossas tradições, datas festivas, principalmente da comunidade e dê continuidade. A Esmola de São Benedito acontece há anos em nosso

⁴⁹ Entrevista concedida por Antônio

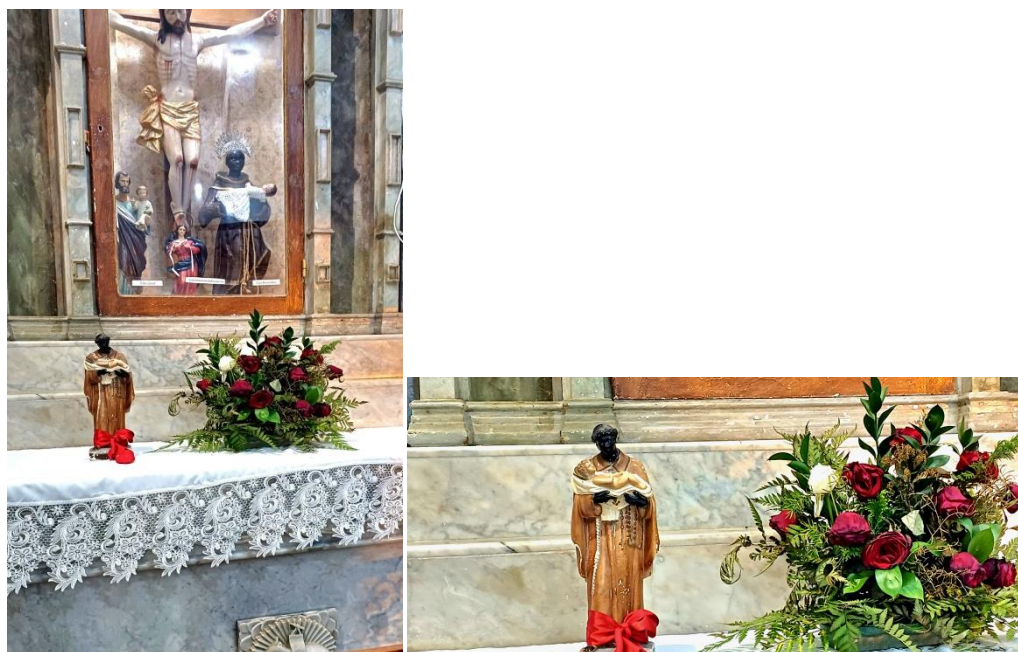
Arraial, todo dia 25 de Natal acontece sua esmola, infelizmente esse ano não aconteceu devido ao Novo Corona Vírus. Fica o convite também a todos que queiram conhecer um pouco mais de nossas culturas a participar, e aos que não tem interesse, que nos "Respeite", Viva a São Benedito e a Nossa Senhora d ajuda que sempre cuidou e zelou por seus filhos. Sou Grato por ter nascido e me criado nesse vilarejo maravilhoso que é o Arraial, e se depender de mim e de meus amigos, jamais vamos deixar passar nada em branco (Murilo Lage, 2019).

Murilo é da geração dos devotos jovens. Ele cita a importância de manter a tradição do festejo, como já mencionado. As tradições são móveis, elas são inventadas ao longo do tempo, sendo “[...] essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (Hobsbawm, 1997, p.12). Como observa o autor, inventaram novas tradições quando ocorrem transformações amplas ou rápidas, como é o caso dos novos moradores e turistas que chegaram ao distrito, ocasionando uma mudança no arraial e na devoção. Por mais que possa ser difícil ser aceito pelos mais velhos, essas adaptações e invenções do modo de festejar o santo ao longo dos anos permanecerão a acontecer.

Após o Domingo de Páscoa, na quinta-feira, se iniciou o tríduo que são três dias de missa e no último, uma procissão. Os fundos arrecadados durante a esmola são revestidos para comprar alimentos para ser servido um almoço após a missa. Ressaltando que em 2022 não ocorreu a esmola, os fundos para a alimentação vieram de doação dos devotos.

Durante os dois primeiros dias do tríduo, em 2022, havia em cima do altar lateral uma imagem de uma devota, enrolado em um laço vermelho, esse adereço foi escolhido para enfeitar a imagem, e ao lado, um ramo de flores vermelhas e brancas.

FIGURA 28: IMAGEM DE SÃO BENEDITO



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

O último dia do tríduo, sábado, estava exposta a imagem maior do santo, de madeira, que fica dentro do altar, no decorrer do ano. Neste dia ele estava no andor, preparado para sair em procissão no dia seguinte. Encontrava-se rodeada de flores vermelhas e branca, havia também alecrim, o uso dessa planta segundo Antônio é porque:

O uso do Alecrim sempre foi uma folha de São Benedito, alecrim é prosperidade, transmite cheiros, é mais pelo perfume, dizem que o alecrim dentro de casa trás o alimeto, assim como São Benedito representa o alimento, por isso que São Beendito sai de alecrim, tanto no andor, tanto na esmola a gente coloca o galhinho de alecrim⁵⁰

O uso do alecrim é por ser uma planta que transmite cheiros, deixa o andor perfumado e por ser utilizadas no alimento, é feita a associação com a hagiografia do santo. A roupa da criança no qual segura nos braços também estava com outra vestimenta, uma espécie de bata, feita a crochê, maior e mais nova que a anterior, esta é utilizada apenas em dias festivos.

⁵⁰ Entrevista concedida por Antônio

FIGURA 29: IMAGEM SÃO BENEDITO NO ANDOR



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

No púlpito à esquerda, há um pôster, com a imagem de uma senhora, dona Lygia, que tinha um grande desejo de realizar e organizar o festejo em 2023, mas veio a falecer no final do último ano, assim, seria homenageada pelo festejo.

No último dia ocorre a missa festiva, dia 15 de abril de 2023, as 10h00min, de um domingo. A igreja estava cheia, com um grande número de devotos e familiares da homenageada dona Lygia, vestidos com camisas com o seu rosto. No momento de entrada, antes do padre e dos ministros da eucaristia, entraram onze homens, vestidos de opas, na cor vermelha, o décimo segundo já estava no altar, o Antônio, que fez a leitura e canto inicial.

No decorrer da celebração houve algumas descrições da hagiografia de São Benedito, o homenageado do dia, a homília foi a mesma da noite passada. Na preparação para a eucaristia⁵¹, os homens devotos vestidos de opa, dois deles entraram novamente, com um cesto de pães e flores, fazendo alusão a hagiografia do santo – vista no capítulo anterior.

⁵¹ A **Eucaristia** é uma celebração da Igreja Católica para lembrar a morte e ressurreição de Jesus Cristo. É também chamada de **comunhão**. É o ato de recebimento da hóstia consagrada, o símbolo do corpo de Cristo.

Ao final, foi cantado o hino e uma oração, em seguida, o padre pediu para que Antônio tomasse posse do microfone e informasse o percurso da procissão, que percorreu as principais ruas do distrito. Durante o percurso apenas homens vestidos com a opa seguravam o andor, algo que é comum encontrar em outras tradições festivas.

Algo de diferente na festa desde ano foi à questão do padre deixar que a imagem que fica no altar da igreja sair na procissão, o que não ocorria nos anos anteriores (como mencionado, houve uma proibição, pelo fato da imagem ser tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN). Diante do novo padre, houve o momento da negociação para que a imagem retomasse para os braços dos devotos.

FIGURA 30: IMAGEM SÃO BENEDITO NO ANDOR



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

Outra particularidade foi que o padre não acompanhou a procissão, quem organizou e não deixou o silêncio tomar conta foi o senhor Antônio, sempre puxando as entoadas de cânticos, orações e músicas, a sua voz sempre era ouvida. Essa expressão mostra mais um detalhe de como essa devoção é organizada pelos devotos e pouca participação clerical. Em um dos depoimentos foi dito que a instituição entra apenas com a parte das celebrações, ou seja, os ritos iniciais, os momentos da liturgia da palavra, a

leitura bíblica do dia; liturgia eucarística, o rito da comunhão até o rito final. Esse detalhe, também é visto com os demais festejos religiosos populares do local, como São Sebastião e São Brás.

FIGURA 31: PROCISSÃO



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

Após a procissão, os fiéis voltaram para a igreja para a benção final. Antes do momento com o padre, Antônio, pediu o microfone para fazer a despedida do festejo e anunciar os responsáveis para o próximo ano, mas antes, ele proferiu algumas palavras:

Essa devoção é milenar, [o padre o indaga com um olhar de dúvida] não tem nem data de quando começou, o cemitério ali na praça [...] só eu tenho 50 anos, a minha avó morreu com 101 e era devota de São Benedito [aponta para o padre]. Não podemos, não podemos permitir, escreva, anuncia e publique o que eu disse: essa festa não pode acabar [aplausos]. Participem das reuniões, atualize-se, até o Bispo, Dom Antônio, um dos mais antigos daqui [aponta para o padre] sabe dessa devoção de São Benedito, quando eu chego de um lugar, quando não é dá cidade, não é padre? Eu preciso saber qual é a cultura, qual é a tradição daquela cidade, para depois me envolver, aos poucos, e começar a participar, não querer dizer: que festa é essa! Jamais!⁵²

Na fala do Antônio podemos observar alguns elementos, como a devoção presente na família, devido a isso, se perpetuou entre os seus, haja vista que seu filho está presente na organização do festejo. Outro fator é o estado de vigilância e repreensão do poder

⁵² Fala do senhor Antônio no último dia das celebrações do festejo

clerical, pensando nas expressões do padre, em suas colocações. A citação do cemitério, mais uma vez, é colocado como instrumento de reafirmação da existência da devoção, na memória dos devotos. Há também um apelo para a permanência, quando o Antônio cita os jovens, para que continuem a devoção entre os seus.

Por fim, quando ele fala que o Dom Antônio, uma figura hierarquicamente superior ao padre, conhece a devoção de São Benedito, é possível entender um clima de confronto, destacando que existe um reconhecimento na figura de um superior e do pároco local, não. Para finalizar, é colocado o confronto entre os novos moradores do distrito, dentre eles, os que frequentam a igreja e tece críticas a devoção. Foi uma fala de protesto em busca de reconhecimento e respeito entre os novos e desabafo, perante as críticas e deslegitimação da devoção a São Benedito na comunidade católica.

Vale ressaltar, que é uma devoção negra, essas críticas são recorrentes desde o período colonial brasileiro, quando negros e negras utilizavam-se desses festejos do calendário católico para ter o seu momento de diversão, fuga das dores do cotidiano, sendo uma forma de resistência, como ainda é, embora recebam críticas de alguns setores das sociedades arraiana, porém resistem e se ressignificam.

Com a finalização da benção final do padre, um grupo de senhores chega com atabaques na porta da igreja e cantam as músicas, logo se forma um círculo com os devotos, com entoadas de palmas e danças, a imagem do santo está presente nas mãos de uma das devotas. Como coloca João José Reis (2002), a predominância do batuque é uma expressão para identificar os encontros festivos de negros, como vem ocorrendo através de séculos, a festa em devoção a São Benedito, neste distrito.

FIGURA 32: DEVOTOS TOCANDO ATABAQUES NA PORTA DA IGREJA



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

FIGURA 33: DEVOTOS TOCANDO ATABAQUES A CAMINHO DA CASA DA SANTA



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

Logo após o momento da musicalidade, grande parte dos devotos vai para a casa da santa⁵³. Nessa residência, desde o segundo dia do tríduo, algumas organizadoras começam a fazer a primeira limpeza no local, para que no dia seguinte se inicie os preparativos do almoço, que ocorre no domingo. Neste momento é colocada a divisão sexual do trabalho da festividade, as mulheres com a organização da limpeza e alimentação, os homens, ficaram na parte da musicalidade e ajudando a servir o almoço.

⁵³Uma residência pertencente à Igreja, que é cedida há alguns para receber os romeiros de Nossa Senhora d'Ajuda e para os devotos organizarem os festejos de outras devoções

FIGURA 34: DEVOTOS CHEGANDO AO LOCAL DE ONDE ESTÁ OCORRENDO A ALIMENTAÇÃO



Fonte: Fotografado pela autora, 2023

A primeira imagem acima é o grupo chegando à localidade, uma casa branca, de portão amarelo, onde já é possível ver uma fila se formando. Ao longo dos minutos seguintes, chegam para alimentar moradores de situação de rua, vendedores de artesanatos, alguns turistas e moradores da redondeza. A alimentação era composta por frango cozido, feijão tropeiro, arroz e salada. Na parte da cozinha, fica outro grupo, lavando os pratos e fornecendo mais alimentos para as pessoas que aguardam na sala. Neste espaço é um novo momento de descontração, imbuídos de risadas e comentários dos seus cotidianos.

Como visto, a festa é composta de vários momentos, resultando novas conexões, ocorrendo um processo contínuo de reinvenções da festa de São Benedito do Arraial d’Ajuda. São redes de interesses, negociações e conflitos. São mudanças em função do que as novas atribuições pedem.

Como a senhora Lia mencionou, hoje os turistas acabam assistindo ou participando alguns passos do festejo. Assim, como é mencionado pelos mais velhos como um dos motivos desse enfraquecimento ao longo dos anos da devoção foi o fator tempo, que levou antigos membros e nem todos os descendentes adquiriram a devoção, como o caso da dona Atoninha, nenhum dos seus filhos seguem à frente do festejo.

As fases do festejo ainda tentam permanecer, a Tirada da Esmola durando de três a quatro dias. A retirada não é mais somente no centro do distrito, ocorre também em bairros, porque o Arraial d’Ajuda expandiu e alguns devotos foram obrigados a vender

suas residências e se deslocarem, porque ao lado se transformou em casas de festas ou outro segmento de entretenimento. Assim como se desfez de pequenos comércios porque não suportou a concorrência.

A devoção vive, na memória da irmandade, do cemitério, do pé de carrapateiro, na oração diária, na oferta de velas e alimentos aos pés da imagem de casa. Em todos os anos, no final de dezembro e após a páscoa, o coração do devoto se enche de esperança e fé, é o momento de agradecer, festejar e brincar. Salve São Benedito!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, buscou-se compreender a memória do passado da devoção a São Benedito, no distrito de Arraial d'Ajuda, situado na cidade de Porto Seguro, para entender quais os sentidos que os devotos atribuem à devoção no decorrer dos anos.

O distrito tem o seu nome atrelado a uma devoção mariana em torno de Nossa Senhora d'Ajuda, que se firmou no local com a construção do primeiro santuário mariano do Brasil, por volta de 1549. Mas que, ao longo dos anos, com novos e velhos moradores, foram surgindo, em meio a lutas, por travar espaços, outras devoções no âmbito popular, dentre elas, São Sebastião, São Brás e São Benedito, que se perduram até a atualidade.

A partir da década de 1970, segundo Leila Bianchi (2003), ocorreu à abertura da BR-101, facilitando o acesso aos visitantes em Porto Seguro e em consequência em Arraial d'Ajuda, momento em que o distrito é tomado pelo Movimento Hippie. Com a chegada de novos visitantes, o intuito de uma procura de um lugar de descanso, acabou por tornar-se moradores ou donos de estabelecimentos receptivos. A população local que vivia da pesca ou precisava se deslocar para outras cidades para trabalhar, tornaram-se funcionários de pousadas, barracas de praia, restaurantes, entre outros. Dessa forma, como o primeiro momento do festejo é a retirada da esmola em dezembro, período da alta temporada, alguns devotos não conseguiram compor esse momento pelo fato de estarem no emprego.

A devoção tem os seus laços marcados pelas famílias. Segundo o jornal Correio de Porto Seguro, do ano de 1913, falava de uma reorganização da Irmandade de São Benedito, ou seja, ela já existia para precisar voltar nesse período. O rito devocional foi marcado pelo festejo ao santo, desde a ida para outro distrito, Vale Verde, para ajudar a arrecadar fundos para a Tirada da Esmola, a construção do primeiro cemitério do arraial e o pé de carrapateiro, como um ponto de encontro para aqueles que não saíam na comitiva.

O distrito passou pelo processo de turistificação (Banducci; Barreto, 2002), isso refletiu no cotidiano, afetando o andamento da Tirada da Esmola, pois algumas residências transformaram-se em pousadas. Assim, ficou restrito a entrada da esmola nas casas tradicionais que se localizavam próximo a igreja.

Durante os anos o festejo foi reinventado, reformulado, ameaçado e perseguido, como da vez na qual o padre escondeu a imagem do santo que saía durante a esmola e as

opas, até mesmo negando dá a sua benção para o início da retirada da esmola. Bem como, quando um novo morador reclamou do barulho quando se inicia o festejo em dezembro.

Outro fator foi a questão do crescimento do protestantismo, gerando mudanças e alguns conflitos. Com a expansão no distrito, houve uma redução de alguns agentes dos festejos, por mais que exista uma continuidade de pais para filhos, não é uma regra, pois há aqueles que deixaram a devoção ou pelo menos não frequentam, pelo fato de ter aderido outra religião.

Durante as entrevistas, os devotos realçaram alguns elementos, tais como a maioria dos fiéis do santo no período aqui estudado, início do século XX, serem negros, e isso lhes fazem sempre que podem aludir a suas vidas com a do santo. Os atributos relacionados à população negra, como a capoeira também foi posto por uma devota como uma arma do santo. Esses elementos fazem parte do uso das imagens do santo pelo catolicismo, como adverte Anderson Machado de Oliveira (2007).

A festa a São Benedito em Arraial d'Ajuda, nos dias que se seguem ainda permanece. Como visto no terceiro capítulo, houve mudanças, novos atores sociais compõem o festejo, o distrito transformou-se e isso influenciou no andamento da devoção.

As fases do festejo ainda permanecem com a esmola durando quatro dias. A tirada não é mais somente no centro do distrito, ocorre também em bairros porque o Arraial d'Ajuda expandiu e alguns devotos foram obrigados a vender suas residências e se deslocarem, porque ao lado se transformou em casas de festas ou outro segmento de entretenimento, assim como se desfizeram de pequenos comércios porque não suportou a concorrência.

Já a segunda parte do festejo, onde ocorrem as missas, se mantém após o domingo de Páscoa, sendo três dias de celebração e um último dia de encerramento com a missa festiva e a procissão. Em seguida, vem o momento da celebração com um almoço, que é feito com o dinheiro da esmola. A refeição é oferecida aos devotos e a quem tem fome. Nesse aspecto, para os devotos, faz alusão à vida de São Benedito doar alimento a quem necessita.

A sua organização permanece sendo feita pelos devotos, numa rede de sociabilidade, composto por mulheres e homens, a maioria nascidos no distrito e que acompanham a devoção desde os seus avôs e avós, mães e pais, que veem a permanência do festejo sendo organizada pelos seus filhos e netos, sendo algo de orgulho para eles. Como foi dito nos depoimentos, *essa tradição não pode morrer*. A devoção não

desapareceu, mas ganhou novos agentes e ressignificados, mas a fé no santo negro permanece ao seu semelhante que socorre nas lamúrias diárias. Os sentidos dessa devoção estão nas famílias que carregam esse ato de seguir firme na promessa de cultuar São Benedito, tendo as suas identidades marcadas pela devoção.

LISTA DE FONTES

VOZES QUE COMPÕE A DEVOÇÃO A SÃO BENEDITO

Antônia Jorge, 81 anos. Nascida em Arraial d'Ajuda. Na sua juventude já trabalhou na roça da família, com o plantio de alimentos; estudou muito e gostava de ir para a escola. Acompanha a devoção a partir dos seus bisavôs e pais.

Carlos Antônio. 52 anos. Nascido em Arraial d'Ajuda. Segue a devoção através da sua avó. Professor Pedagogo

Fernando Antônio. 64 anos. Nascido em Vale Verde. Adquiriu a devoção através do seu pai. Pescador.

Hermes José. 90 anos. Nascido em Arraial d'Ajuda. Atualmente o membro mais velho do festejo. Filho do senhor Gracialino, último tesoureiro da Irmandade de São Benedito. Já foi pescador.

Maria do Rosário. 63 anos. Nascido em Arraial d'Ajuda. Acompanha a devoção a partir da sua mãe. Já foi agente de saúde, hoje está Aposentada.

Sirlene Gonçalves. 58 anos. Acompanha a devoção a partir dos seus pais. Professora pedagoga aposentada.

FONTES PERIODICAS

Arquivo público do Estado da Bahia – APEB. Seção Provincial. Livro de Irmandade. Maço 5264. Porto Seguro (1861).

Correio de Porto Seguro, 1913, nº 38, p.02

Correio de Porto Seguro, 1913, nº48, p. 03

Correio de Porto Seguro, 1913, nº 75, p.05

Correio de Porto Seguro, 1914, nº 114, p.03-04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed.rev.ataul. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- AUGRAS, Monique. **Todos os santos são bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.
- BANDUCCI JUNIOR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Orgs.). 2001. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas-SP: PapiruBrasiliense, 2000
- AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. n.70, 2018, p.44-58.
- BENFICA, Tiago AlinorHoissa. Festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição, padroeira de Dourados (1920-1960): conservadorismo e mudança de práticas culturais. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.4, n.7 jul-dez, 2014.p.16-37
- CANCELA, Francisco Eduardo Torres. **A devoção de São Benedito e a memória afro-brasileira em Porto Seguro**: Notas para um novo paradigma interpretativo do patrimônio cultural da “terra mãe do Brasil”. In Estado e sociedade sob olharesin(ter)disciplinares: experiências e perspectivas territoriais no Sul da Bahia. BougleuxBomjardim da Silva Carmo - organizador. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. **As muitas faces das devoções**: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 16, n. 3/4, 2006, p. 257-269.
- CASANOVA, Pablo González. **O Colonialismo Interno (uma redefinição)**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. Ed.. Rio de Janeiro: Ediouro 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre prática e representações**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1990
- COSTA, Janine da Guia. **A igreja católica e o processo de moralização dos negros escravizados no Brasil do século XVII**. Guarabi:UEPB, 2011.
- COUTO, Edilece Souza. **Devoções, festas e ritos**: Algumas considerações. Revista Brasileira de História das Religiões, v1.n1, 2008, p.01-10.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Apresentação**. In (org.). Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2005.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Vários zés, um sobrenome**: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In (org.). Carnavais e outras f(r)estas: ensaios da história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp, CECULT, 2005.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: PUC-SP. n° 10, 1993.
- DEL PRIORE, Mary Lucy. **O tempo dos mortos e de morrer**. In Histórias de gente Brasileira. São Paulo: Leya, 2016.
- DUARTE, Alexsander Jorge. **De sinal sonoro a marco sonoro**: a recontextualização do ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** /tradução Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.

- FALCÃO, Manuel Franco. **Enciclopédia Católica Popular**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FERLINI, Vera Lúcia do Amaral. **Folgedos, feiras e feriados: aspectos socioeconômicos das festas no mundo do engenho**. In Festa: Cultura e Sociabilidade na Fapesp, 2001.
- FOOTE-WHYTE, Willian. **Treinando a observação participante**. In. Desvendando máscaras sociais. 2ª edição, Livraria Francisco Alves Editora S.A, 1980.
- HALL, Stuart. **Cultura popular e identidade**. In: Da diáspora: Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: **Invenção das tradições**. In: A invenção das tradições (org.) RANGER, Terence. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Objeto, método e alcance desta pesquisa**. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1990.
- LUZ, Alvaci Mendes da. **Um santo preto no altar: Resistência e protagonismo em um território de disputas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022
- NASCIMENTO. Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Santos de cor: Hagiografia e hierarquias sociais na América Portuguesa (século XVIII)**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2008.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Igreja e escravidão africana no Brasil Colonial**. Caderno de ciências humanas – Especiaria: v.10, n.18, jul-dez, 2007.
- OLIVEIRA, Anderson José Machado de. **Santos pardos e pretos na América Portuguesa: catolicismo, escravidão, mestiçagens e hierarquias de cor**. StudiaHistorica – História Moderna, Salamanca, v. 38, n. 1, p. 65-93, 2016
- OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro de. **Expressões religiosas populares e Liturgia**. In Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 172, dez. 1983
- OLIVEIRA, Joyce Ferreira de. **A imagem de São Benedito: uma construção da devoção identitária pela cor da pele**. UFSC - Florianópolis: II Simpósio internacional da ABHR: História, gênero e religião: Violência e Direitos Humanos, 2016.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista De Antropologia, 39(1), 13-37, 1996.
- PEREIRA, José Carlos. **A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo**. Revista de Estudos da Religião, nº. 3, 2003, p. 67-98.
- PIRES, Ewerthon Velos. **Impactos Sócio-Culturais do Turismo sobre as Comunidades Receptoras: Uma Análise Conceitual**. In Caderno Virtual de Turismo, Vol. 4, nº 3, 2004.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- PUCU, Pinheiro. **Historinha do Arraial de Nossa Senhora da Ajuda**. Fortaleza: Ipiranga, 1993.
- QUEIROZ, Maria Isaura de. **O catolicismo rústico no Brasil**. RIEB - Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 5, p. 104-123, 1968.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Lá vem o meu parente: As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e Pernambuco (Século XVIII)**. São Paulo: Anablume: Fapesp, 2002.

- REIS, João José. **Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, **1996**.
- REIS, João José. **Tambores e t(r)emores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX**. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2002.
- SANT'ANNA, Elcio. **História, epistemologia e emaranhado nas narrativas de São Benedito de Bragança do Pará**. In Revista Relegenthrésquia, vol. 07, n.º 2, 2018.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2006.
- SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII**. São Paulo: Nacional (Coleção Brasileira), 1976.
- VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. **São Benedito: dos montes de Palermo para os Altares do mundo: a saga de um santo negro**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2015.
- ZARATTINI, Fábio. **Santos negros carmelitas e franciscanos: estudo das imagens de Minas Gerais e Pernambuco**. REVER: São Paulo, v.2, n.1, 2022.
- SILVA, Ivaneide Almeida da. **Vale Verde: Algumas Histórias de uma comunidade**. UFRB – Cachoeira: VI Encontro Estadual de História, 2013
- REIS, João José Reis. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**, São Paulo, Cia. das Letras, **1991**.

ANEXOS

Modelo de como as fontes orais foram organizadas:

Entrevista Antoninha (Antônia Jorge dos Santos)

Nomes citados: Antonio Jorge; Manoel Alves; Manuel Durval (pai de Fernando); Zé de Maria Brisa; Filadelfio

DEVOÇÃO NA FAMÍLIA	<p>Lavinia: A senhora era da Irmandade de São Benedito?</p> <p>Antoninha: não, quem era da Irmandade de São Benedito era meu pai, primeiro foi o meu avô né, depois foi o meu pai que era da Irmandade de São Benedito tinha opa.... a festa de São Benedito era assim: começava pela irmandade e nunca acabou e nem vai acabar porque tá no livro no santuário A Irmandade de São Benedito, tem a festa de São Sebastião, São Braz, e o festejo de Nossa Senhora d'Ajuda</p> <p>[...]só tem Hermes, a mãe de Ana, Jasmína, eu e Dona Célia mas Célia quase não tá saindo, Manoel de Zequinha, Manoel de Nonoca, Os pais dele era festeiro de São Benedito</p>
COMO OCORRIA O FESTEJO	<p>a festa era assim: sempre fazia na procissão e a missa segunda-feira, depois da semana santa tem sábado de aleluia, Domingo de Páscoa, segunda-feira era festa de São Benedito, mas tinha o pessoal da prefeitura (que trabalhava), as meninas que trabalham e tudo não podia vir, a filarmônica que vinha todos os anos tocar não podia vir também então passou para o segundo domingo da semana santa da páscoa, E aí no outro domingo é a festa de São Benedito e a procissão e a esmola de São Benedito era assim: dia 25 de dezembro, 24,25 é esmola sai a esmola, todos de opa de São Benedito, era uma esmola muito bonita tinha os cânticos lindos também</p> <p>[...]já nas casas tudo cantando e tirando a esmola e dava assim de gente menina, todo mundo acompanhava, era só no quadrado e na rua da Lapinha, tinha a Rua da Palha que é ali na Broadway, e a Lapinha, a Lapinha era ali onde era o cemitério e um campo de bola dos meninos que hoje é a Praça dos hippies a casa de Dona Honorina por ali,</p> <p>ai no dia 25 era só ali só, e ia para igreja no dia 26 pegava São Benedito, era dois jegues que ia com cangalha, caçoar, colocava as roupas da gente, as coisas tudo panela, porque às vezes Tinha que parar no caminho para cozinhar, nós ia tudo de pé para Vale Verde quando chegava lá de noite em Vale Verde, era só no quadrado também, já recebia a gente com palmas, com fogos, em Vale Verde era bonito demais, a gente saia daqui de pé minha filha (risos), chegava lá 5 ou 6 horas da tarde em Vale Verde, quando chegava lá descansava, colocava o São Benedito na igreja, pessoal de Vale Verde era muito devota de São Benedito, e ia rezar o Ofício tudo, e nós ia descansar para tirar esmola em Vale Verde a mesma coisa, tirando a esmola e ao redor da igreja de São Benedito</p> <p>Ai a gente ficava sambando, sambando, sambando, ai ia descansar, ai no dia 27 a gente acordava cedinho e vinha de novo de pé, com jegue trazendo de tudo, era porco, era galinha, era ovos, jaca, coco tudo que o pessoal dava lá trazia, tudo, até peixe, camarão, vinha de pé até o Arraial Dajuda de novo, mas era bonito demais</p> <p>Lavinia: E por que parou de ir para Vale Verde?</p> <p>antoninha: por que os antigos foram morrendo, seu Zequinha morreu, seu mané Alves morreu, que era o pai de Manezinho, Mané Alves que era tudo, Mané Durval, senhor Graciliano que era o pai de Dona Igina. Eles foram falecendo, morrendo ai acabou, a única pessoa que tinha mais era minha tia Naninha, Tia Maria e Dona Maria de Romildo e o sanfoneiro também faleceu que era Zé de Maria Brisa, senhor Filadelfio</p>
	<p>[...]Lavinia: quem tocava os instrumentos era sempre os homens?</p> <p>Antoninha: era sempre os homens</p> <p>Lavinia: Por que as mulheres não tocavam instrumentos?</p> <p>Antoninha: as mulheres eram só para dançar para sambar</p>
O FESTEJO PERDENDO ESPAÇO	<p>Lavinia: e porque a senhora acha que diminuiu o festejo?</p> <p>Antoninha: ai acabou, acabou tudo, chegou esse povo de fora aqui, esse povo de fora tá acabando com tudo, não quer zoadá, não quer barulho, é o tipo de gente... Não é daqui e fica reclamando, fica nas suas terras se não é daqui, porque esse povo não sabe de nada, nem da festa d'Ajuda, festa nenhuma, [...] São Benedito era uma maravilha a gente vinha tudo cantando brincando, Chegava no carrateiro já tava o sanfoneiro, o violino tocando, tudo esperando São Benedito ai já vinha de lá para cá cantando de novo até o Santuário, era bonito demais</p> <p>Lavinia: a senhora acha que houve interferência do Turismo?</p> <p>antoninha: foi, esse turismo não presta não, eu não gosto muito, Pousada, muita gente, muita bagunça, ai vem a droga, as porcarias todas, aqui não tinha esse negócio de droga não minha filha, nada disso tinha, que era só devoção de Nossa Senhora D'Ajuda e São Benedito, São Sebastião e São Braz, São João aqui era bom, quadrilha a gente dançava quadrilha ali na praça, Célia fazia quadrilha a gente dançava, era muito bonito demais</p> <p>[...]era uma coisa muito interessante muito bonito tudo tranquilo não tinha confusão não tinha nada, agora e fizeram uma festa aqui no salão, e tiver zoadá em barracão o pessoal de Fora embarga festas</p> <p>Pois A festa de São Benedito é muito bonita mas tem o pessoal de Fora que veio, não quer nada com o lugar, só quer praia e para eles só querem ganhar não querem nada</p>
O QUE FAZ A DEVOÇÃO VIVER	<p>É sair cantando nas casas quem quiser receber São Benedito receba e quem não quiser não receba, vamos para outra casa, é assim que a gente tem feito não é... É porque tem muito evangélico também</p>
A CHEGADA DO PROTESTANTISMO	<p>aqui não tinha um evangélico no Arraial D'Ajuda, não tinha não minha filha, tudo era católico</p>
BIOGRAFIA	<p>Antônia Jorge dos Santos: Tenho 80 anos, Nasci Aqui no Arraial, estudei muito, ah! era bonita a escola era na frente da igreja, do lado da casa do padre era a escola, a professora só uma que era formada, a professora Noêmia, era uma coisa boa menina, ali mesmo a gente estudava, ali mesmo tinha a catequese ia para igreja rezar e brincava também.</p> <p>passsei a vida toda aqui no Arraial D'ajuda, só morei cinco anos em Eunápolis quando ainda era 64, mas não gostei eu trabalhava na roça, tinha uma roça que era Mucugê todinha de cima a baixo, até a praia do Mucugê, a gente plantava de tudo, E ai ficava lá, tinha muito peixe para a gente comer</p> <p>[...]Aqui de primeiro era muito bom, a gente não comprava comida, meu pai ia pescar quando vinha com uma canoa cheia de peixes (risos), ninguém passava fome porque dividir o que pescava, da Mandioca a gente fazia farinha né tinha muita mandioca muito feijão verde muito milho</p> <p>Lavinia: A senhora tem filhos?</p>

	<p><u>Antoninha</u>: Tenho, Benedita que é professora, Luzia e Ivan</p>
ROMARIA D'AJUDA	<p>os Romeiros chegavam a gente abre as portas para o Romeiro, as barracas na praça mesmo as barracas eram de palha, tudo ali na praça de um lado a outro da rua, tinha comida tinha bebida tudo ali na praça</p> <p>Lavinia: e os Romeiros vinho de onde?</p> <p><u>Antoninha</u>: vinhas de <u>Almenara</u>, <u>Alcobaca</u>, <u>Rubin (MG)</u>, <u>Teófilo Otoni</u>, <u>Salto da Divisa</u>, <u>Carlos Chagas</u>, <u>Machacalis</u></p> <p>Lavinia: e ele ficavam Onde?</p> <p><u>Antoninha</u>: ficavam tudo na casa da Santa, a Casa da santa não era nenhuma alugada, era casas, o barracão era enorme tudo com fogão de lenha para os Romeiros cozinhar, os cavalos ficavam todos no mangueiro da santa, ali ficava não sei quantos cavalos, e os Romeiros não ficavam nenhum nem dois dias não, ficavam ficava uma semana para descansar os cavalos</p> <p>a festa D'Ajuda era uma festa muito bonita, o lugar era pequeno mas recebia todo mundo, com amor e carinho e principalmente os Romeiros, os Romeiros que vinham visitar Nossa Senhora pagar as suas promessas, eles não vão ganhar dinheiro, eles vão trazer o dinheiro para nossa senhora e foi desse dinheiro que construiu as casas todinha</p> <p><u>Antoninha</u>: a casa da santa, agora as casas tudo alugada, os Padre os bispos.... o dinheiro era só para consertar as casas, quando chegava 6 de Agosto as casas tinha que tá tudo prontinho, tudo Pintadinha para os romeiros, tinha até lenha para os Romeiros, o meu pai e Mané do Val, Cazuzá, lascava um monte de lenha e colocava embaixo do fogão para os Romeiros cozinhar, as casas eram todas de assoalho, que agora É Café da santa e não sei mais o quê, aquele corredor todo tudo é da Santa só tem duas casas que não é, é que a pousada de Manuel e a sorveteria. A casa de Cazuzá, O resto tudo era da santa do outro lado também</p>
TRANSFORMAÇÕES DO ARRAIAL	<p>Aqui no Arraial era muito <u>tranquilo</u>, não tinha esse negócio de roubo, de traficante, nem de nada não, era <u>tranquilo</u>, a gente colocava esteira no chão na porta da rua com a lua bem clara não tinha energia nem nada, a gente ficava a noite toda dando risada conversando <u>tranquilo</u> ali na praça, sentada na porta da rua. quando era São João a gente fazia aquelas fogueira enormes, fazia aquela <u>folgueirona</u> assava peixe, assava milho, não tinha perigo nenhum, a igreja amanhecia aberta na festa de agosto não fechava não, agora com Policia segurança isso e aquilo</p> <p>[...]Aqui no Arraial era muito <u>tranquilo</u>, não tinha esse negócio de roubo, de traficante, nem de nada não, era <u>tranquilo</u>, a gente colocava esteira no chão na porta da rua com a lua bem clara não tinha energia nem nada, a gente ficava a noite toda dando risada conversando <u>tranquilo</u> ali na praça, sentada na porta da rua. quando era São João a gente fazia aquelas fogueira enormes, fazia aquela <u>folgueirona</u> assava peixe, assava milho, não tinha perigo nenhum, a igreja amanhecia aberta na festa de agosto não fechava não, agora com Policia segurança isso e aquilo</p> <p>e aquela <u>Mucugê</u> ali, não vou naquela rua do <u>Mucugê</u> porque só tem loja, só tem quem queira ganhar dinheiro não é <u>antigamente</u> ali era uma estrada apertadinha, <u>guarazeiro</u> de uma lado <u>guarazeiro</u> de outro, com <u>murteiro</u> de uma lado <u>murteiro</u> do outro e cajueiro, a gente andava por ali tudo para descer pra praia, pra pegar fruta, Caju, agora ninguém pode, não tem um Caju mais, ninguém pode entrar, cortaram tudo, acabaram com tudo, Mangaba e tudo, pegava água no Jabaquara aí proibiram era uma água boa, a Jabaquara era pra cá do Shopping</p> <p>Pois é a festa de São Benedito é uma festa muito bonita</p>